

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE LETRAS

Luana Marinho Duarte

**ALOCAÇÃO DE ESFORÇO COGNITIVO EM UMA TAREFA DE
(RE)TRADUÇÃO:**

estudo sobre desempenho no par linguístico francês-português

Belo Horizonte

2017

Luana Marinho Duarte

**ALOCAÇÃO DE ESFORÇO COGNITIVO EM UMA TAREFA DE
RETRADUÇÃO:
estudo sobre desempenho no par linguístico francês-português**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de Concentração: Linguística Aplicada
Linha de pesquisa: Estudos da Tradução – 3B
Orientadora: Prof^a Dr^a Adriana Silvina Pagano

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2017

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

D812a Duarte, Luana Marinho.
Alocação de esforço cognitivo em uma tarefa de retradução [manuscrito] : estudo sobre desempenho no par linguístico francês-português / Luana Marinho Duarte. – 2017.
146 f., enc.:il., grafs, tabs (color)(p&p)
Orientadora: Adriana Silva Pagano.
Área de concentração: Linguística Aplicada.
Linha de Pesquisa: Estudos da Tradução.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 83-87.
Apêndices: f. 88-145.

1. Tradução e interpretação – Teses. 2. Traduções – Estudo e ensino – Teses. 3. Língua francesa – Traduções para o português – Teses. 4. Serviços de tradução – Métodos experimentais – Teses. I. Pagano, Adriana Silva. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 418.02



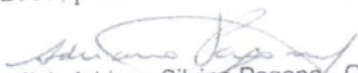
FOLHA DE APROVAÇÃO

**Alocação de esforço cognitivo em uma tarefa de (re)tradução:
estudo sobre desempenho no par linguístico francês-português**

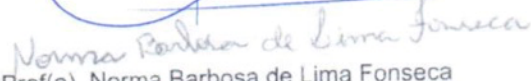
LUANA MARINHO DUARTE

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA APLICADA, linha de pesquisa Estudos da Tradução.

Aprovada em 12 de abril de 2017, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Adriana Silvana Pagano - Orientador
Faculdade de Letras da UFMG


Prof(a). Gleiton Malta Magalhães
UNB


Prof(a). Norma Barbosa de Lima Fonseca
UFMG

Belo Horizonte, 12 de abril de 2017.

RESUMO

Esta dissertação afilia-se ao campo disciplinar dos Estudos da Tradução, mais especificamente, aos estudos do processo tradutório. Baseando-se em Malta (2015), explora a caracterização do processo tradutório em tarefas de (re)tradução, definidas pela presença de mais de um texto como insumo para a produção de um texto-alvo: o texto-fonte e uma ou mais tradução(ões) já existente(s) desse texto na língua-alvo. Um experimento simulando esse tipo de tarefa foi conduzido e dados coletados por meio de rastreamento ocular (*eye-tracking*) e registro de teclado e mouse (*key-logging*), no intuito de investigar o desempenho de estudantes de língua estrangeira no par linguístico francês-português. Durante o experimento, os participantes tiveram seus movimentos oculares monitorados e suas operações de teclado e mouse registrados em tempo real, sendo a tarefa de (re)tradução antecedida por uma tarefa de cópia, conduzida no intuito de ambientar os participantes ao leiaute da tarefa de (re)tradução. Na terceira e última etapa do experimento, os participantes foram orientados a verbalizar sobre seu desempenho na tarefa, primeiramente de forma livre ao mesmo tempo em que visualizavam a reprodução das operações de teclado e mouse por eles executadas durante a tarefa de (re)tradução; e posteriormente por meio de respostas a um roteiro de perguntas abrangendo questões pertinentes para a pesquisa. Na análise dos dados, foram delimitadas quatro áreas e microáreas de interesse contemplando os quatro textos envolvidos, sendo eles o texto-fonte, o texto-alvo e duas traduções do texto-fonte já publicadas na língua-alvo. As microáreas foram delimitadas a partir de um problema de tradução identificado por meio de análise textual dos textos, fundamentada pela Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014; FIGUEREDO, 2007, 2011). A alocação de esforço cognitivo nas áreas e microáreas de interesse foi investigada por meio da análise de variáveis de rastreamento ocular consideradas indicativas de esforço cognitivo: visitas (número e duração), transições visuais e fixações (número e duração) (ALVES, 2002; ALVES, PAGANO, SILVA, 2011; HVELPLUND, 2011, 2014; MALTA, 2015; O'BRIEN, 2006; SJØRUP, 2013). Os relatos retrospectivos foram gravados e transcritos, permitindo a triangulação dos dados de rastreamento ocular com os de protocolo verbal, de acordo com Alves (2001, 2003). Os resultados corroboraram parcialmente Malta (2015), indicando maior alocação de esforço cognitivo na área do texto-alvo, a qual serve como nexos para as transições visuais. Verificou-se menor alocação de atenção visual nas áreas dos textos de insumo (traduções prévias), reforçando as conclusões de Malta (2015) de que estas possuem um papel auxiliar na relação predominante, mantida entre texto-fonte e texto-alvo. A resolução de um problema de tradução gerou impacto na coordenação de recursos cognitivos nas áreas do texto-fonte e do texto-alvo, porém, diferentemente de Malta (2015), o processamento do texto-fonte não demandou mais esforço cognitivo do que o processamento do texto-alvo. Os protocolos verbais elucidaram os resultados obtidos por rastreamento ocular e reforçaram as observações de Malta (2015) de que, durante tarefas de (re)tradução, os participantes visam a uma tradução de tipo “autoral”, isto é, um texto-alvo que se diferencia dos textos-insumo previamente traduzidos nessa língua, disponibilizados como parte do desenho da tarefa.

Palavras-chave: Processo tradutório. (Re)tradução. Esforço cognitivo. Rastreamento ocular. Linguística Sistêmico-Funcional. Francês-português.

ABSTRACT

This thesis is affiliated to the discipline of Translation Studies, more particularly to process-oriented studies of translation. It draws on Malta (2015) in order to further characterize the translation process in (re)translation tasks, wherein more than one text serve as input for the production of a target text: the source text and one or more existing translation(s) of this source text in the target language. An experiment simulating this kind of task was conducted and data were collected using eye-tracking and key-logging in order to investigate the performance of foreign language students in the language pair French/Portuguese. During the experiment, participants had their gaze path monitored and their keyboard and mouse movements recorded in real time. The (re)translation task was preceded by a copy task, conducted in order to introduce participants to the (re)translation task layout. In the experiment's third and final stage, participants were asked to engage in verbal protocols recalling their experience, these being first free protocols recorded while visualizing the keyboard and mouse operations they performed during the (re)translation task; and subsequently guided protocols with their response to a set of questions covering issues considered relevant to this research. In the data analysis, four areas and four micro areas of interest covering the four texts involved were defined, namely, the source text, the target text and two translations of the source text already published in the target language. The micro areas were established on the basis of a translation problem mapped through a text analysis based on Systemic-Functional theory (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014; FIGUEREDO, 2007, 2011). Allocation of cognitive effort to the areas and micro-areas of interest was investigated by analyzing the eye-tracking variables considered indicative of cognitive effort: visits (number and duration), visual transitions and fixations (number and duration) (ALVES, 2002 ; ALVES, PAGANO, SILVA, 2011; HVELPLUND 2011, 2014; MALTA, 2015; O'Brien, 2006; SJØRUP, 2013). Recall protocols were recorded and transcribed, allowing triangulation of eye-tracking data with the verbal protocols, according to Alves (2001, 2003). The results partially corroborated Malta (2015), indicating greater cognitive effort allocation to the target text area, which serves as a link for visual transitions. The allocation of visual attention on input texts (previous translations) is lower than on source and target texts reinforcing Malta's conclusions regarding the auxiliary role played by the input texts if compared with the prevailing role of the relationship between source text and target text. The coordination of cognitive resources in the areas regarding the source and target texts was found to be impacted during a problem solving, although source text processing didn't exert more cognitive effort than target text processing, as detected in Malta (2015). Verbal protocols elucidated the eye-tracking results and reinforced Malta's (2015) finding that participants seek an "authorial" translation during (re)translation tasks, i.e., the production of a target text different from the input translated texts available in the task design.

Palavras-chave: Translation Process. (Re)translation. Cognitive Effort. Eye-tracking. Systemic-Functional Linguistics. French/Portuguese.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização da pesquisa no mapa de Holmes (1972-2004).....	14
Figura 2 - Modelo processual da (re)tradução.....	24
Figura 3 - Tela capturada do leiaute da tarefa mostrando as configurações 1 e 2.....	35
Figura 4 – Tela capturada do Tobii Studio mostrando a demarcação das AOIs e MAOIs	36
Figura 5 – Tela capturada de editor de planilha mostrando parte da anotação manual dos textos.....	37
Figura 6 - Captura de tela dec parte da anotação manual mostrando mudanças (shifts) ocorrendo na ordem da oração entre o TF e as traduções prévias.....	38

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de visitas às AOIs.....	47
Gráfico 2 – Porcentagem de visitas às AOIs	47
Gráfico 3 - Diferença entre os números de visitas realizadas às AOI (%)	49
Gráfico 4 - Diferença entre o número de visitas realizadas às MAOIs	51
Gráfico 5 – Número de visitas às MAOIs (%)	52
Gráfico 6 - Número de fixações por AOI.....	61
Gráfico 7 - Fixações por AOI (%).....	61
Gráfico 8 - Porcentagem de fixações nas MAOIs	63
Gráfico 9 - Duração média das fixações por AOI (em milissegundos).....	64
Gráfico 10 - Duração média das fixações por MAOI.....	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Hipóteses, perguntas e objetivos específicos	15
Quadro 2 - Definição processual de (re)tradução	25
Quadro 3 - Perfil dos participantes da pesquisa	30
Quadro 4 - Perguntas gerais e específicas utilizadas no relato guiado	32
Quadro 5 - Textos utilizados na tarefa de cópia	33
Quadro 6 - Textos utilizados na tarefa de (re)tradução	34
Quadro 8 - Variáveis utilizadas no estudo	43
Quadro 9 - Síntese dos resultados de rastreamento ocular	77

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Resultado da análise de qualidade dos dados.....	42
Tabela 2 - Número de visitas por participante por AOI.....	47
Tabela 3 - Resultados estatísticos relativos ao número de visitas.....	48
Tabela 4 - Número de visitas por AOI por configuração do experimento (C1 e C2).....	49
Tabela 5 - Tamanho dos textos das AOIs e MAOIs.....	50
Tabela 6 - Número de visitas por participante por MAOI.....	51
Tabela 7 - Resultados dos testes estatísticos referente ao número de visitas às MAOIs.....	53
Tabela 8 - Duração média das visitas por participante por AOI (em milissegundos).....	54
Tabela 9 - Resultado dos testes estatísticos para a variável duração média de visitas (AOIs).....	54
Tabela 10 - Duração média das visitas por participante por MAOI (em milissegundos).....	55
Tabela 11 - Resultados dos testes estatísticos para a variável duração média de visitas (MAOIs).....	56
Tabela 12 - Número e porcentagem de transições visuais entre as AOIs.....	57
Tabela 13 - Número de transições por participante partindo do TF e do TA.....	58
Tabela 14 - Número de transições por participante partindo da T1 e da T2.....	58
Tabela 15 - Resultados dos testes estatísticos referentes às transições visuais interáreas.....	60
Tabela 16 - Número de fixações por participante por AOI.....	61
Tabela 17 - Resultados dos testes estatísticos referentes ao número de fixações nas AOIs.....	62
Tabela 18 - Número de fixações por participante por MAOI.....	63
Tabela 19 - Resultados dos testes estatísticos para a variável número de fixações (MAOIs).....	64
Tabela 20 - Duração média das fixações por participante por AOI (em milissegundos).....	65
Tabela 21 - Resultados dos testes estatísticos para a variável duração média das fixações (AOIs).....	66
Tabela 22 - Duração média das fixações por participante por MAOI (em milissegundos).....	67
Tabela 23 - Resultados dos testes estatísticos para a variável duração das fixações (MAOIs).....	68
Tabela 24 - Tempo despendido por participante durante o relato livre.....	69
Tabela 25 - Tempo de realização da tarefa de (re)tradução (HH:MM:SS).....	78
Tabela 26 - Tempo do olhar na tela.....	131
Tabela 27 - Porcentagem das fixações na amostra do olhar.....	131

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AOI(s):	Área(s) de interesse
cm:	Centímetro(s)
DALF:	Diploma Aprofundado de Língua Francesa
DELF:	Diploma de Estudos em Língua Francesa
DP:	Desvio Padrão
FALE:	Faculdade de Letras
HR:	Hipótese da Retradução
LA:	Língua-alvo
LD:	Lado direito
LE:	Lado esquerdo
LF:	Língua-fonte
LETRA:	Laboratório Experimental de Tradução
LSF:	Linguística Sistêmico-Funcional
MAOI(s):	Microárea(s) de Interesse
DMF:	Duração média das fixações
ms:	Milissegundo(s)
MTA:	Microárea do Texto-alvo
MTF:	Microárea do Texto-fonte
MT1:	Microárea da Tradução 1
MT2:	Microárea da Tradução 2
PFO:	Porcentagem das fixações na amostra do olhar
TA:	Texto-alvo
TF:	Texto-fonte
T1:	Tradução 1
T2:	Tradução 2
TOT:	Tempo do olhar na tela
UFMG:	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 REVISÃO TEÓRICA.....	17
2.1 Estudos processuais da tradução.....	17
2.1.1 Tipos de tarefa e caracterização dos processos envolvidos.....	21
2.2 O percurso teórico da noção de retradução.....	25
2.3 A abordagem sistêmico-funcional da tradução.....	27
3 METODOLOGIA.....	30
3.1 Participantes da pesquisa.....	30
3.2 Instrumentos e materiais.....	31
3.3 Experimento.....	31
3.3.1 Tipo de tarefa e comando (<i>brief</i>).....	31
3.3.2 Textos.....	33
3.3.3 Leiaute.....	34
3.3.4 Demarcação das AOIs e MAOIs.....	36
3.4 Procedimentos de análise dos dados.....	40
3.4.1 Análise da qualidade dos dados de rastreamento ocular.....	40
3.4.2 Variáveis de rastreamento ocular.....	43
3.4.3 Protocolos verbais.....	44
4 RESULTADOS.....	45
4.1 Rastreamento ocular.....	45
4.1.1 Visitas e transições visuais.....	46
4.1.2 Fixações.....	60
4.2 Protocolos verbais.....	68
4.2.1 Protocolo livre.....	68
4.2.2 Protocolo guiado.....	73
4.3 Resumo e triangulação dos dados.....	77
5 CONCLUSÕES.....	81
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	83
APÊNDICE A: Protocolo verbal livre.....	88
APÊNDICE B: Protocolo verbal guiado.....	98
APÊNDICE C: Questionário.....	116
APÊNDICE D: Categorias sistêmico-funcionais utilizadas para a anotação dos textos insumo deste estudo.....	122
APÊNDICE E: Resultados da análise da qualidade dos dados.....	131

APÊNDICE F: Programa utilizado para a coleta de dados	132
-------------------------------------------------------------	-----

1 INTRODUÇÃO

O campo disciplinar dos Estudos da Tradução teve o seu primeiro mapeamento proposto em 1972 por James S. Holmes (HOLMES, 1972/2004), em uma tentativa de estabelecer uma disciplina independente com um escopo bem definido. Conhecido como “mapa Holmes/Toury”, devido à sua subsequente difusão e elaboração em forma de gráfico pelo estudioso da tradução Gideon Toury (TOURY, 1995, p. 10), o esquema inicialmente proposto por Holmes é considerado um trabalho seminal ao qual muitos estudiosos da tradução recorrem até hoje para apresentar as abordagens possíveis dentro do campo disciplinar (MUNDAY, 2002, p. 15-17; MALMKJAER, 2005, p. 17-20). Com o mapa Holmes/Toury, inaugura-se um novo tipo de abordagem dentro dos Estudos da Tradução, que abandona uma orientação até então prescritivista, preocupada em informar de que forma o tradutor deve agir e como uma tradução deve ser, e passa a priorizar uma orientação descritivista, preocupada em entender e explicar como a tradução de fato é. Desse modo, para Holmes (1972), aos Estudos da Tradução cabe, por um lado, descrever o fenômeno tradutório e, por outro, estabelecer, a partir da descrição do fenômeno, padrões capazes de explicar e prever o ato e o produto da tradução. De acordo com Carl, Bangalore e Schaeffer (2016), o uso de corpora, sugerido por Toury (1995), facilitou o desenvolvimento de hipóteses acerca desses padrões, porém pouco conseguiu informar acerca do processo da tradução, que tem no tradutor seu principal agente. Foi somente com a otimização das ferramentas e metodologias de pesquisa, em especial de programas que permitem rastrear o movimento ocular e registrar o acionamento de teclas de teclado e mouse, que os Estudos da Tradução tem conseguido, por fim, descrever e modelar o ato tradutório, a partir do comportamento do tradutor (CARL, BANGALORE, SCHAEFFER, 2016, p. 4).

Segundo Malta (2015, p. 41-42), o processo da tradução tem sido investigado tradicionalmente a partir de três tipos de tarefa: tradução, revisão e pós-edição. Uma tarefa que permanecia até então inexplorada, mas que vem sendo atualmente investigada em pesquisas desenvolvidas pelo Laboratório Experimental de Tradução (LETRA/UFMG), é a da retradução, que envolve a produção de um texto-alvo a partir de um texto-fonte que já tenha sido traduzido para a língua-alvo, com acesso à(s) tradução(ções) já existente(s) desse mesmo texto (MALTA, 2015, p. 193).

A retradução é um tema profundamente investigado dentro dos estudos descritivos do produto tradutório (MILTON e TORRES, 2003), tendo sido considerado como objeto de

investigação científica pela primeira vez em 1990, com a publicação da edição nº 4 do periódico francês *Palimpsestes*. As discussões ali apresentadas, sobretudo as de Berman (1990) e Bensimon (1990 *apud* PALOPOSKI; KOSKINEN, 2004), e mais tarde retomadas por Gambier (1994), culminaram no que ficou conhecido como “Hipótese da Retradução”. A Hipótese da Retradução (doravante HR) compreende a ideia de que a primeira tradução de uma obra é mais assimiladora ou “domesticadora”, nos termos de Venuti (1995), do que as traduções subsequentes dessa obra, ou seja, suas retraduições. Segundo a HR, a primeira tradução teria o papel de introduzir a obra à cultura receptora e, portanto, estaria preocupada em assegurar sua aceitabilidade pelo público leitor. Sendo assim, ela tenderia a reduzir a alteridade “em nome da legibilidade” (GAMBIER, 1994, p. 114), acabando por distanciar-se do texto original. As retraduições, por sua vez, tenderiam a incorporar mais livremente as diferenças culturais do texto original por já ter ocorrido um período de assimilação pelo público-alvo após a primeira tradução. Desse modo, a HR se baseia no pressuposto de que as retraduições se aproximariam mais do texto-fonte do que a primeira tradução deste (BENSIMON, 1990 *apud* PALOPOSKI; KOSKINEN, 2004; BERMAN, 1990; GAMBIER, 1994).

Estudos revelam, contudo, a complexidade do tema e a necessidade de se estudá-lo mais a fundo (DASTJERDI; MOHAMMADI, 2013; DEANE, 2011; DESMIDT, 2009; DOMINGOS e SILVA, 2015; FALEIROS, 2009; MALTA e RAEL, 2015; MATHIJSSSEN, 2007; MATTOS e FALEIROS, 2015; OLIVEIRA, 2014; PALOPOSKI e KOSKINEN, 2004; SUSAM-SARAJEVA, 2003). Em 1994, Gambier já apontava a necessidade de que estudos empíricos fossem conduzidos para que o conceito de retradução fosse mais bem compreendido (GAMBIER, 1994, p. 416). Depois de Gambier, outros autores reforçaram essa necessidade, entre eles Desmidt (2009) e Paloposki e Koskinen (2004). Esses autores afirmam que, apesar de ser plausível ou mesmo esperado que muitas retraduições correspondam às suspeitas levantadas pela HR, esta precisa se basear não apenas em observações intuitivas, mas em pesquisas que sejam capazes de comprová-la empiricamente.

A retradução é uma atividade bastante recorrente e de grande valor no mercado editorial, muito estudada nos estudos do produto tradutório mas apenas recentemente contemplada pelos estudos do processo, através do estudo pioneiro de Malta (2015), em que o autor investiga o desempenho de estudantes de tradução e de professores de língua estrangeira em uma tarefa de retradução no par linguístico espanhol-português. A tarefa é investigada em condições empírico-experimentais com o auxílio de rastreamento ocular e registro de teclado

e mouse, e a metodologia de análise inclui a triangulação dos dados obtidos por meio dessas ferramentas em conjunto com os protocolos verbais e uma análise do produto tradutório fundamentada pela Linguística Sistêmico-Funcional e pela Teoria da Estrutura Retórica.

Buscando dar continuidade ao estudo iniciado por Malta (2015), esta dissertação investigou o desempenho de estudantes de língua estrangeira com proficiência em francês, tendo o português como língua materna, em uma tarefa de (re)tradução no par linguístico francês-português. A pesquisa integra a área da Linguística Aplicada e, conforme o mapa de Holmes, se insere no ramo dos estudos descritivos da tradução orientados para o processo.

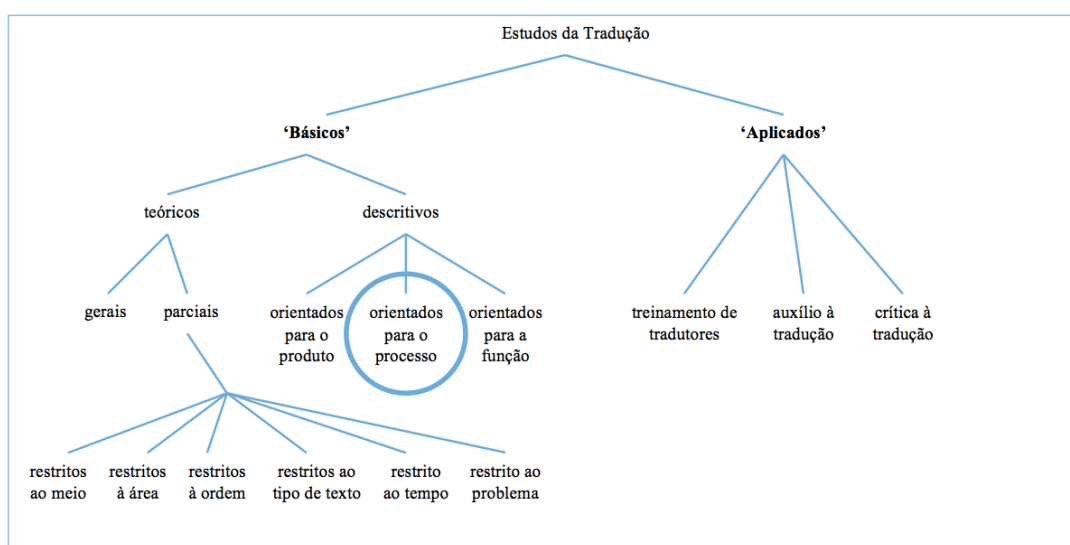


Figura 1 - Localização da pesquisa no mapa de Holmes (1972-2004)

Fonte: Traduzido e adaptado de Toury (1995, p. 10).

Com o objetivo de investigar como se dá a alocação de esforço cognitivo dos participantes nesse tipo de tarefa, adotou-se a metodologia de triangulação de dados obtidos por protocolos verbais retrospectivos e rastreamento ocular, cujas variáveis utilizadas foram: visitas (número e duração), transições visuais e fixações (número e duração). Somando-se à pesquisa processual, foi realizada também uma análise do produto, em que o texto-fonte e duas traduções desse texto já publicadas na língua-alvo, utilizados como insumo no experimento, foram anotados na ordem da oração e do grupo (verbal e nominal) a partir das descrições sistêmico-funcionais do inglês (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014) e do português (FIGUEREDO, 2007, 2011). Essa análise permitiu delimitar um segmento do texto-fonte que teria motivado diferentes interpretações pelas traduções utilizadas como insumo. Esse segmento foi então identificado como um potencial problema de tradução e os procedimentos adotados pelos participantes durante a tradução desse segmento foram

analisados com o intuito de caracterizar de que modo um problema de tradução afeta o processo de (re)tradução.

Esta pesquisa é a primeira a investigar o processo de (re)tradução no par linguístico francês-português e integra as pesquisas atualmente desenvolvidas no Laboratório Experimental de Tradução (LETRA/UFMG), das quais faz parte o estudo de Malta (2015). Buscou-se identificar padrões no desempenho dos participantes quanto à alocação de esforço cognitivo e às estratégias adotadas para solucionar um problema de tradução. Com base nos resultados encontrados por Malta (2015), foram estabelecidas duas hipóteses, seguidas de suas perguntas e objetivos específicos:

Quadro 1 - Hipóteses, perguntas e objetivos específicos

Hipótese 1: Em uma tarefa de (re)tradução envolvendo mais de um texto como insumo, a alocação de esforço cognitivo terá distribuição disforme, com maior concentração de esforço no texto-alvo, depois no texto-fonte e, em menor escala, nas traduções prévias.
Pergunta 1: Como se dá a alocação de esforço cognitivo pelos participantes dada a presença de três textos como insumo para a produção de um quarto?
Objetivo 1: Investigar como se dá a alocação de esforço cognitivo em uma tarefa que apresenta três textos como insumo para a produção de um quarto texto.
Hipótese 2: Os participantes consultarão as traduções prévias e despenderão maior esforço cognitivo no texto-fonte quando confrontados com um problema de tradução.
Pergunta 2: Quais insumos serão utilizados pelos participantes para solucionar um problema de tradução?
Objetivo 2: Observar o comportamento adotado pelo participante para solucionar um problema de tradução.

Fonte: Elaboração da autora

Além desta Introdução, esta dissertação é composta por três capítulos e uma seção dedicada às conclusões. O Capítulo 2 apresenta a base teórica na qual esta pesquisa se fundamentou, e é subdividido em três seções. Na primeira seção, abordam-se os principais conceitos e teorias dos estudos processuais da tradução, e traça-se um perfil dos tipos de experimento mais comuns desenvolvidos no âmbito dessa linha de pesquisa. A segunda seção apresenta o percurso teórico pelo qual passou a noção de retradução, sobretudo dentro dos estudos do produto, desde a formulação da “Hipótese da Retradução” (BERMAN, 1990) até os dias atuais. A terceira seção dedica-se à abordagem sistêmico-funcional da tradução, traçando um panorama da interface entre os Estudos da Tradução e a teoria sistêmico-funcional de Halliday (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014). O Capítulo 3 apresenta a

metodologia de pesquisa, em que são descritas todas as etapas da pesquisa: recrutamento de participantes, montagem do experimento e procedimentos de coleta, extração e análise dos dados. O Capítulo 4 dedica-se à apresentação dos dados e à análise dos resultados, encontrando-se subdividida em três grandes seções, as quais se ocupam, respectivamente, dos dados de rastreamento ocular, dos dados dos protocolos verbais e da triangulação dos dados. Por fim, nas Conclusões, é realizada uma síntese dos resultados e são tecidas considerações sobre esta pesquisa e sugestões para encaminhamentos futuros.

2 REVISÃO TEÓRICA

2.1 Estudos processuais da tradução

De acordo com o mapa Holmes/Toury, os estudos processuais da tradução configuram-se como uma das três linhas de pesquisa possíveis dentro dos estudos descritivos da tradução. Essa linha tem suas primeiras pesquisas divulgadas nos anos 1980, na Alemanha (KRINGS, 1986; KÖNIGS, 1987), e surge do interesse pelo desenvolvimento de estudos empíricos possibilitando a construção de modelos teóricos mais representativos da realidade do fenômeno tradutório do que aqueles existentes até então (RODRIGUES, 2002). Os estudos processuais da tradução buscam, desse modo, investigar o que de fato acontece na mente do tradutor enquanto ele traduz, por meio de uma abordagem cognitiva (MUNDAY, 2002, p. 17; MALMKJAER, 2005, p. 18). Essa abordagem se faz com base em informações coletadas com o auxílio de protocolos verbais, análises retrospectivas, registro de teclado e mouse e rastreamento ocular (HVELPLUND, 2011, p. 10). Acredita-se que os dados observáveis e mensuráveis extraídos a partir desses métodos possam ser interpretados como indicativos de processamento cognitivo (HVELPLUND, 2011, p. 10; PAVLOVIC e JENSEN, 2009, p. 94; SJØRUP, 2003, p. 81-86).

Os estudos processuais têm se consolidado como um importante ramo de investigação dentro dos Estudos da Tradução, haja vista o grande número de pesquisas desenvolvidas ao longo das últimas décadas (ALVES, 2002; CARL, BANGALORE e SHAEFFER, 2016; GÖPFERICH, ALVES e MEES, 2009a, 2009b; SHREVE e ANGELONE, 2010). Tais pesquisas têm evidenciado a complexidade do processo tradutório e identificado uma variedade de padrões que contribuem para uma melhor compreensão da tarefa executada pelo tradutor. Além disso, as descobertas feitas por meio dessas pesquisas têm o potencial de auxiliar no ensino da tradução e no treinamento de tradutores, pois acredita-se que permitiriam prever e modelar procedimentos e estratégias de tradução (LÖRSCHER, 1989 *apud* O'BRIEN, 2006; MALTA, 2015).

Pelo fato de os processos mentais não serem passíveis de observação direta, pesquisadores lançam mão de uma variedade de métodos de coleta, os quais seriam capazes de fornecer dados que refletem aquilo que estaria acontecendo na mente do tradutor enquanto ele traduz. Os principais métodos utilizados são os protocolos verbais, o registro de teclado e mouse e o rastreamento ocular.

Os protocolos verbais consistem em transcrições dos relatos verbais dos participantes de uma pesquisa acerca de seu desempenho em uma determinada tarefa. Trata-se do método mais antigo utilizado nos estudos processuais da tradução como forma de se acessar indiretamente o processamento cognitivo, e tem sido utilizado há mais de um século em disciplinas como a psicologia e os estudos da linguagem (EHRENSBERGER-DOW e KÜNZLI, 2009; ERICSSON e SIMON, 1984; JÄÄSKELÄINEN, 2002). Por meio dos protocolos, utilizados muitas vezes no intuito de complementar a interpretação dos dados obtidos pelos métodos de coleta em tempo real, como rastreamento ocular e registro de teclado e mouse, tem-se acesso à percepção de cada participante quanto ao próprio processo de tradução. Os protocolos permitem, desse modo, averiguar a capacidade de metarreflexão dos participantes, isto é, sua habilidade ou capacidade de gerenciar sua tradução e refletir posteriormente sobre ela, demonstrando consciência sobre todas as etapas do processo tradutório (ALVES, 2005, SILVA, DE OLIVEIRA, DE LIMA, 2008). Acredita-se que tradutores experientes possuam uma capacidade de metarreflexão maior do que tradutores novatos e, sendo assim, gerenciam seu processo com mais eficiência (ALVES, 2003, 2005; GONÇALVES, 2003).

Os relatos verbais podem ser concomitantes ou retrospectivos, livres ou guiados. No relato concomitante, o participante da pesquisa relata sobre seu desempenho ao mesmo tempo em que realiza a tarefa, enquanto no relato retrospectivo, ele o faz logo após finalizá-la. No relato livre, o participante relata livremente sobre seu desempenho, sem intermédio do pesquisador. No relato guiado, são feitas perguntas-chave a respeito da tarefa, as quais visam à investigação de problemas pontuais ligados ao(s) texto(s) envolvido(s) ou ao processo de tradução como um todo. Relatos concomitantes são considerados mais invasivos do que relatos retrospectivos, pois podem alterar a velocidade da tradução e pressionar os tradutores a processarem o texto em segmentos menores do que o habitual (JAKOBSEN, 2003; EHRENSBERGER-DOW e KÜNZLI, 2009). Os relatos retrospectivos são vistos como uma alternativa aos relatos concomitantes, sendo frequentemente utilizados em conjunto com o método de registro de teclado e mouse, que registra a produção textual durante a execução da tarefa e oferece a possibilidade de rever essa produção por meio da função *replay*, permitindo ao participante verbalizar acerca de seu desempenho a medida em que vai visualizando sua produção na tela.

O uso de registro de teclado e mouse tem sido aplicado aos estudos do processo desde o final dos anos 1990. O programa Translog (JAKOBSEN e SHOU, 1992), utilizado para esse

fim, foi concebido visando a complementar os métodos de verbalização que, como citado, são considerados invasivos por interferirem diretamente no processo cognitivo do tradutor. O Translog registra toda a produção do texto-alvo e, por meio dele, o pesquisador consegue observar, por exemplo, de que modo se deu a segmentação textual, em que momento foram acionadas as teclas de inserção e deleção e quando ocorreram e quanto tempo duraram as pausas. Estas são a principal variável utilizada nas pesquisas envolvendo registro de teclado e mouse para se investigar o processamento cognitivo, e são classificadas por Jakobsen (2005) como longas e curtas: as longas marcam as diferentes fases do processo tradutório (orientação, redação e revisão) e as curtas estão ligadas ao ritmo cognitivo, são consideradas indícios de esforço cognitivo e estabelecem padrões de segmentação textual (ALVES, 2005; JAKOBSEN, 2005). Por fim, como citado anteriormente, o Translog oferece também uma função *replay* que permite reproduzir a realização da tarefa, possibilitando tanto ao pesquisador quanto ao próprio participante rever todas as etapas da produção do texto-alvo. Nesta pesquisa, o registro de teclado e mouse é utilizado apenas para esse fim.

Um método frequentemente utilizado em conjunto com o registro de teclado e mouse é o rastreamento ocular que, por sua vez, tem sido aplicado há algumas décadas em pesquisas do campo da psicologia cognitiva e da publicidade. O rastreamento ocular consiste no registro dos movimentos oculares do participante da pesquisa por meio de um sensor que capta o reflexo do seu olhar na tela do computador, registrando a exata posição em que o participante estava olhando enquanto desempenhava a tarefa. Acredita-se que as medidas obtidas pelo rastreamento ocular fornecem informações acerca do processamento cognitivo, uma vez que os pontos do texto em que o olhar recai seriam também os pontos sendo processados cognitivamente. Os dois principais pressupostos das pesquisas com rastreamento ocular, formulados por Just e Carpenter em 1980, são conhecidos como “pressuposto olho-mente” (*the eye-mind assumption*) e “pressuposto do imediatismo” (*the immediacy assumption*). O primeiro consiste na ideia de que o olhar se fixa no segmento de texto que está sendo processado e, o segundo, de que a interpretação desse segmento é feita imediatamente após ele ser encontrado (HVELPLUND, 2014, p. 68).

De acordo com um levantamento realizado por Malta (2015) entre as variáveis mais utilizadas em pesquisas sobre o processo da tradução envolvendo rastreamento ocular estão a duração média e o número das fixações, o tempo total e a duração do olhar (*gaze*), a dilatação e o tamanho da pupila, o número de visitas e a duração das sacadas (transições) (MALTA, 2015, p. 36). As fixações são os períodos em que o olhar permanece de modo mais ou menos

estático em um determinado ponto de interesse, podendo apresentar movimentos rápidos conhecidos como micro-sacadas que, por sua vez, possuem o papel de “assegurar que as células da retina sensíveis à luz recebam constantemente impressões visuais atualizadas de um objeto de interesse”¹ (HVELPLUND, 2011, p. 66). Acredita-se que quanto maior a duração da fixação, maior o dispêndio de esforço cognitivo (HVELPLUND, 2011; JUST e CARPENTER, 1980, RAYNER, 1998; SJØRUP, 2013). Sendo assim, a duração da fixação costuma variar de acordo com o tipo de tarefa executada: segundo Rayner (1998), a duração média da fixação é de aproximadamente 225 ms em tarefas de leitura silenciosa, 275 ms em atividades de leitura em voz alta e 400 ms em atividades de leitura envolvendo digitação (RAYNER, 1998, p. 373). Em pesquisas experimentais envolvendo tarefas de tradução, pesquisadores costumam descartar participantes que apresentam duração média da fixação menor que 200 ms (HVELPLUND, 2011; PAVLOVIC e JENSEN, 2009) ou que 180 ms (MALTA, 2015; SJØRUP, 2013).

O olhar (*gaze*), por sua vez, é a sequência de fixações sucessivas em uma Área de Interesse (AOI), isto é, em uma região da tela previamente delimitada pelo pesquisador, e pode também incluir algumas sacadas, desde que permaneçam dentro da mesma AOI. As sacadas são saltos de um ponto do texto ao ponto seguinte (SJØRUP, 2013, p. 83), ou, mais especificamente, “movimentos rápidos utilizados para reposicionar a fóvea para um novo local no entorno visual” (DUCHOWSKI, 2007, p. 42). A visão fica comprometida durante as sacadas, impossibilitando a decodificação de novas informações, a qual ocorre apenas durante as fixações (RAYNER et al., 2006, p. 242). Por marcarem mudança de posição visual, as sacadas precedem sempre uma visita - registrada sempre quando a atenção visual recai sobre uma AOI - e uma transição visual - registrada quando a atenção visual muda de uma determinada AOI para outra (interárea) ou de um ponto para outro dentro da mesma AOI (intra-área). Malta (2015) ressalta que a principal distinção entre visitas e transições visuais reside no fato de as visitas serem registradas por AOI e, as transições, entre duas AOIs (MALTA, 2015, p. 37).

¹ Tradução minha para: “(...) *ensure that the retina's light sensitive cells constantly receive updated visual impressions of an object of interest*” (HVELPLUND, 2011, p. 66). Salvo menção contrária, todas as traduções contidas nesta dissertação são de minha autoria.

2.1.1 Tipos de tarefa e caracterização dos processos envolvidos

Segundo Malta (2015), são três os principais tipos de tarefa investigados dentro dos estudos processuais: tarefas de tradução, de revisão e de pós-edição. As tarefas são geralmente precedidas por um comando (*brief*), consistindo em um breve texto informativo que serve para instruir o participante sobre como e/ou com qual finalidade a tarefa deve ser realizada.

Os estudos processuais tem se concentrado tradicionalmente nos seguintes temas: fases do processo de tradução, unidades de tradução e padrões de segmentação, resolução de problemas e tomadas de decisão, estratégias de tradução, diferença entre o desempenho de tradutores novatos e o de profissionais, direcionalidade do processo da tradução, relação entre esforço cognitivo e produto da tradução, impacto da instrução da tarefa (*brief*) sobre o desempenho do tradutor, entre outros (ALVES e ALBIR, 2010, p. 28; O'BRIEN, 2006, p. 86-87).

As tarefas de tradução caracterizam-se pela presença de um texto-fonte (TF) a partir do qual um texto-alvo (TA) deve ser produzido. Os experimentos envolvendo tarefas de tradução utilizam desenhos experimentais contendo um espaço destinado ao TF e outro à produção do TA. Geralmente, os experimentos compreendem tarefas de tradução direta e/ou tradução inversa, envolvendo textos não literários, com a participação de tradutores novatos e expertos, visando investigar o que os distingue quanto à questão da segmentação textual (ordens da palavra, do grupo, da oração) e da divisão da tarefa (fases de orientação, redação e revisão) (MALTA, 2015, p. 42-45). Algumas pesquisas (BUCHWEITZ e ALVES, 2006; FERREIRA, 2010, 2012, PAVLOVIC e JENSEN, 2009) têm evidenciado que traduções inversas demandam mais esforço cognitivo do que traduções diretas, no que diz respeito a dispêndio de tempo e ordem de segmentação textual, tendendo à ordem da palavra no caso da tradução inversa e à ordem do grupo no caso da tradução direta.

Diferentemente das tarefas de tradução, nas tarefas de revisão, o objetivo já não é a criação de um TA a partir de um TF, mas sim a revisão ou edição de um determinado texto traduzido, desde que produzido por uma pessoa, e não por máquina, visando sua melhoria. Em pesquisas processuais, o desenho experimental pode apresentar apenas um espaço, contendo o texto a partir do qual se fará a revisão, ou dois espaços, no caso em que a revisão diz respeito a um texto traduzido, então um dos espaços pode contemplar o texto-fonte, o outro, o texto-alvo. Assim como nas tarefas de tradução, as tarefas de revisão costumam envolver textos não literários. (MALTA, 2015, p. 45-47) Já as tarefas de pós-edição envolvem a edição de um texto traduzido por sistema de tradução automática, ou seja, um texto produzido por máquina. Contrariamente às tarefa de tradução e de revisão, a tarefa de pós-

edição preza sempre pelo menor esforço temporal, técnico e cognitivo. Sendo assim, muitos pesquisadores têm investigado diferenças de processamento cognitivo em tarefas de pós-edição e tarefas de tradução (KOGLIN, 2015; O'BRIEN, 2006; SEKINO, 2015). Quanto ao desenho experimental, as tarefas de pós-edição podem, assim como as tarefas de revisão, conter um ou dois espaços, apresentando, no primeiro caso, apenas o texto traduzido (TT), ou, no segundo caso, o TT e o TF. (MALTA, 2015, p. 47-49).

Malta (2015) parece ter sido o primeiro a investigar uma tarefa de (re)tradução sob o viés processual, a partir de um desenho experimental que busca espelhar esse tipo de tarefa, caracterizada “pelo acesso a, pelo menos, dois textos de entrada, um ST² e uma ou mais traduções, para a produção de um terceiro ou quarto texto (ou mais), dependendo do número de traduções possíveis” (MALTA, 2015, p. 53).

Para chegar a uma definição processual da tarefa de (re)tradução, Malta (2015) se baseou, por um lado, no conceito de retradução de Tahir-Gürçalar (2001), para quem o termo retradução compreende toda tradução de um TF que já tenha sido traduzido uma primeira vez para a mesma língua-alvo (LA), e, por outro lado, na concepção de Berman (1990, 1999), para quem a retradução requer o acesso, pelo tradutor, às traduções anteriores. A diferença entre tarefas de tradução e de (re)tradução reside, portanto, no fato de a primeira envolver a presença de dois textos (TF e TA) e, a segunda, de três ou mais textos (TF, TA e uma ou mais traduções anteriores do TF para a mesma LA). Sendo assim, entende-se que o processamento cognitivo é necessariamente diferente nas duas tarefas uma vez que a tarefa de (re)tradução envolve distribuição de atenção em mais de dois textos ou áreas de interesse (AOIs), o que pode causar impacto quanto à alocação de esforço cognitivo.

A pesquisa de Malta (2015) apresenta certa semelhança com o estudo de Hvelplund (no prelo), ainda que este tenha investigado uma tarefa de tradução para dublagem, e não uma tarefa de (re)tradução. O estudo de Hvelplund é um dos únicos a investigar uma tarefa envolvendo mais de duas AOIs, contendo não apenas textos escritos, mas também informações de outras linguagens semióticas (vídeo e áudio). No experimento proposto pelo autor, o conjunto de informações encontra-se distribuída em uma única tela, estabelecendo quatro AOIs: TF, TA, Filme e Dicionário. Utilizando a metodologia de rastreamento ocular, Hvelplund (no prelo) investiga o dispêndio de esforço cognitivo, a distribuição de atenção e o fluxo de processamento durante a tarefa, utilizando três variáveis: duração da fixação do olhar, dilatação da pupila e transições visuais. A duração da fixação e a dilatação da pupila

² Malta utiliza a sigla em inglês ST (*source text*) para TF (texto-fonte).

são usadas como medidas de esforço cognitivo, porém, essa última se mostra como uma variável de difícil controle, uma vez que responde a estímulos externos como luz e cor, entre outros. A duração da fixação, por sua vez, é também utilizada para se medir a distribuição de atenção, ou seja, por quanto tempo os sujeitos fixam o olhar em cada um dos elementos da tela. As transições visuais são utilizadas para identificar o fluxo de processamento, que representa a sequência de direção do olhar entre os elementos da tela. Os resultados apontam para a ocorrência de maior dispêndio de tempo no TA, seguido do TF e, depois, do material audiovisual. Quanto ao fluxo de processamento, os resultados mostraram que o TA serviu como conexão para as transições visuais, isto é, na maior parte do tempo a atenção ou partiu do TA em direção às outras AOIs ou partiu das demais AOIs em direção ao TA.

Com o objetivo de caracterizar a tarefa de (re)tradução, Malta (2015) empregou a metodologia de triangulação de dados obtidos por rastreamento ocular, registro de teclado e mouse e protocolos retrospectivos, complementados ainda com as informações coletadas a partir de um questionário prospectivo acerca do perfil dos participantes. Após uma seleção cautelosa dos dados relativos a 64 participantes, os quais foram sendo eliminados à medida que não atendiam aos critérios de qualidade, um total de 14 participantes foi considerado para a pesquisa, do qual 10 foram estudantes de tradução e 4 professores de ELE (Espanhol como Língua Estrangeira). O leiaute do experimento, que é replicado nesta dissertação, procurou simular uma tarefa de (re)tradução, contemplando quatro AOIs em uma única tela: TF, TA e duas traduções do TF já publicadas em língua portuguesa, designadas pelas siglas T1 (tradução 1) e T2 (tradução 2). O texto-fonte utilizado consistiu no excerto de uma obra literária, originalmente escrita em espanhol, datada de 1946 e contendo 98 palavras. As traduções desse texto datavam de 2005 (T1) e 2013 (T2), e continham, respectivamente, 99 e 92 palavras. A extensão do texto foi delimitada de forma a possibilitar a presença das quatro AOIs em uma única tela e, a escolha de um texto literário, pouco comum em tarefas investigadas nos estudos processuais, se deveu ao fato de ser este um dos tipos de texto que mais se retraduz (TAHIR-GÜRÇAĞLAR, 2009, p. 233).

Na pesquisa de Malta, as variáveis de rastreamento ocular utilizadas foram: visitas (número e duração), transições visuais e fixações (número e duração), as mesmas utilizadas nesta dissertação. Os resultados de Malta (2015) mostram que a relação entre TF e TA é privilegiada em relação às demais, recebendo maior fluxo de acessos do que as outras AOIs. Assim como em Hvelplund (no prelo), Malta constata que o TA serve como conexão para as transições visuais. Já as traduções prévias, ainda que tenham sido acessadas, receberam atenção visual em número e duração muito menor do que o TA e o TF. Diante dos resultados

encontrados, Malta elabora um modelo processual da (re)tradução em que é possível visualizar os possíveis caminhos percorridos pelo olhar durante a tarefa de (re)tradução, cuja definição é ilustrada no Quadro 2. O modelo, reproduzido na Figura 2, é interpretado nos seguintes termos:

Ao ler o TF, o participante tem basicamente dois caminhos: i) buscar auxílio nas traduções para a conversão da mensagem ainda não processada (total ou parcialmente) para a língua-alvo; ou ii) traduzir a mensagem e retornar às traduções para confirmar/contrastar a mensagem processada, o que pode ocorrer concomitantemente com a elaboração da nova tradução, ou nas fases de orientação e revisão. Paralelo aos dois caminhos, há o que vai de uma tradução prévia à outra, por meio do qual se poderá escolher entre as opções existentes nas traduções ou rechaçá-las, seja completamente, seja parcialmente, e elaborar a nova tradução. (MALTA, 2015, p. 192)

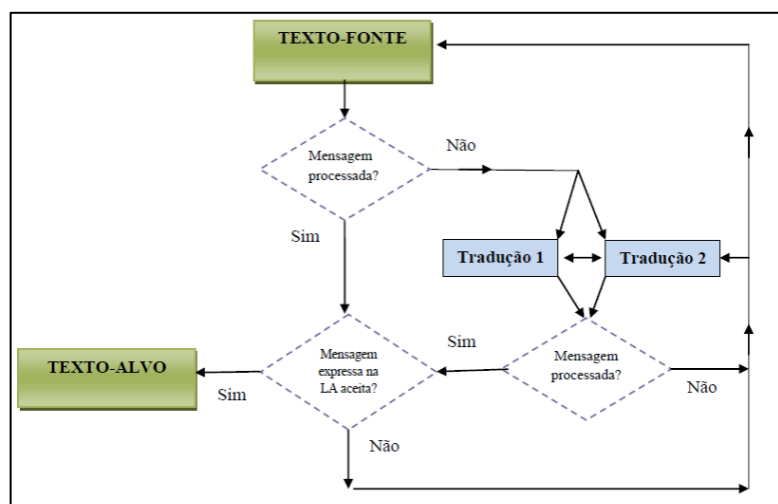


Figura 2 - Modelo processual da (re)tradução
 Fonte: Malta (2015, p. 189)

Quadro 2 - Definição processual de (re)tradução

(Re)tradução como tarefa
Tarefa na qual o tradutor parte de um texto-fonte já traduzido para a mesma língua-alvo, podendo, ou não, utilizar a(s) tradução(ões) existente(s) desse mesmo texto-fonte, na produção da nova tradução. Nesse caso, as traduções existentes funcionam como apoio/insumo para a reformulação da nova tradução.
(Re)tradução como processo
Processo que envolve a produção de um texto-alvo, tendo por base o texto-fonte, além de uma ou mais traduções desse texto-fonte na mesma língua, ou não, que podem servir de suporte para a produção da nova tradução.

Fonte: Malta (2015, p. 193)

2.2 O percurso teórico da noção de retradução

A (re)tradução, definida como sendo a “tradução de um texto já traduzido para um mesmo sistema linguístico” (MALTA, 2015, p. 52), é um fenômeno bastante investigado nos estudos do produto tradutório. Como citado anteriormente, na década de 90, a retradução ganhou destaque com a publicação de um número especial da revista *Palimpsestes* dedicado ao tema. Em uma das seções da revista, Paul Bensimon (*apud* PALOPOSKI e KOSKINEN, 2004) apresentava a visão segundo a qual caberia a toda primeira tradução de uma obra o papel de introduzi-la a uma determinada língua/cultura-alvo e naturalizá-la, em certa medida, para que fosse melhor aceita pela cultura receptora. A primeira tradução teria a função de assegurar uma recepção positiva pelo público-alvo, enquanto que as traduções subsequentes da mesma obra, isto é, suas retraduições, tenderiam a incorporar mais livremente as diferenças culturais do texto-fonte, evidenciando-as aos olhos do leitor (PALOPOSKI e KOSKINEN, 2004). Por sua vez, Berman (1990), no artigo intitulado *La retraduction comme espace da la traduction*, defende a ideia de que caberia às retraduições “aprimorar” as traduções anteriores. Segundo Berman (1990), as traduções têm como característica o fato de envelhecerem. Uma vez “datadas”, surgiria sempre uma demanda por novas traduções, atualizadas em relação às anteriores. Restringindo-se às retraduições literárias, Berman acredita que a tradução seria um ato incompleto, que se conclui somente por meio das retraduições. O teórico se refere a uma falha intrínseca a praticamente toda tradução, falha esta que estaria em seu ápice nas primeiras traduções (BERMAN, 1990).

A partir de Berman (1990), Gambier (1994) postula que toda primeira tradução tende

a reduzir a alteridade em nome da legibilidade, impelida por imposições culturais e/ou editoriais. Já as retraduições, em oposição ao primeiro “desvio” operado na primeira tradução, realizariam um movimento de “retorno” ao TF: “(...) não se pode tentar uma tradução diferente senão depois de um período de assimilação que permite julgar como inaceitável o primeiro trabalho de transferência. (...) Se há retorno, é pelo desvio da primeira tradução, geralmente obra de afastamento.”³ (GAMBIER, 1994, p. 414-415).

O conjunto dessas ideias, que sugerem uma maior proximidade da retradição em relação ao TF do que da primeira tradução em relação a este, ficou conhecido como “Hipótese da Retradição”. Mais tarde, várias pesquisas viriam contestar essa visão simplificadora do fenômeno complexo no qual consiste a retradição. Essas pesquisas revelam que os motivos por trás das iniciativas de retradição vão muito além de um simples interesse em se recuperar o sentido do texto-fonte, que de alguma forma teria se perdido. Estudos que abordam mais a fundo as suspeitas apontadas pela Hipótese da Retradição (DASTJERDI; MOHAMMADI, 2013; DEANE, 2011; DESMIDT, 2009; MATHIJSEN, 2007; PALOPOSKI e KOSKINEN, 2004; SUSAM-SARAJEVA, 2003) têm enfatizado a necessidade de se considerar a complexidade do tema e de se compreender as diferentes razões que levam determinado texto a ser retraduzido. Tahir-Gürçaglar (2009) destaca, entre essas razões, a intenção de fornecer uma nova interpretação, alcançar ou mesmo criar um público leitor diferente para a obra da qual se pretende lançar uma nova tradução (TAHIR-GÜRÇAGLAR, 2009, p. 235). A retradição, nesse caso, buscaria atender a um público não contemplado na primeira tradução, como acontece quando são lançadas versões infanto-juvenis, adaptações em quadrinhos, edições de bolso, entre outras. Nesses casos, a justificativa para o surgimento das retradições vai além do interesse pela fidelidade à letra e ao estilo do original.

Outra questão levantada se refere à relatividade das traduções na história. Segundo Desmidt (2009), as retradições muitas vezes surgem como resposta às novas exigências da cultura receptora, refletindo a necessidade não apenas de mudanças em termos estilísticos e terminológicos, mas também ideológicos. Segundo a autora, há uma constante demanda de que as traduções se renovem para alcançar novas gerações de leitores ou atender às diferentes visões do que seria uma “boa tradução” (DESMIDT, 2009, p. 670). o surgimento de retradições estaria então diretamente relacionado ao fato de os contextos sociais e, por conseguinte, as normas de tradução, estarem em contínua mudança.

³ Tradução minha para: “(...) *on ne peut tenter une traduction autre qu’après une période d’assimilation qui permet de juger comme inacceptable le premier travail de transfert. (...) S’il y a retour, c’est par le détour de la première traduction, elle-même souvent ouvrage de détournement.*” (GAMBIER, 1994, p. 414-415).

Paloposki e Koskinen (2004), por sua vez, alertam para a dificuldade de se estabelecer um parâmetro seguro de avaliação da proximidade entre os textos. Para as autoras, deve-se levar em consideração as diferentes variáveis em jogo, como as motivações e limitações do tradutor:

Medir a domesticação e a proximidade é problemático, uma vez que elas podem trabalhar em diferentes níveis do texto simultaneamente. Do mesmo modo, a orientação para o texto-fonte é uma questão complexa, em que diferentes motivações e limitações do tradutor podem coincidir, acabando por produzir um texto no qual é difícil, senão impossível, julgar se um item lexical específico, um decalque, por exemplo, se trata de uma instância de escolha estratégica deliberada ou simplesmente de uma falta de alternativas apropriadas. PALOPOSKI e KOSKINEN, 2004, p. 32)⁴

Assim como Malta (2015) e em vista das discussões levantadas anteriormente, escolhemos não vincular nossa abordagem, que possui um viés processual, à Hipótese da Retradução, entendendo que o objetivo de nosso experimento não é verificar a validade desta, mas sim caracterizar o processo de (re)tradução. O desenho experimental utilizado procura simular uma tarefa de retradução, fornecendo como insumo para o participante não apenas o texto-fonte como também duas de suas traduções já publicadas na mesma língua-alvo.

2.3 A abordagem sistêmico-funcional da tradução

A interface entre os Estudos da Tradução e a Teoria Linguística Sistêmico-Funcional esteve presente desde as primeiras formulações da teoria e tem em John Catford um de seus pioneiros, vindo a ser posteriormente mais desenvolvida por Halliday. Diferentemente de outras abordagens linguísticas, a teoria de Halliday entende que o aspecto funcional da linguagem é intrínseco à própria linguagem. Sendo assim, ela permite explicar a natureza do sistema linguístico por meio de três “metafunções”, que são assim denominadas exatamente por estarem operando dentro da linguagem:

Poderíamos tê-las chamado simplesmente de ‘funções’; contudo, há uma longa tradição de pensamento acerca das funções da linguagem dentro de contextos em que ‘função’ simplesmente significa propósito ou modo de utilizar a linguagem, e não tem valor nenhum para a análise da linguagem em si mesma (cf. Halliday ; Hasan, 1985: Ch. 1; Martin, 1991). Mas a análise sistêmica mostra que a funcionalidade é intrínseca à linguagem: isto é, toda a arquitetura da linguagem é

⁴ Minha tradução para: “*Measuring domestication and closeness is problematic, since they may work on different levels of the text simultaneously. Similarly, source-text orientedness is a complex issue where different motivations and constraints on the translator may coincide, thus producing a text where it is difficult if not impossible to judge whether an individual lexical item, a calque for example, is an instance of deliberate strategic choice or simply of a lack of suitable alternatives.*” (PALOPOSKI e KOSKINEN, 2004, p. 32)

organizada segundo parâmetros funcionais. (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014, p. 31)⁵

Uma vez incorporada a dimensão semântica da linguagem, a teoria sistêmico-funcional conseguiu apresentar um modelo capaz de apreender uma grande quantidade de fenômenos, pois concebe a forma e o significado como estando interligados. Isso faz com que a teoria seja bastante abrangente, sendo possível compreender qualquer aspecto da linguagem em relação ao todo.

A teoria sistêmico-funcional vem sendo adotada em diferentes pesquisas para a análise do produto tradutório, muitas vezes dentro de uma interface com a Linguística de Corpus e os estudos processuais da tradução (ALVES, PAGANO e DA SILVA, 2011; PAGANO, FIGUEREDO e LUKIN, 2014, MALTA, 2015). Pagano, Figueredo e Lukin (2014), por exemplo, propõem uma metodologia de agrupamento de textos utilizando um corpus de retraduições literárias. Essa metodologia inclui a anotação manual dos textos utilizando categorias sistêmico-funcionais, as quais permitem comparar padrões entre sistemas linguísticos diferentes. As categorias anotadas são quantificadas e submetidas à mineração de dados utilizando o software R, que gera dendrogramas agrupando esses textos conforme o grau de similaridade entre eles. Por meio desse modelo, os autores acreditam poder contribuir para as discussões em torno da Hipótese da Retradução e a suposição de que as retraduições se aproximariam mais do texto-fonte do que as primeiras traduções deste. Alves, Pagano e Da Silva (2011), por sua vez, utilizam a metodologia de rastreamento ocular e de registro de teclado e mouse, em conjunto com protocolos verbais, e se valem do conceito de metáfora gramatical para mapear unidades de alinhamento e unidades de tradução, identificando instâncias que demandam maior esforço cognitivo. Promovendo a mesma interface, Malta (2015), como já mencionado, investiga os processos cognitivos subjacentes a uma tarefa de retradução por meio da metodologia de triangulação de dados de rastreamento ocular, registro de teclado e mouse, protocolos verbais e questionário prospectivo sobre o perfil dos participantes da pesquisa. A Linguística Sistêmico-Funcional é utilizada pelo autor juntamente com a Teoria da Estrutura Retórica para analisar os textos que compõem o experimento e sobretudo uma parte do texto que apresenta um problema de tradução.

⁵ Minha tradução de “*We could have called them simply ‘functions’; however, there is a long tradition of talking about the functions of language in contexts where ‘function’ simply means purpose or way of using language, and has no significance for the analysis of language itself (cf. Halliday ; Hasan, 1985: Ch. 1; Martin, 1991). But the systemic analysis shows that functionality is intrinsic to language: that is to say, the entire architecture of language is arranged along functional lines.*” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014, p. 31)

Nesta dissertação, baseamo-nos nos estudos mencionados, utilizando a Linguística Sistêmico-Funcional para a análise dos textos que compõem nosso experimento a fim de identificar um problema de tradução, decorrente de interpretações do TF divergentes nas traduções prévias utilizadas como insumo.

3 METODOLOGIA

3.1 Participantes da pesquisa

Para o recrutamento de participantes, foram considerados os seguintes critérios: i) ter o português como língua materna; ii) possuir proficiência linguística em francês (níveis B1 a C2 do Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (CEFR); iii) possuir formação ou experiência profissional na área de Letras. A seleção incluiu a aplicação de um questionário *on-line* contendo perguntas acerca do perfil dos participantes, questionário este elaborado conjuntamente pelos pesquisadores do LETRA/UFMG pr meio da ferramenta *survey* do Google, sendo o mesmo utilizado por Malta (2015) em sua pesquisa (*cf.* Apêndice C).

Um total de 12 estudantes foi selecionado para participar da pesquisa a partir das informações coletadas por meio do questionário. Após o experimento, procedeu-se a uma análise da qualidade dos dados obtidos por rastreamento ocular, a partir da qual 1 participante precisou ser excluído por não atender aos critérios de qualidade, restando, por fim, 11 participantes. O Quadro 3 apresenta um resumo das principais informações coletadas acerca do perfil dos 11 participantes:

Quadro 3 - Perfil dos participantes da pesquisa

Participante	Idade (em anos)	Línguas estrangeiras	Certificado de Proficiência em Francês	Estadia no exterior (em meses)	Experiência a no ensino da L2	Experiência em Tradução	Tipo de tradução
P01	27	Francês e Inglês	DELF B2	6	sim	não	nenhuma
P02	23	Inglês, Francês, Alemão e Espanhol	DALF C1	6	sim	sim	literária e acadêmica
P03	24	Francês	Não	6	sim	sim	audiovisual
P04	27	Inglês, Francês e Espanhol	Não	6	sim	não	nenhuma
P05	30	Francês e Inglês	Não	1	sim	sim	acadêmica
P06	24	Francês e Espanhol	Não	6	sim	sim	acadêmica
P07	21	Francês e Inglês	DELF B1	18	não	sim	acadêmica
P08	26	Francês, Italiano e Latim	Não	0	não	não	nenhuma
P09	24	Francês, Inglês, Espanhol, Italiano e Latim	Université de Lille - C1	6	sim	sim	literária
P10	22	Francês e Espanhol	Não	4	sim	sim	técnica e acadêmica
P11	22	Francês e Inglês	Não	6	sim	sim	nenhuma

O Quadro 3 mostra que todos os participantes possuíam o português como L1 e o francês como L2, em nível intermediário a avançado. Apesar de apenas alguns apresentarem certificado de proficiência, todos eram estudantes de francês cursando a partir do último ano da Faculdade de Letras da UFMG, já tendo cumprido os créditos referentes às matérias de língua francesa (5 semestres ou 300h). Desse total de 11 participantes, 9 declararam ter experiência no ensino da L2. Quanto a possuírem experiência em tradução, 8 responderam positivamente e 3 responderam negativamente, mas afirmaram já ter realizado traduções alguma vez ou traduzir esporadicamente. Os tipos de texto que os participantes declararam ter o costume de traduzir são o tipo acadêmico (P02, P05, P06, P07, P10), literário (P02, P09), audiovisual (P03) e técnico (P10). A média de idade é de 24 anos.

3.2 Instrumentos e materiais

A metodologia de coleta envolveu a utilização de três métodos comumente empregados em pesquisas sobre o processo tradutório: registro de teclado e mouse, rastreamento ocular e protocolos verbais. O registro de teclado e mouse foi realizado com o programa Translog II. A partir dele, a produção textual de cada participante pôde ser registrada em arquivo XML a fim de que pudesse ser posteriormente reproduzida por meio da função *replay* do Translog II para a realização do relato verbal retrospectivo. O rastreamento ocular, por sua vez, foi realizado por meio do programa Tobii T60 Eye Tracker que, como mencionado, se trata de um computador equipado com rastreador ocular. Ele funciona através de um sensor que captura o olhar do participante na tela, gerando dados a partir desse registro. Os dados coletados pelo Tobii são processados por algoritmos e as informações geradas podem ser acessadas mais tarde por meio da geração de planilhas em formato XLSX. O Tobii foi também utilizado para a gravação do áudio referente ao relato retrospectivo dos participantes na terceira etapa da tarefa.

3.3 Experimento

3.3.1 Tipo de tarefa e comando (*brief*)

O experimento consistiu em três tarefas. De acordo com Jakobsen (1999), essa divisão é a mais adotada nas pesquisas que investigam o processo tradutório e parece ser a mais indicada para a coleta de dados (JAKOBSEN, 1999, p. 15-16). A primeira etapa compreendeu uma tarefa de cópia, servindo como “*warm-up*” para que os participantes se familiarizassem com o equipamento, com os recursos disponíveis e com a configuração do experimento antes

da realização da tarefa principal, isto é, a tarefa de (re)tradução, que ocorreu na segunda etapa. Na tarefa teste, o participante foi instruído a escolher e copiar um dos textos distribuídos na tela do experimento. Já na tarefa de (re)tradução, o comando era que o participante deveria realizar a tradução para o português do texto-fonte escrito em francês, podendo ou não, a seu critério, consultar as traduções prévias disponíveis. Foi-lhe esclarecido ainda que não havia limite de tempo para a realização da tarefa, sendo-lhe permitido utilizar o tempo que julgasse necessário para finalizá-la devidamente, isto é, com qualidade suficiente para ser publicada. Além disso, para a realização da tarefa de (re)tradução, o participante poderia consultar apenas os textos presentes no experimento, não lhe sendo permitido o acesso a nenhum tipo de apoio externo, como consultas em sites de busca ou dicionários e sistemas de tradução online. Como explica Malta (2015, p. 64), de quem foi replicado o desenho experimental, o acesso a ferramentas de apoio externo envolveria a saída da tela do experimento, o que dificultaria consideravelmente a análise das variáveis geradas pelo rastreamento ocular.

Os relatos verbais constituíram a terceira fase do experimento, e foram divididos em relatos livres e relatos guiados. Durante o relato livre, os participante foram convidados a relatar livremente sobre seu desempenho na tarefa de (re)tradução, ao mesmo tempo em que visualizavam todo o processo por meio da função *replay* do Translog II. No relato guiado, foram-lhes feitas perguntas gerais e específicas a respeito da tarefa e dos possíveis problemas de tradução encontrados. No Quadro 4 são mostradas as perguntas utilizadas no relato guiado:

Quadro 4 - Perguntas gerais e específicas utilizadas no relato guiado

PERGUNTAS GERAIS
1. O que você achou da tarefa de traduzir um texto que já estava traduzido?
2. O que você achou da disposição dos textos na tela do computador?
3. Você detectou problemas nas traduções publicadas?
4. Você sentiu confiança nas traduções publicadas?
5. Em que partes do texto original as traduções já publicadas te ajudaram a elaborar uma tradução melhor?
6. Em que partes você precisou buscar uma nova alternativa?
7. Qual das duas traduções você utilizou mais?
PERGUNTAS ESPECÍFICAS
1. Como você traduziu o pronome “vous”?
2. Como você traduziu “pour moi” em “ <i>je suis venu pour vous dire que pour moi je vous trouve plus belle maintenant que lorsque vous étiez jeune</i> ”?
3. Na passagem “ <i>j’aimais moins votre visage de jeune femme que celui que vous avez maintenant</i> ” você optou por repetir “ <i>votre visage</i> ” ou você optou por substituí-lo por um pronome demonstrativo?
4. Como você traduziu “ <i>que je suis seule à voir encore et dont je n’ai jamais parlé</i> ”?
5. Como você traduziu “ <i>c’est entre toutes celle qui me plaît de moi-même</i> ”?

As perguntas gerais foram análogas às utilizadas por Malta (2015, p. 230-236) e, as específicas, se basearam na análise dos textos utilizados como insumo para a tarefa de

(re)tradução, realizada com o auxílio da Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Essas perguntas tiveram como objetivo contemplar trechos em que as traduções prévias apresentavam soluções diferentes para o trecho correspondente na LF.

3.3.2 Textos

Na tarefa de cópia, os textos escolhidos para compor o experimento foram o parágrafo inicial do romance *L'étranger* (1942), do escritor Albert Camus, e duas de suas traduções para o português brasileiro: a de Antônio Quadros, publicada no mesmo ano (1942) pela editora Livros do Brasil, e a de Valérie Rumjanek, publicada cerca de quinze anos depois (1957) pela editora Record. Os textos, que podem ser visualizados no Quadro 5, possuem entre 101 a 108 palavras, tamanho delimitado para que fosse possível ao participante visualizar em uma única tela todos os textos envolvidos na tarefa: texto-fonte, traduções prévias e texto-alvo.

Quadro 5 - Textos utilizados na tarefa de cópia

Texto-fonte – <i>L'étranger</i> – de Albert Camus (1942)	Tradução 1 – de Antônio Quadros (1942)	Tradução 2 - Valérie Rumjanek (1957)
Aujourd'hui, maman est morte. Ou peut-être hier, je ne sais pas. J'ai reçu un télégramme de l'asile : "Mère décédée. Enterrement demain. Sentiments distingués." Cela ne veut rien dire. C'était peut-être hier. L'asile de vieillards est à Marengo, à quatre-vingts kilomètres d'Alger. Je prendrai l'autobus à deux heures et j'arriverai dans l'après-midi. Ainsi, je pourrai veiller et je rentrerai demain soir. J'ai demandé deux jours de congé à mon patron et il ne pouvait pas me les refuser avec une excuse pareille. Mais il n'avait pas l'air content. Je lui ai même dit : "Ce n'est pas de ma faute." Il n'a pas répondu.	Hoje, a mãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem. Recebi um telegrama do asilo: "Sua mãe falecida: Enterro amanhã. Sentidos pêsames". Isto não quer dizer nada. Talvez tenha sido ontem. O asilo de velhos fica em Marengo, a oitenta quilômetros de Argel. Tomo o autocarro das duas horas e chego lá à tarde. Assim, posso passar a noite a velar e estou de volta amanhã à noite. Pedi dois dias de folga ao meu chefe e, com um pretexto destes, ele não me podia recusar. Mas não estava com um ar lá muito satisfeito. Cheguei mesmo a dizer-lhe "A culpa não é minha". Não respondeu.	Hoje mamãe morreu. Ou talvez, ontem, não sei bem. Recebi um telegrama do asilo: "Sua mãe faleceu. Enterro amanhã. Sentidos pêsames". Isso não esclarece nada. Talvez tenha sido ontem. O asilo de velhos fica em Marengo, a 80 quilômetros de Argel. Vou tomar o ônibus às 2 horas e chego ainda à tarde. Assim, posso velar o corpo e estar de volta amanhã à noite. Pedi dois dias de licença ao meu patrão e, com uma desculpa destas, ele não podia recusar. Mas não estava com um ar muito satisfeito. Cheguei mesmo a dizer-lhe: 'A culpa não é minha'. Não respondeu.
Número de palavras: 108	Número de palavras: 106	Número de palavras: 101

Na tarefa de (re)tradução, o TF escolhido consistiu no parágrafo inicial do romance *L'amant*, da escritora Marguerite Duras. A obra, publicada pela primeira vez em 1984 pela editora *Editions de Minuit*, recebeu duas traduções para o português brasileiro: primeiramente a de Aulyde Soares Rodrigues (1985), pela editora Nova Fronteira, e décadas depois a de

Denise Bottmann (2007), pela Cosac & Naify. Como mostra o Quadro 6, os textos possuem entre 106 e 123 palavras.

Quadro 6 - Textos utilizados na tarefa de (re)tradução

Texto-fonte – <i>L'amant</i> – de Marguerite Duras (1984)	Tradução 1 – de Aulyde Soares Rodrigues (1985)	Tradução 2 – Denise Bottmann (2007)
Un jour, j'étais âgée déjà, dans le hall d'un lieu public, un homme est venu vers moi. Il s'est fait connaître et il m'a dit: « Je vous connais depuis toujours. Tout le monde dit que vous étiez belle lorsque vous étiez jeune, je suis venu pour vous dire que pour moi je vous trouve plus belle maintenant que lorsque vous étiez jeune, j'aimais moins votre visage de jeune femme que celui que vous avez maintenant, dévasté. » Je pense souvent à cette image que je suis seule à voir encore et dont je n'ai jamais parlé. Elle est toujours là dans le même silence, émerveillante. C'est entre toutes celle qui me plaît de moi-même, celle où je me reconnais, où je m'enchanté.	Certo dia, já na minha velhice, um homem se aproximou de mim no saguão de um lugar público. Apresentou-se e disse: “Eu a conheço há muito, muito tempo. Todos dizem que era bela quando jovem, vim dizer-lhe que para mim é mais bela hoje do que em sua juventude, que eu gostava menos de seu rosto de moça do que desse de hoje, devastado.” Penso frequentemente nessa imagem que só eu ainda vejo e sobre a qual jamais falei a alguém. Está sempre lá no mesmo silêncio, maravilhosa. É entre todas a que me faz gostar de mim, na qual me reconheço, a que me encanta.	Um dia, eu já tinha bastante idade, no saguão de um lugar público, um homem se aproximou de mim. Apresentou-se e disse: “Eu a conheço desde sempre. Todo mundo diz que você era bonita quando jovem; venho lhe dizer que, por mim, eu a acho agora ainda mais bonita do que quando jovem; gostava menos do seu rosto de moça do que do rosto que você tem agora, devastado”. Penso com frequência nessa imagem que sou a única ainda a ver e que nunca mencionei a ninguém. Ela continua lá, no mesmo silêncio, fascinante. Entre todas as imagens de mim mesma, é a que me agrada, nela me reconheço, com ela me encanto.
Número de palavras: 123	Número de palavras: 106	Número de palavras: 112

A escolha dos textos para a tarefa experimental obedeceu ao critério de se tratar de uma obra literária, por ser esse o tipo de texto que mais se retraduz (TAHIR-GÜRÇAĞLAR, 2009) e, conseqüentemente, o tipo de texto sobre o qual as pesquisas sobre retradução tendem a se concentrar. Outro critério considerado desejável, mas não fundamental, e que foi obedecido na escolha dos textos, foi a existência de uma distância temporal relativa entre a data de publicação da primeira tradução e a da segunda tradução, ou retradução. Esse intervalo de tempo é considerado pertinente tendo-se em vista a probabilidade de as traduções apresentarem diferenças mais substanciais, tese sugerida pela Hipótese da Retradução, segundo a qual esse intervalo consistiria em um período de assimilação necessário para o leitor, que estaria mais aberto a aceitar as diferenças culturais presentes em um texto estrangeiro tanto mais ele e o seu autor já estejam, em uma certa medida, integrados à cultura-alvo.

3.3.3 Leiaute

O leiaute da tarefa de cópia e da tarefa de (re)tradução seguiu o modelo adotado por Malta (2015), tendo como característica o acesso pelo participante a mais de um texto como insumo para a produção do TA: não apenas o TF, como ocorre em tarefas de tradução, mas

também a duas traduções desse texto já publicadas na LA (T1 e T2). O TF foi disponibilizado em uma janela localizada no canto superior da tela, enquanto as traduções prévias foram distribuídas aleatoriamente nos cantos esquerdo e direito da tela. O centro da tela foi reservado para a sobreposição do Translog, destinado à produção do TA. O Translog também foi configurado previamente para apresentar as mesmas dimensões das janelas laterais contendo a T1 e a T2.

O leiaute, o mesmo utilizado por Malta (2015) à exceção dos textos, foi montado em arquivo DOCX, com uma página de dimensão 240 x 320 mm e margens com aproximadamente 0 cm. Os textos utilizados como insumo foram transcritos utilizando fonte Arial 15 e espaçamento 1,5. Após a montagem do leiaute, o arquivo foi então convertido para o formato PDF. Para que a posição das traduções na tela do experimento não influenciasse o dispêndio de esforço cognitivo por parte do tradutor, duas configurações foram estabelecidas, para as quais a posição dos textos na tela foi invertida. De um lado, obteve-se a configuração 1 (C1), em que a T1 aparece ao lado esquerdo da tela e, do outro, a configuração 2 (C2), em que a T1 aparece ao lado direito da tela, como mostra a Figura 3. Os participantes P01, P02, P04, P07, P09 e P11 realizaram o experimento conforme a C1 e, os participantes P03, P05, P06, P08 e P10, conforme a C2.

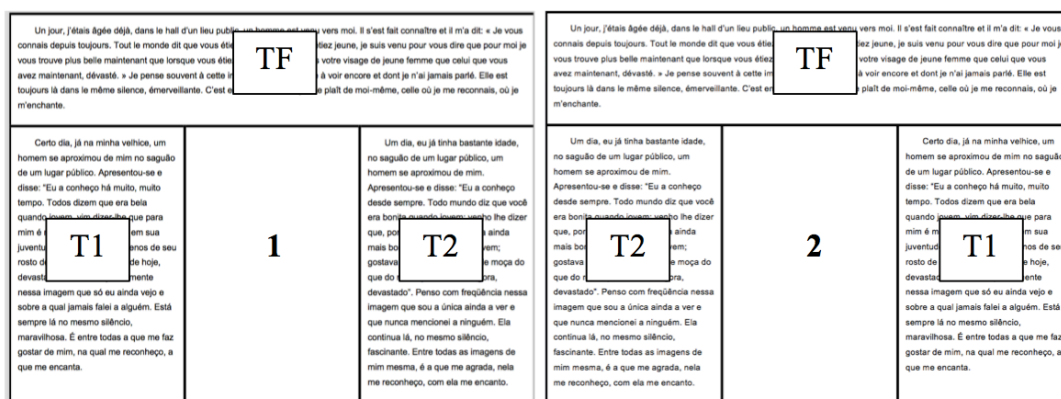


Figura 3 - Tela capturada do leiaute da tarefa mostrando as configurações 1 e 2

Assim como na pesquisa de Malta (2015), o estabelecimento de duas configurações se fez no intuito de se investigar se houve registro de maior incidência de atividade visual em um dos lados da tela em detrimento do outro, o que apontaria para a evidência de que, independentemente do texto envolvido, haveria uma tendência dos participantes a olharem mais para um dos lados da tela (esquerdo ou direito).

3.3.4 Demarcação das AOIs e MAOIs

A coleta de dados pelo Tobii T60 envolveu uma delimitação prévia de áreas de interesse (AOIs) e microáreas de interesse (MAOIs). Como ilustrado na Figura 4, foram estabelecidas quatro AOIs e quatro MAOIs: texto-fonte (TF), tradução 1 (T1), tradução 2 (T2), texto-alvo (TA), microárea do texto-fonte (MTF), microárea da tradução 1 (MT1), microárea da tradução 2 (MT2) e microárea do texto-alvo (MTA). Na Figura 4, as AOIs encontram-se representadas pelas siglas TF, T1, TA e T2. Já as MAOIS encontram-se divididas em um maior número de microunidades, uma vez que a seleção corresponde à extensão do segmento de texto referente a cada AOI. Sendo assim, na Figura 4 as MAOIs do TF estão etiquetadas como TF_a e TF_b, as da T1 como T1_a, T1_b e T1_c, as do TA como TA_a, TA_b e TA_c, e as da T2 como T2_a, T2_b e T2_c:

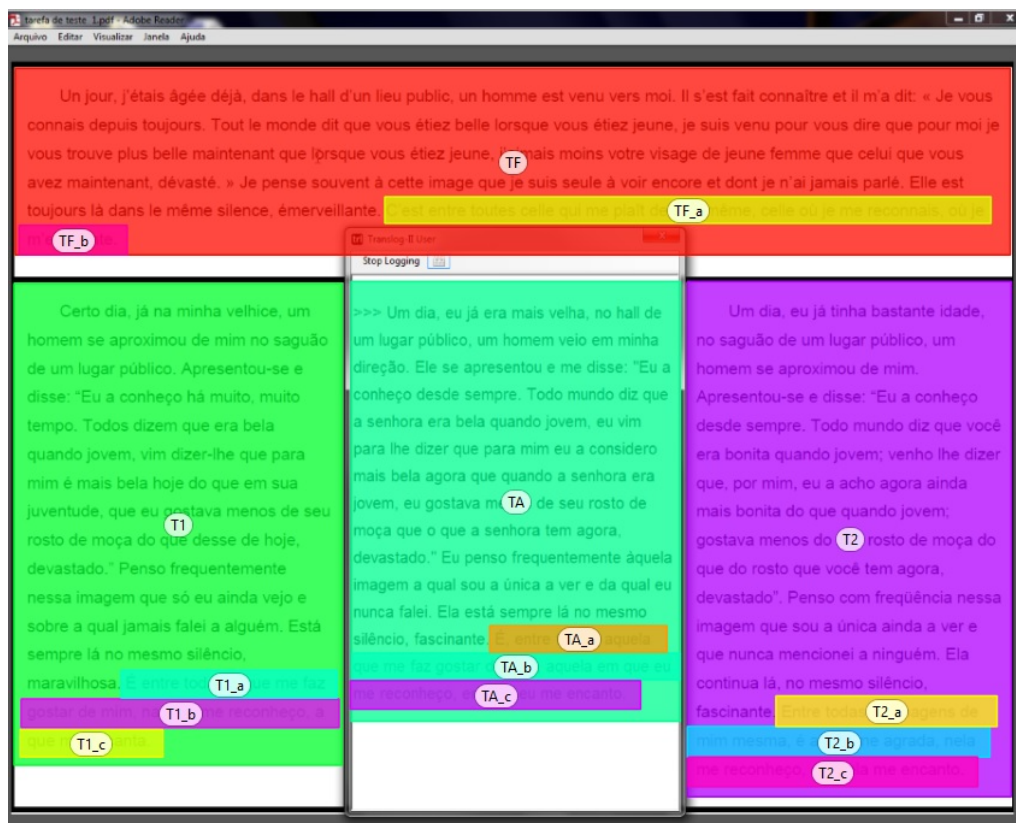


Figura 4 – Tela capturada do Tobii Studio mostrando a demarcação das AOIs e MAOIs

As microáreas de interesse foram demarcadas a partir de um possível problema de tradução decorrente de interpretações divergentes do texto-fonte pelas traduções prévias. Os segmentos de texto selecionados para integrar as microáreas foram identificados por meio de anotação manual e análise textual com base no trabalho de Pagano, Figueredo e Lukin (2014)

e nas descrições sistêmico-funcionais do inglês e do português propostas respectivamente por Halliday e Matthiessen (2014) e Figueredo (2007, 2011). Essa análise foi feita nos níveis da oração e do grupo verbal e nominal, obedecendo às seguintes etapas: i) os textos foram importados individualmente para um editor de planilhas e divididos por oração e grupo, de forma que cada linha contivesse uma única oração ou grupo; ii) foram criadas categorias lexicogramaticais (cf. Apêndice D) contemplando as três metafunções da linguagem - ideacional (lógica e experiencial), interpessoal e textual – as quais foram distribuídas por coluna em planilhas de um editor de planilhas; iii) cada oração ou grupo foi analisado(a) e anotado(a) manualmente conforme as categorias disponíveis; iv) os diferentes textos foram comparados a fim de se detectar diferenças na seleção de funções nos sistemas gramaticais; v) um segmento de texto apresentando interpretações divergentes nas traduções foi detectado como possível problema de tradução e escolhido para integrar a microárea de interesse. A Figura 5 apresenta um recorte de uma das planilhas de anotação.

A	B	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S
id	clause	status	deixis	polarity	reality	vocative	subject_person	subject_politeness	subject_responsibility	subject_number	subject_presumption	complement	adjunct_1
1	Un jour, (j'étais âgée déjà), dans le hall d'un lieu public, un homme est venu vers moi.	major_free_declarative	temporal_deixis_past	positive	realis	no	non-interactant	non-selectable	responsible	singular	recoverable_explicit		1 adjunct-circumstanti
2	j'étais âgée déjà	major_free_declarative	temporal_deixis_past	positive	realis	no	interactant_speaker	non-selectable	responsible	singular	recoverable_explicit		1 adjunct-mood
3	Il s'est fait connaître	major_free_declarative	temporal_deixis_past	positive	realis	no	non-interactant	non-selectable	responsible	singular	recoverable_explicit		1 none
4	et il m'a dit:	major_free_declarative	temporal_deixis_past	positive	realis	no	non-interactant	non-selectable	responsible	singular	recoverable_explicit		0 none
5	« Je vous connais depuis toujours.	major_free_declarative	temporal_deixis_present	positive	realis	no	interactant_speaker	non-selectable	responsible	singular	recoverable_explicit		1 adjunct-circumstanti
6	Tout le monde dit	major_bound	temporal_deixis_present	positive	realis	no	non-interactant	non-selectable	responsible	singular	non-recoverable		0 none
7	que vous étiez belle	major_bound	temporal_deixis_past	positive	irrealis	no	interactant_addressee	polite	responsible	singular	recoverable_explicit		1 none
8	lorsque vous étiez jeune,	major_bound	temporal_deixis_past	positive	irrealis	no	interactant_addressee	polite	responsible	singular	recoverable_explicit		1 none
9	je suis venu	major_bound	temporal_deixis_present	positive	realis	no	interactant_speaker	non-selectable	responsible	singular	recoverable_explicit		0 none
10	pour vous dire	major_bound	non-finite	positive	realis	no	interactant_speaker	non-selectable	responsible	singular	recoverable_implicit		0 none
11	que pour moi je vous trouve plus belle maintenant	major_bound	temporal_deixis_present	positive	realis	no	interactant_speaker	non-selectable	responsible	singular	recoverable_explicit		1 none
12	que lorsque vous étiez jeune,	major_bound	temporal_deixis_past	positive	realis	no	interactant_addressee	polite	responsible	singular	recoverable_explicit		1 none
13	j'aimais moins votre visage de jeune femme	major_free_declarative	temporal_deixis_past	positive	realis	no	interactant_speaker	non-selectable	responsible	singular	recoverable_explicit		1 none
14	que (j'aime) celui [(que vous avez maintenant, dévasté. »)]	major_bound	temporal_deixis_present	positive	realis	no	interactant_speaker	non-selectable	responsible	singular	recoverable_implicit		1 none
15	que vous avez maintenant, dévasté. »	major_bound	temporal_deixis_present	positive	realis	no	non-interactant	polite	responsible	singular	recoverable_explicit		0 adjunct-mood
16	Je pense souvent à cette image [(que je suis seule à voir encore et dont je n'ai jamais parlé)]	major_free_declarative	temporal_deixis_present	positive	realis	no	interactant_speaker	non-selectable	responsible	singular	recoverable_explicit		1 adjunct-mood
17	que je suis seule [(à voir encore)]	major_bound	temporal_deixis_present	positive	realis	no	interactant_speaker	non-selectable	responsible	singular	recoverable_explicit		1 none
18	à voir encore	major_bound	non-finite	positive	realis	no	interactant_speaker	non-selectable	responsible	singular	recoverable_implicit		0 adjunct-mood
19	et dont je n'ai jamais parlé.	major_bound	temporal_deixis_past	negative	realis	no	interactant_speaker	non-selectable	responsible	singular	recoverable_explicit		1 adjunct-mood
20	Elle est toujours là dans le même silence, émerveillante.	major_free_declarative	temporal_deixis_present	positive	realis	no	non-interactant	non-selectable	responsible	singular	recoverable_explicit		1 adjunct-mood
21	C'est entre toutes celle [(qui me plaît de moi-même)], celle [(où je me reconnais)],	major_free_declarative	temporal_deixis_present	positive	realis	no	non-interactant	non-selectable	responsible	singular	recoverable_explicit		1 adjunct-circumstanti
22	[(où je m'enchanté)]	major_bound	temporal_deixis_present	positive	realis	no	non-interactant	non-selectable	responsible	singular	recoverable_explicit		1 none
23	qui me plaît de moi-même,	major_bound	temporal_deixis_present	positive	realis	no	non-interactant	non-selectable	responsible	singular	recoverable_explicit		1 adjunct-circumstanti
24	où je me reconnais,	major_bound	temporal_deixis_present	positive	realis	no	interactant_speaker	non-selectable	responsible	singular	recoverable_explicit		1 adjunct-circumstanti
25	où je m'enchanté.	major_bound	temporal_deixis_present	positive	realis	no	interactant_speaker	non-selectable	responsible	singular	recoverable_explicit		1 adjunct-circumstanti

Figura 5 – Tela capturada de editor de planilha mostrando parte da anotação textual

Após a análise dos dados obtidos via anotação manual, foi escolhido para integrar a microárea de interesse um segmento de texto contendo um complexo oracional, apresentado abaixo:

- MTF: “*c’est entre toutes celle qui me plaît de moi-même, celle où je me reconnais, où je m’enchanté*”;

- MT1: “é, entre todas, a imagem que me faz gostar de mim, na qual me reconheço, a que me encanta”;
- MT2: “entre todas as imagens de mim mesma, é a que me agrada, nela me reconheço, com ela me encanto”;
- MTT: as 11 diferentes interpretações do MTF pelos 11 participantes da pesquisa.

Nesse segmento, foi possível identificar a ocorrência do que Catford (1965) chama de mudanças de unidade (*unit shift*). Estas ocorrem quando “o equivalente de tradução de uma unidade em uma determinada ordem na LF é uma unidade em uma ordem diferente na LA”⁶ (CATFORD, 1965, p. 79), ou, em outras palavras, as realizações lexicogramaticais nos textos de chegada não estão na mesma ordem (*rank*) daquela do texto de partida.

Texto	Id	Instância	status	subject_p resumption	comple ment	adjunct_1	circumstan ce_type1	clause_textu al_theme	clause_topic al_theme
TF	TF_0	C'est entre toutes celle [[qui me plaît de moi-même]], celle [[où je me reconnais]], [[où je m'enchante]]	major_fre e_declara tive	recoverable _explicit	1	adjunct- circumstant ial	manner_co mparison	no_textual_th eme	default
	TF_1	qui me plaît de moi-même,	major_bo und	recoverable _explicit	1	none	no_circums tance	relative	default
	TF_2	où je me reconnais,	major_bo und	recoverable _explicit	1	adjunct- circumstant ial	location_pl ace	relative	perspective
	TF_3	où je m'enchante.	major_bo und	recoverable _explicit	1	adjunct- circumstant ial	location_pl ace	relative	perspective
T1	T1_0	É entre todas a (imagem)[[que me faz gostar de mim]][[na qual me reconheço]]a [[que me encanta]]	major_fre e_declara tive	recoverable _implicit	1	adjunct- circumstant ial	manner_co mparison	no_textual_th eme	default
	T1_1	que me faz gostar de mim	major_bo und	recoverable _explicit	2	none	no_circums tance	relative	default
	T1_2	na qual me reconheço,	major_bo und	recoverable _implicit	1	adjunct- circumstant ial	location_pl ace	relative	perspective
	T1_3	que me encanta.	major_bo und	recoverable _implicit	1	none	no_circums tance	relative	default
T2	T2_0	Entre todas as imagens de mim mesma, é a (Ø:imagem) [[que me agrada,]]	major_fre e_declara tive	recoverable _implicit	1	adjunct- circumstant ial	manner_co mparison	no_textual_th eme	perspective
	T2_1	que me agrada,	major_bo und	recoverable _explicit	1	none	no_circums tance	relative	default
	T2_2	nela me reconheço,	major_fre e_declara tive	recoverable _implicit	1	adjunct- circumstant ial	location_pl ace	no_textual_th eme	perspective
	T2_3	com ela me encanto.	major_fre e_declara tive	recoverable _implicit	2	none	no_circums tance	no_textual_th eme	intensive

Figura 6 - Captura de tela dec parte da anotação manual mostrando mudanças (*shifts*) ocorrendo na ordem da oração entre o TF e as traduções prévias

⁶ Minha tradução para: “the translation equivalent of a unit at one rank in the SL is a unit at a different rank in the TL” (CATFORD, 1965, p. 79).

O Quadro 7 apresenta parte da anotação desse segmento, realizada na ordem da oração, e mostra as diferenças (assinaladas na cor cinza) na seleção das funções dos sistemas gramaticais pelas traduções prévias em relação às funções selecionadas no TF. À exceção de algumas mudanças já esperadas devido às diferenças tipológicas e de registro do sistema linguístico que os textos instanciam, como por exemplo a questão da não-realização do sujeito, ou seja, da ocorrência de sujeito implícito, possível no sistema do português, mas não no do francês, observa-se que as traduções do segmento do TF escolhido apresentaram mudanças importantes no que tange à estrutura das orações. Enquanto no TF e na T1 as orações encaixadas se ligam à oração principal por meio de um relativo (Tema Textual), na T2 a realização é diferente, ligando-se coesivamente a esta por meio de um Adjunto circunstancial de localização, em T2_2, e de um Complemento funcionando experiencialmente como Participante do Processo Mental “encanto”, em T2_3. Outra mudança ocasionada pelo modo como as orações encaixadas foram interpretadas pelos tradutores, diz respeito à frase preposicional “*de moi-même*” no trecho “*c’est entre toutes celle qui me plaît de moi-même*”, a qual gerou mensagens diferentes nas traduções prévias: na T1, essa frase, traduzida como “de mim” em “é entre todas a que me faz gostar de mim”, é interpretada como Complemento funcionando experiencialmente como Participante do Processo Mental “gostar”, e funciona como Fenômeno na perspectiva do Sistema de TRANSITIVIDADE e como Alcance na perspectiva do Sistema de ERGATIVIDADE. Já na T2, essa frase, traduzida como “de mim mesma” em “entre todas as imagens de mim mesma é a que me agrada”, é interpretada como parte do grupo nominal “imagens de mim mesma” e funciona como Qualificador do Ente “imagens”.

Conforme evidenciado na análise apresentada anteriormente, as mudanças (*shifts*) identificadas na estrutura da mensagem de chegada, tanto na T1 quanto na T2, são resultado das diferentes interpretações que os tradutores tiveram acerca dos significados da mensagem do TF. Essas mudanças parecem evidenciar um processo a partir do qual os significados condensados na mensagem de partida teriam sido descompactados e reestruturados na mensagem de chegada, como forma de explicar e explicitar os significados que estariam implícitos no texto original. Silva (2012, p. 24) explica que:

em casos de descompactação de significados, cabe ao tradutor tomar decisões que não se resumem simplesmente a mudança de unidade (*unit shifts*), mas envolvem sobretudo interpretações sobre agenciamento, participantes envolvidos nos processos e questões de tempo, aspecto e causalidade.

Respaldo por Steiner (2001a, 2001b), Silva sugere que os tradutores lançam mão dessa estratégia de descompactação de significados como parte de um processo visando compreender os significados veiculados na mensagem de partida. De acordo com o autor, esse processo acabaria demandando maior esforço cognitivo dos tradutores por nem sempre estes conseguirem manter na versão final do TA a mesma estrutura ou nível de “metaforicidade” do texto original (SILVA, 2012, p. 22-47).

Diante dessas considerações e, acreditando que as mudanças (*shifts*) observadas no segmento de texto previamente analisado possam ser resultado de um possível processo de (des)metaforização, resolveu-se identificá-lo como um possível problema de tradução e elegê-lo para integrar a microárea de interesse no intuito de investigar de que forma o comportamento dos tradutores é impactado durante a tradução desse trecho.

3.4 Procedimentos de análise dos dados

3.4.1 Análise da qualidade dos dados de rastreamento ocular

A metodologia de análise dos dados envolveu, em primeiro lugar, uma verificação da qualidade dos dados de rastreamento ocular. Para essa finalidade, adotou-se a metodologia proposta por Hvelplund (2011), que estabelece três medidas a serem verificadas: 1) média de duração da fixação (*mean fixation duration*); 2) tempo do olhar na tela como uma porcentagem do tempo total de produção (*gaze time on the screen as a percentage of total production time*) e 3) porcentagem das fixações na amostra do olhar (*gaze sample to fixation percentage*). Essa avaliação é importante uma vez que a qualidade dos dados de rastreamento é suscetível a vários fatores, como a distância entre o participante e a tela do experimento e as condições de luz. Sendo assim, Hvelplund (2011, p. 103) sugere que o pesquisador tome certos cuidados desde antes do início do experimento no intuito de reduzir o impacto desses diferentes fatores sobre a qualidade dos dados: i) assegurar-se de que a sala de coleta possua apenas luz artificial de modo a impedir possíveis variações de luz; ii) garantir uma mesa de trabalho individual a fim de evitar vibrações que venham a prejudicar o rastreamento ocular; iii) providenciar uma cadeira que mantenha o participante o quanto estável possível; iv) verificar se o participante se encontra a uma distância adequada do monitor (55 cm a 66 cm). Tomadas essas precauções e realizada a coleta de dados, procedeu-se então à avaliação da qualidade a partir das três medidas mencionadas. Caso os dados submetidos à análise atendessem aos requisitos de ao menos duas das três medidas, eles poderiam ser, então, incluídos no estudo.

3.4.1.1 Duração média das fixações (DMF)

Fixações em atividades de leitura duram geralmente entre 225 ms a 400 ms, respectivamente em uma leitura silenciosa e em uma leitura com digitação paralela (HVELPLUND, 2011, p. 66). O valor mínimo adotado para a duração média da fixação em atividades de leitura envolvendo tradução oscila entre 180 ms (MALTA, 2015; SJØRUP, 2013) e 200 ms (HVELPLUND, 2011). A duração média das fixações (DMF) pode ser calculada dividindo-se a duração total das fixações pelo número de fixações de cada participante durante a tarefa (*duração total das fixações / número de fixações*). Para avaliar a qualidade dos dados de DMF, adotou-se o valor utilizado por Sjørup (2013) e Malta (2015) em suas pesquisas, isto é, 180 ms. Os participantes cujos dados apresentaram DMF abaixo de 180 ms foram então sinalizados por não atenderem ao valor mínimo esperado.

A Tabela 1, do Apêndice E, mostra que os dados apresentados por todos os 12 participantes atenderam ao valor mínimo esperado para a DMF (≥ 180 ms). Desse modo, considerou-se que os resultados encontrados na avaliação desse primeiro critério de qualidade foi satisfatório para todos os participantes.

3.4.1.2 Tempo do olhar na tela (TOT)

Segundo Hvelplund (2011), o tempo do olhar na tela (TOT) é considerado como critério de qualidade, pois, por meio dele, o pesquisador consegue saber a quantidade de dados registrada pelo programa de rastreamento ocular durante o experimento, e verificar se essa quantidade é relevante. O cálculo do TOT se faz comparando-se a soma das fixações durante o tempo de realização da tarefa e o tempo total da tarefa ($100 / \text{tempo total da tarefa} \times \text{soma das fixações}$). Durante a avaliação dessa variável, verificamos que o valor apresentado por um participante (P12 = 10,2%) não atendeu ao critério estabelecido, estando muito abaixo da média (Média = 61,4%), o que indica que o programa registrou uma quantidade muito pequena de seus movimentos oculares, uma vez que estes cobrem apenas 10,2% do tempo total utilizado para a realização da tarefa. Isso sugere que houve algum tipo de problema durante a captação dos dados, o qual impossibilitou o programa de executar o rastreamento ocular de maneira eficaz. Em vista disso, decidiu-se por eliminar esse participante de modo que ele não interferisse nos resultados finais. A Tabela 2 do Apêndice E apresenta os dados considerados bons, isto é, as amostras que apresentaram um valor de TOT maior ou igual a um desvio padrão abaixo da média do total de participantes (Média – DP = 42,6%).

3.4.1.3 Porcentagem das fixações na amostra do olhar (PFO)

A porcentagem das fixações na amostra do olhar (PFO) mostra o quanto de fato representam as fixações no total de movimentos oculares registrados. O valor esperado durante uma atividade de leitura é de que 85% a 95% desse total corresponda a fixações e 5% a 15% corresponda a sacadas (HVELPLUND, 2011, p.67). A PFO pode ser calculada comparando-se o número total de amostras do olhar (fixações + sacadas) com o número de amostras de fixação ($100 / \text{número de amostras do olhar} \times \text{número de amostras de fixação}$).

Apesar de os dados de muitos participantes não atingirem o valor mínimo ideal de 85% de fixações no total de amostras do olhar, decidiu-se sinalizar apenas os valores menores que um desvio padrão abaixo da média (Média – DP = 72,0), aproximando-nos do valor adotado por Hvelplund (2011, p. 106) em sua pesquisa (75,0). Do total de 12 participantes, apenas dois apresentaram uma quantidade de fixações abaixo do valor mínimo esperado, sendo então sinalizados na Tabela 3 do Apêndice E: P04 (70,1%) e P08 (65,6%).

3.4.1.4 Resumo e discussão da qualidade dos dados

A tabela abaixo resume os resultados obtidos na análise da qualidade dos dados de rastreamento ocular a partir das três variáveis – DMF, TOT e PFO. Os espaços sinalizados na Tabela 1 representam os dados que não atenderam aos requisitos necessários para algum dos três critérios avaliados:

Tabela 1 - Resultado da análise de qualidade dos dados

Participante	MDF	TOT	PFO
P01			
P02			
P03			
P04			X
P05			
P06			
P07			
P08			X
P09			
P10			
P11			
P12		X	

Segundo a metodologia de Hvelplund (2011), os dados podem ser considerados bons se atenderam a pelo menos dois critérios de qualidade, o que aconteceu para todos os 12

participantes. Contudo, desse total, decidiu-se por eliminar um participante (P12), já que este apresentou uma quantidade muito pequena de movimentos oculares registrada durante a realização da tarefa (10,2%). Portanto, por acreditar que os dados desse participante não refletiram seu real desempenho na tarefa, optou-se por excluí-lo da pesquisa. Desse modo, foram incluídos ao final um total de 11 participantes (P01, P02, P03, P04, P05, P06, P07, P08, P09, P10, P11).

3.4.2 Variáveis de rastreamento ocular

Neste estudo, utilizamos as mesmas variáveis de rastreamento ocular utilizados na pesquisa de Malta (2015), no intuito de viabilizar a comparação dos resultados. Assim como o autor, os protocolos verbais serão posteriormente analisados e os resultados obtidos serão triangulados com os resultados de rastreamento ocular. O Quadro 8 abaixo apresenta um resumo das variáveis utilizadas, por meio das quais foi possível investigar a alocação de esforço cognitivo dos participantes durante a realização do experimento:

Quadro 7 - Variáveis utilizadas no estudo

Variáveis utilizadas no estudo
Duração média da fixação: total, por AOI e MAOI
Número de fixações total, por AOI e MAOI
Número e duração de visitas total, por AOI e por MAOI
Número de transições entre AOIs

Para que essas variáveis pudessem ser observadas, foi necessária a criação de “cenas” pelo programa Tobii Studio (versão 3.2.2), procedimento adotado logo após a coleta de dados e antes da geração das planilhas em formato XLSX contendo os dados de rastreamento. Cada cena consiste em um recorte da gravação total do experimento realizado por cada participante, e sua criação é feita com vistas a estabelecer em qual ponto da gravação a tarefa de fato se inicia e em qual ponto ela de fato termina. O passo seguinte foi a delimitação de AOIs e MAOIs, como descrito na seção 4.2.1. Somente após essa etapa, procedeu-se à geração das planilhas contendo todas as informações registradas pelo programa Tobii Studio. Os dados referentes às variáveis investigadas foram extraídos de forma semiautomática por meio da formulação de um script escrito na linguagem Python (*cf.* Apêndice F).

3.4.3 Protocolos verbais

Como explicado na seção 3.3.1, os relatos verbais foram divididos em relatos livres e relatos guiados: no primeiro, o participante deveria relatar livremente sobre seu desempenho na tarefa de (re)tradução e, no segundo, responder a algumas perguntas a respeito do experimento, dos textos envolvidos e do processo de (re)tradução. Durante a realização do relato livre, foi necessário, contudo, que o pesquisador interviesse em alguns momentos no intuito de instigar os participantes a descrever seu processo e/ou esclarecê-los sobre como deveriam proceder. O tratamento dos dados envolveu a transcrição literal dos relatos respeitando a norma padrão da linguagem escrita, de forma que fossem adaptadas ou omitidas algumas formas da linguagem oral, como, por exemplo, marcas prosódicas (alongamento de vogais, entonação enfática, hesitações) e variações do português contrárias à norma culta (“pra” ao invés de “para”, “tava” ao invés de “estava”, “num” ao invés de “não”, etc.). As transcrições da fala do pesquisador durante o relato livre foram antecedidas da etiqueta “EU” e colocadas entre parênteses. Os protocolos verbais podem ser consultados no Apêndice A (protocolos livres) e no Apêndice B (protocolos guiados).

4 RESULTADOS

Este capítulo se divide em três seções e dedica-se à apresentação dos resultados da pesquisa. A primeira seção apresenta os dados de rastreamento ocular, a segunda, os protocolos verbais e, a terceira, a triangulação dos dados.

4.1 Rastreamento ocular

Nesta seção, apresentam-se os dados quantitativos de rastreamento ocular. Na primeira parte, analisam-se as visitas (número e duração por AOI e por MAOI) e o fluxo de transições visuais (entre AOIs). Na segunda parte, são analisadas as fixações (número e duração média por AOI e por MAOI).

Para a variável número de visitas é levada em consideração a configuração do experimento: na configuração 1 (C1), a T1 foi disposta à esquerda da tela do experimento e, a T2, à direita; na configuração 2 (C2), as posições foram invertidas, de forma que a T1 encontrava-se à direita da tela e, a T2, à esquerda. A criação de duas configurações foi feita com vistas a investigar se a disposição das traduções prévias causaria alguma interferência sobre o processo de (re)tradução. Os participantes P01, P02, P04, P07, P09 e P11 realizaram a tarefa conforme a C1, e, os participantes P03, P05, P06, P08 e P10, realizaram a tarefa conforme a C2.

Assim como na pesquisa de Malta (2015), para cada conjunto de dados foram criadas tabelas exibindo os valores apresentados por participante e por AOI (ou MAOI), com o valor da média, do desvio padrão e do coeficiente de variação. Segundo Malta, este último valor tem a função de normalizar o desvio padrão em relação à média, e permite analisar o grau de dispersão ou heterogeneidade dos dados nas AOIs (TF, TA, T1 e T2) e MAOIs (MTF, MTA, MT1 e MT2). Dados apresentando um valor de CV de até 20% são considerados de boa precisão (MALTA, 2015, p. 88). O tratamento dos dados numéricos foi realizado por meio de programas de edição de planilhas e do R (R CORE TEAM, 2011). O programa R foi utilizado exclusivamente para a aplicação dos testes estatísticos: primeiramente, os dados foram submetidos ao teste de normalidade Shapiro-Wilk e, conforme o resultado encontrado, procedeu-se à aplicação do Teste T pareado para os dados paramétricos e do Teste de Wilcoxon para os dados não paramétricos.

4.1.1 Visitas e transições visuais

Esta subseção apresenta os dados referentes às visitas, cuja apuração obedeceu às seguintes especificações: (i) uma visita é computada toda vez que o olhar do participante recai sobre uma área de interesse previamente delimitada; (ii) uma visita dura desde o momento em que o olhar recai sobre uma área de interesse até o momento em que ele abandona tal área. Nesta pesquisa, tanto as visitas quanto as transições visuais foram consideradas apenas interárea. Por meio da variável visitas foi possível observar quantas vezes e por quanto tempo os participantes dedicaram atenção visual a cada uma das áreas de interesse. Já a variável transições visuais permitiu estabelecer como se deu o fluxo de processamento dos participantes, isto é, qual foi o caminho percorrido pelo olhar durante a realização da tarefa.

4.1.1.1 Número de visitas às áreas de interesse (AOIs)

Foram obtidos resultados semelhantes àqueles encontrados por Malta (2015) no que se refere à distribuição de visitas nas quatro AOIs: o maior número de acessos se deu à área correspondente ao TA, que recebeu ao todo 1.431 visitas, com uma média de 130,1 visitas por participante, correspondente a 40,6% de todas as visitas realizadas às quatro AOIs. Este resultado corrobora as pesquisas que apontam para a incidência de maior atividade visual no TA devido ao fato de que, durante o acesso à essa área, o participante deve coordenar mais recursos cognitivos uma vez que a produção do TA envolve digitação concomitante. A segunda área mais visitada foi o TF, que recebeu 1.201 visitas, com uma média de 109,2 visitas por participante, equivalente a 34% do total de visitas realizadas às quatro AOIs. Foram acessadas em menor escala as traduções prévias: primeiro, a T1, que recebeu 455 visitas, com uma média de 41,4 visitas por participante, equivalente a 12,9% do total de visitas; em seguida, a T2, que recebeu 437 visitas, com uma média de 39,7 visitas por participante, equivalente a 12,4% do total de visitas. Ao todo, foram realizadas 3.524 visitas às quatro AOIs. Os Gráficos 1 e 2 ilustram a distribuição de visitas por AOI.

Gráfico 1 - Número de visitas às AOIs

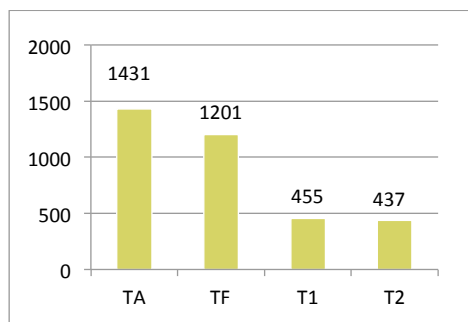
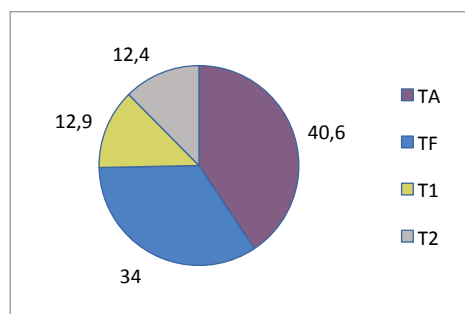


Gráfico 2 – Porcentagem de visitas às AOIs



Nota: TF = texto-fonte; TA = texto-alvo; T1 = tradução 1; T2 = tradução 2

Assim como na pesquisa de Malta (2015), se avaliados separadamente, alguns participantes apresentam resultados divergentes no que diz respeito ao número de visitas realizadas ao TF e ao TA, de um lado, e ao T1 e ao T2 do outro. No primeiro caso, o único participante que diverge do resultado geral é P01, que realizou mais visitas ao TF do que ao TA. No segundo caso, houve uma distribuição equilibrada das visitas à T1 e à T2: cinco participantes (P01, P03, P08, P10, P11) realizaram mais visitas à T1 do que à T2, cinco participantes (P02, P05, P06, P07, P09) realizaram mais visitas à T2 do que à T1 e um participante (P04) realizou o mesmo número de visitas à T1 e à T2.

Tabela 2 - Número de visitas por participante por AOI

Participante	TF	TA	T1	T2	TOTAL
P01	65	63	17	12	157
P02	120	142	47	58	367
P03	98	109	66	46	319
P04	62	75	13	13	163
P05	198	248	94	95	635
P06	95	105	16	22	238
P07	141	166	44	54	405
P08	89	97	23	15	224
P09	135	164	44	62	405
P10	65	93	45	21	224
P11	133	169	46	39	387
TOTAL	1201	1431	455	437	3524
Média	109,2	130,1	41,4	39,7	320,4
DP	41,4	53,9	24,2	26,2	140,3
CV (%)	37,9	41,5	58,4	66,1	43,8

Nota: DP = desvio padrão, CV = coeficiente de variação, TF = texto-fonte, TA = texto-alvo, T1 = tradução 1, T2 = tradução 2

A Tabela 2 mostra os resultados do número de visitas por participante e por AOI. Nota-se uma grande dispersão dos dados, indicada pelo alto valor apresentado pelo CV em cada uma das AOIs (TF = 37,9, TA = 41,5, T1 = 58,4, T2 = 66,1). Conforme exposto por Malta

(2015), valores de CV maiores do que 30% são considerados de “muito alta dispersão”. Sendo assim, os resultados para a variável número de visitas apontam que há um alto grau de heterogeneidade dos dados, ou seja, que houve uma diferença significativa no que diz respeito à quantidade de visitas realizada por cada participante em cada AOI.

No intuito de verificar se a diferença na quantidade total de visitas realizadas por AOI pode ser considerada significativa, foram aplicados testes estatísticos para todas as combinações entre áreas. Os resultados, dispostos na Tabela 3, mostram que há uma diferença significativa no número de visitas realizadas às AOIs para a maioria das combinações ($p < 0,05$). A única combinação que não acusou significância foi T1-T2 ($p = 0,6831$).

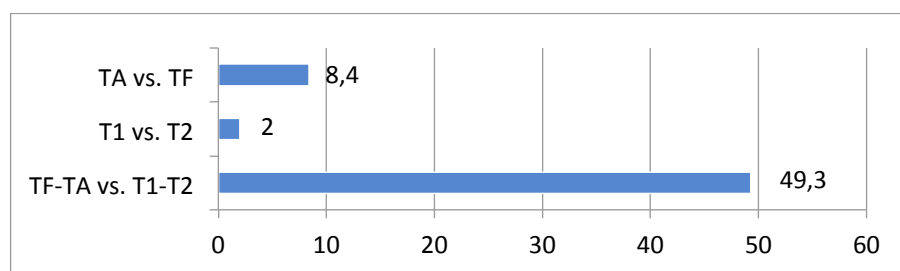
Tabela 3 - Resultados estatísticos relativos ao número de visitas

Combinação	Resultados
TF-TA	$p = 0.0008441$ TA > TF
T1-T2	$p = 0.6831$ T1 > T2
TF-T1	$p = 9.554e-06$ TF > T1
TF-T2	$p = 3.288e-07$ TF > T2
TA-T1	$p = 1.395e-05$ TA > T1
TA-T2	$p = 2.261e-06$ TA > T2

Nota: TF = texto-fonte, TA = texto-alvo, T1 = tradução 1, T2 = tradução 2

Esses resultados confirmam os resultados de Malta (2015) e revelam que houve uma diferença significativa no número de visitas realizadas ao TF em relação ao TA e destes em relação às traduções prévias, tendo sido muito menor nestas do que naquelas. Somente não houve diferença significativa quanto ao número de visitas realizadas à T1 em relação à T2. O Gráfico 3 mostra que, em termos de porcentagem, houve uma diferença de 8,4% entre o número de visitas realizadas ao TA (colocar o valor) em relação ao TF (colocar o valor) e de 2% entre o número de visitas realizadas à T1(valor) em relação à T2 (valor). Já a diferença entre o número total de visitas realizadas ao TF e TA (2.632), juntos, em relação à T1 e T2 (892), juntas, é de 49,3%. Esses resultados corroboram os resultados encontrados por Malta (2015) em sua pesquisa, em que as áreas correspondentes ao TF e ao TA, juntos, receberam um número de visitas significativamente maior do que as áreas da T1 e da T2, reforçando a hipótese de que, no processo de (re)tradução, a relação TF-TA é a dominante, cabendo às traduções prévias o papel de auxílio à (re)tradução, uma vez que T1 e T2 são acessadas em escala muito menor do que TF e TA.

Gráfico 3 - Diferença entre os números de visitas realizadas às AOI (%)



Nota: TF = texto-fonte, TA = texto-alvo, T1 = tradução 1, T2 = tradução 2

Quando são considerados os grupos de participantes divididos por configuração do experimento, em que a C1, da qual fazem parte P01, P02, P04, P07, P09 e P11, apresenta a T1 à esquerda da tela e a T2 à direita, enquanto a C2, da qual fazem parte P03, P05, P06, P08 e P10, apresenta a disposição inversa, obtém-se os resultados expostos na Tabela 4. Verifica-se que houve mudança apenas quanto à tradução prévia com maior número de visitas, maior para a T2 na C1 e maior para a T1 na C2. Como mencionado, o estabelecimento de duas configurações diferentes teve como objetivo verificar se a disposição das traduções prévias interfere no processo de (re)tradução.

Tabela 4 - Número de visitas por AOI por configuração do experimento (C1 e C2)

Configuração	TF	TA	T1	T2	TOTAL
C1	656	779	211	238	1884
C2	545	652	244	199	1640
TOTAL	1.201	1.431	455	437	3.524

Nota: C1 = configuração 1, C2 = configuração 2, TF = texto-fonte, TA = texto-alvo, T1 = tradução 1, T2 = tradução 2

Observa-se que a T1 registrou 211 visitas, uma diferença de 6% em relação à T2, que registrou 238 visitas. Já na C2, o número de visitas à T1 foi de 244, ao passo que o número de visitas à T2 foi de 199, uma diferença de 10,2%. Levando-se em consideração os lados esquerdo (LE) e direito (LD), representados, respectivamente, por T1 (C1) e T2 (C2), e por T2 (C1) e T1 (C2), obtém-se um total de 410 visitas ao LE e de 482 visitas ao LD. Contudo, a diferença dos valores apresentados pela T1 e pela T2 em ambas as configurações, quando comparadas uma à outra, não é considerada estatisticamente significativa ($p = 0,08313$), revelando que a disposição das traduções prévias não gerou impacto no processo de (re)tradução.

Verifica-se, por fim, que, assim como na pesquisa de Malta, os participantes lidaram de forma desigual com as diferentes AOIs, pois realizaram visitas mais frequentes ao TA e ao TF e visitas bem menos frequentes à T1 e à T2, o que reforça a hipótese de que o tipo de consulta às traduções prévias serve a um objetivo diferente daquele realizado ao TF e ao TA.

4.1.1.2 Número de visitas às microáreas de interesse (MAOIs)

A Tabela 5 mostra que o TF possui, ao todo, 123 palavras, ou 547 caracteres sem espaçamento, e sua microárea correspondente, denominada MTF, possui 17 palavras ou 78 caracteres, constituindo 14,1% do TF. A T1 possui 106 palavras, ou 452 caracteres sem espaçamento, e sua microárea correspondente, denominada MT1, possui 18 palavras ou 64 caracteres (15,6% da T1). Por fim, a T2 possui 113 palavras, ou 490 caracteres, e sua microárea correspondente, denominada MT2, possui 19 palavras ou 76 caracteres, constituindo (16,2% da T2). Em média, o texto selecionado em cada MAOI representa 15,3% do texto de sua respectiva AOI.

Tabela 5 - Tamanho dos textos das AOIs e MAOIs

AOI	Palavras	Caracteres	MAOI	Palavras	%	Caracteres	%	Média %
TF	123	547	MTF	17	13,8%	78	14,3%	14,1%
T1	106	452	MT1	18	17,0%	64	14,2%	15,6%
T2	113	490	MT2	19	16,8%	76	15,5%	16,2%

Nota: AOI = área de interesse, MAOI = área de interesse, TF = texto-fonte, TA = texto-alvo, T1 = tradução 1, T2 = tradução 2, MTF = microáreamicroárea do texto-fonte, MTA = microáreamicroárea do texto-alvo, MT1 = microáreamicroárea da tradução 1, T2 = microáreamicroárea da tradução 2

Do número total de visitas (3.524), 35,6% (1.256) destinaram-se à fração de texto selecionada nas MAOIs. A MTA foi a mais visitada (590), seguida da MTF (284), da MT2 (210), e, por último, da MT1 (172). Diferentemente do que foi encontrado por Malta (2015) em sua pesquisa, os resultados referentes ao número de visitas realizadas às microáreas não contradizem o comportamento registrado nas AOIs, uma vez que a microárea correspondente ao texto-alvo continua sendo mais acessada do que aquela correspondente ao texto-fonte. A Tabela 6 mostra o número de visitas realizadas por cada participante a cada MAOI.

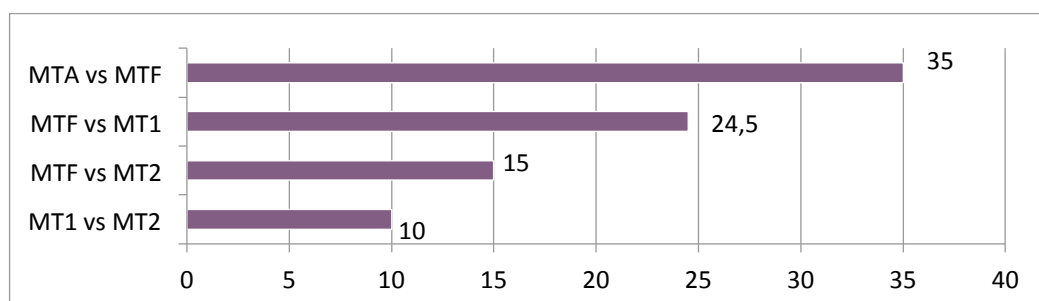
Tabela 6 - Número de visitas por participante por MAOI

Participante	MTF	MTA	MT1	MT2	TOTAL
P01	21	24	19	10	74
P02	32	53	12	35	132
P03	21	72	25	32	150
P04	8	24	5	8	45
P05	50	71	44	39	204
P06	33	70	8	14	125
P07	41	95	14	19	169
P08	13	62	12	13	100
P09	27	29	6	20	82
P10	17	21	12	3	53
P11	21	69	15	17	122
TOTAL	284	590	172	210	1256
Média	25,8	53,6	15,6	19,1	114,2
DP	12,4	25,2	11,0	11,6	49,2
CV (%)	48,0	47,0	70,4	60,8	43,1

Nota: DP = desvio padrão, CV = coeficiente de variação, MTF = microárea do texto-fonte, MTA = microárea do texto-alvo, MT1 = microárea da tradução 1, T2 = microárea da tradução 2

Observa-se, contudo, no Gráfico 4, que o número de visitas à MTF se aproxima mais do número de visitas à MT2 (diferença de 15%) do que do número de visitas à MTA (diferença de 35%). Segundo Malta (2015, p. 97), um maior número de acessos ao texto-fonte, em detrimento de um maior número de acessos ao texto-alvo pode indicar que a tradução do trecho é problemática. Aqui, podemos lançar igualmente a hipótese de que um número de visitas às traduções prévias próximo ao de visitas ao texto-fonte pode também significar que a tradução do trecho é problemática: nesse caso, a consulta ao texto-fonte não teria sido suficiente para que o participante tomasse uma decisão tradutória, sendo-lhe necessário recorrer às soluções já existentes para resolver o problema de tradução encontrado.

Gráfico 4 - Diferença entre o número de visitas realizadas às MAOIs

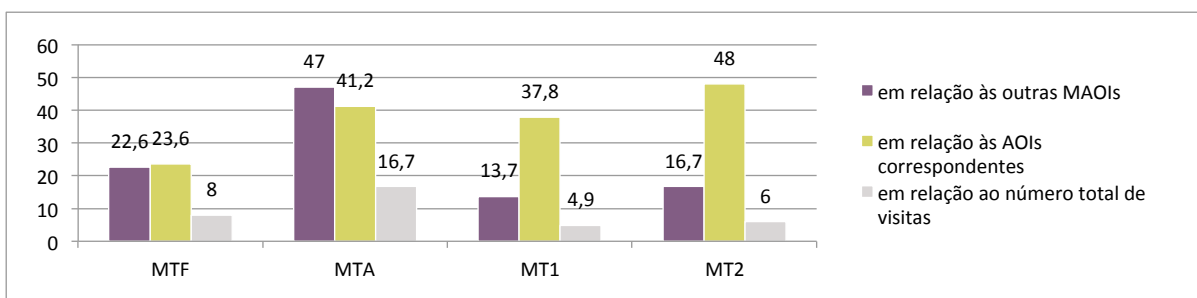


Nota: MTF = microárea do texto-fonte, MTA = microárea do texto-alvo, MT1 = microárea da tradução 1, T2 = microárea da tradução 2

O Gráfico 5 mostra que, em relação ao número total de visitas às MAOIs, a MTA foi a que registrou maior número de visitas (47%), seguida da MTF (22,6%), da MT2 (16,7%), e,

por último, da MT1 (13,7%). Ao se comparar o quanto cada MAOI representa em relação à AOI à qual pertence, observa-se que a MTF corresponde a 23,6% das visitas realizadas ao TF, a MTA corresponde a 41,2% das visitas realizadas ao TA, a MT1 corresponde a 37,8% das visitas realizadas à T1 e a MT2 corresponde a 48% das visitas realizadas à T2. Esses valores, sobretudo os apresentados pela MT2 (48%) e pela MTA (41,2%), os quais chegam a quase 50% do total de visitas às AOIs correspondentes, sugerem que, durante a tradução do segmento de texto selecionado nas MAOIs, houve forte incidência de atenção visual nessas áreas: as traduções prévias e, em particular, a MT2, parecem ter sido especialmente consultadas, e a produção do texto-alvo nessa passagem parece ter sido onerosa para os participantes. Em relação ao número total de visitas realizadas pelos participantes às quatro AOIs juntas, a MTA representa 16,7%, seguida da MTF, que representa 8%, e logo depois da MT2, que recebeu 6% das visitas, e, por fim, da MT1, que registrou 4,9% delas.

Gráfico 5 – Número de visitas às MAOIs (%)



Nota: MTF = microárea do texto-fonte, MTA = microárea do texto-alvo, MT1 = microárea da tradução 1, T2 = microárea da tradução 2

Ao se aplicar os testes estatísticos, observa-se que, para a maioria das combinações, a diferença quanto ao número de acessos à cada MAOI se mostra estatisticamente significativa, à exceção da combinação MT1-MT2 ($p = 0,3276$). A diferença quanto ao número de acessos à MTF, comparado à MT2, chega perto de ser considerada não-significativa ($p = 0,04788$). A diferença chega a ser extremamente significativa quando comparado o número de visitas à MTA em relação à MT1 ($p = 0,0009766$) e à MT2 ($p = 0,0004$). Contrariando os resultados de Malta (2015), é também considerada significativa a diferença entre o número de visitas à MTA em relação à MTF ($p = 0,0012$). Já a diferença entre a MTF e a MT1 se mostra menos acentuada, mas ainda assim bastante significativa, sendo maior na MTF do que na MT1 ($p = 0,01124$). Os resultados são mostrados na Tabela 7.

Tabela 7 - Resultados dos testes estatísticos referente ao número de visitas às MAOIs

Combinação	Resultados	
MTF-MTA	$p = 0.001183$	MTA > MTF
MT1-MT2	$p = 0.3276$	MT2 > MT1
MTF-MT1	$p = 0.01124$	MTF > MT1
MTF-MT2	$p = 0.04788$	MTF > MT2
MTA-MT1	$p = 0.0009766$	MTA > MT1
MTA-MT2	$p = 0.0003536$	MTA > MT2

Nota: TF = texto-fonte, TA = texto-alvo, T1 = tradução 1, T2 = tradução 2

Por um lado, os resultados reafirmam que o tipo de acesso às traduções prévias é significativamente menor do que aquele à MTF e à MTA, indicando serem de naturezas distintas e servirem a diferentes propósitos. Por outro lado, os resultados contrariam a hipótese de que o número de acessos à MTF ultrapassaria o da MTA durante a tradução do segmento de texto selecionado nas microáreas, como ocorreu na pesquisa de Malta (2015), e sugerem, contudo, que o número de acessos às traduções prévias pode ser maior durante a tradução desse segmento, considerado problemático, do que em outras partes do texto. Esse resultado sugere que, ao serem deparados com um problema de tradução, os participantes buscam mais apoio nos recursos disponíveis, no caso, as traduções prévias.

4.1.1.3 Duração das visitas às AOIs

As visitas realizadas pelos participantes às AOIs duraram, em média, 1,798 s. O resultado geral mostra que o TA (1.969,1 ms) apresenta uma duração média de visitas maior do que as outras AOIs. A duração média das visitas foi a segunda maior no TF (1.869 ms), enquanto as traduções prévias apresentaram média inferior : 1.433,8 ms, na T2, e 1.330 ms, na T1. Associando-se esse resultado geral àquele relativo ao número de visitas, observa-se que, comparado ao TF, as visitas ao TA foram, em média, mais numerosas e mais duradouras. Já em relação às traduções prévias, nota-se que as visitas à T1 foram, em média, mais numerosas do que aquelas à T2, porém a duração média dessas visitas foi maior na T2 do que na T1.

Ao analisarmos os resultados individualmente, verifica-se, contudo, uma grande dispersão dos dados, indicada pelo valor apresentado pelo coeficiente de variação em todas as AOIs ($CV > 30\%$). Para pouco mais da metade dos participantes (P02, P03, P05, P06, P08, P09) a AOI com duração média mais alta é o TA. Os outros quatro participantes realizaram visitas com duração média mais alta no TF (P07 e P10) e na T2 (P01 e P11). A AOI que apresenta a menor duração média de visitas é a T1 para quase metade dos participantes (P02,

P03, P07 e P11). Os demais participantes realizaram visitas com a menor duração média na T2 (P05, P08 e P10), no TA (P01) e no TF (P06).

Tabela 8 - Duração média das visitas por participante por AOI (em milissegundos)

Participante	TF	TA	T1	T2
P01	2673	1334	2333	2926
P02	1723	1949	1093	1300
P03	2643	3392	2026	2139
P04	1257	1068	568	697
P05	2511	2660	1334	1179
P06	2295	3674	2776	2337
P07	1828	1695	760	967
P08	1489	1614	896	753
P09	1388	1607	1306	1307
P10	1722	1477	879	690
P11	1038	1190	659	1477
Média	1869,7	1969,1	1330	1433,8
DP	576,6	883,5	733,9	736,1
CV (%)	30,8	44,8	55,2	51,3

Nota: DP = desvio padrão, CV = coeficiente de variação, TF = texto-fonte, TA = texto-alvo, T1 = tradução 1, T2 = tradução 2

Ao se aplicar os testes estatísticos, cujos resultados encontram-se expostos na Tabela 9, nota-se que houve diferença significativa quanto à duração média das visitas ao TF em relação à T1 ($p = 0,003082$) e à T2 ($p = 0,02557$) e entre o TA e a T1 ($p = 0,03223$). Os testes não acusam diferença significativa nas combinações T1-T2 ($p = 0,3604$), TF-TA ($p = 0,5195$) e TA-T2 ($p = 0,06738$). Na pesquisa de Malta (2015), os testes acusaram diferença significativa para quase todas as combinações, à exceção de T1-T2 e TF-T2.

Tabela 9 - Resultado dos testes estatísticos para a variável duração média de visitas (AOIs)

Combinação	Resultados
TF-TA	$p = 0.5195$ TA > TF
T1-T2	$p = 0.3604$ T2 > T1
TF-T1	$p = 0.003082$ TF > T1
TF-T2	$p = 0.02557$ TF > T2
TA-T1	$p = 0.03223$ TA > T1
TA-T2	$p = 0.06738$ TA > T1

Nota: TF = texto-fonte, TA = texto-alvo, T1 = tradução 1, T2 = tradução 2

Esses resultados apontam semelhança em termos de duração quanto às visitas realizadas às traduções prévias, por um lado, e ao TF e ao TA, por outro. No entanto, a diferença não-significativa encontrada para a combinação TA-T2, nesta pesquisa, e TF-T2, na pesquisa de Malta, sugere que os participantes apresentam comportamentos distintos que

invalidam o estabelecimento de um padrão quanto à duração das visitas e o tipo de processamento envolvido nas quatro AOIs. Reforça-se, desse modo, a sugestão do autor de que o ineditismo da tarefa de (re)tradução pode ter conduzido os participantes a um comportamento errático, dada sua inexperiência com esse tipo de tarefa.

4.1.1.4 Duração das visitas nas MAOIs

Nas MAOIs, obteve-se um resultado diferente daquele apresentado nas AOIs no que diz respeito à duração média das visitas, maior na MTF (1.244,5 ms) do que em todas as outras MAOIs. A MTA é a segunda com maior duração média de visitas (613,5 ms), seguida da MT2 (441,2 ms) e da MT1 (395,7 ms). A Tabela 10 mostra que, ao se analisar os resultados individualmente, a MTF é a microárea com maior duração média para praticamente todos os participantes, com exceção apenas de P04, para quem a MTF apresentou a segunda maior duração média (431 ms), logo depois da MTA (453 ms). Em relação às traduções prévias, observa-se que metade dos participantes consultaram por mais tempo a MT1 do que a MT2 (P02, P05, P06, P08 e P10), e, a outra metade (P01, P03, P04, P07, P09 e P11), mais a MT2 do que a MT1. O alto valor acusado pelo CV mostra que os valores variaram bastante entre os participantes, sendo mais dispersos nas microáreas das traduções prévias do que naquelas do TF e do TA.

Tabela 10 - Duração média das visitas por participante por MAOI (em milissegundos)

Participante	MTF	MTA	MT1	MT2
P01	1269	708	494	551
P02	1248	608	488	456
P03	1913	826	562	627
P04	431	453	190	235
P05	1603	778	382	307
P06	1329	886	872	661
P07	1191	546	255	593
P08	1808	316	250	140
P09	1194	418	264	469
P10	829	821	333	244
P11	878	388	263	570
Média	1244,8	613,5	395,7	441,2
DP	433,0	201,6	198,8	180,5
CV (%)	34,8	32,9	50,2	40,9

Nota: DP = desvio padrão, CV = coeficiente de variação, MTF = microárea do texto-fonte, MTA = microárea do texto-alvo, MT1 = microárea da tradução 1, MT2 = microárea da tradução 2

Diferentemente de Malta, os dados indicam que as MAOIs foram consultadas por todos os participantes. Para dois deles (P08 e P11), inclusive, a MT2 foi a microárea que apresentou a segunda maior duração média de visitas depois da MTF. Os resultados dos testes estatísticos, expostos na Tabela 11, revelam que houve diferença significativa quanto à duração das visitas às MAOIs para todas as combinações, à exceção apenas das traduções prévias (MT2>MT1, $p = 0,7002$). Este resultado reforça a hipótese de que o processo de (re)tradução caracteriza-se pela predominância da relação de tradução entre texto-fonte e texto-alvo e pelo papel coadjuvante das traduções prévias. O tipo de visita às traduções prévias seria, como sugere Malta, o de “consulta e conferência de uma informação já processada”, enquanto que aquele ao texto-fonte e ao texto-alvo seria o de “compreensão, de processamento e de reelaboração”. (MALTA, 2015, p. 106).

Tabela 11 - Resultados dos testes estatísticos para a variável duração média de visitas (MAOIs)

Combinação	Resultados	
MTF-MTA	$p = 0.0006962$	MTA < MTF
MT1-MT2	$p = 0.7002$	MT2 > MT1
MTF-MT1	$p = 0.0009766$	MTF > MT1
MTF-MT2	$p = 0.0001284$	MTF > MT2
MTA-MT1	$p = 0.0009766$	MTA > MT1
MTA-MT2	$p = 0.02647$	MTA > MT2

Nota: MTF = microárea do texto-fonte, MTA = microárea do texto-alvo, MT1 = microárea da tradução 1, MT2 = microárea da tradução 2

Os resultados para a combinação MTF-MTA refletem os resultados obtidos por Malta (2015), e revelam que a duração média de visitas à MTF é significativamente maior do que aquela à MTA ($p = 0,0006962$). Esse resultado pode ser contrastado com os resultados obtidos na análise da mesma variável para as AOIs, em que não foi encontrada diferença significativa quanto à duração média de visitas ao TF em comparação ao TA. Ao cotejarmos esses resultados com aqueles obtidos para a variável número de visitas, reforçamos a hipótese de que, durante a tradução do segmento de texto selecionado nas microáreas, caracterizado por apresentar um problema de tradução, os participantes recorrem ao texto-fonte por mais tempo (MTF>MTA, $p = 0,0006962$) e parecem recorrer às traduções prévias um maior número de vezes (MTF>MT2, $p = 0,04788$) do que durante a tradução de outras partes do texto.

4.1.1.5 Fluxo de processamento nas AOIs

O fluxo de processamento diz respeito às transições visuais ocorrendo durante a realização da tarefa, representando, portanto, o caminho percorrido pelo olhar dentro das áreas de interesse delimitadas. Uma transição envolve sempre a relação entre duas áreas de interesse, uma de origem e a outra de destino. Para o cálculo das transições, é preciso desconsiderar as informações em branco na coluna de fixações da planilha exportada com o programa Tobii Studio (células apresentando o valor “0”, referente à “nulo”, nas colunas indicando incidência do olhar nas AOIs). Toda vez que ocorre uma sacada, por exemplo, o programa registra que não houve fixação em nenhuma parte da tela. Contudo, as sacadas geralmente precedem as transições visuais (intra e interáreas). Ao se excluir os dados indicando a não incidência de atividade visual, é possível estabelecer uma sequência de movimentação do olhar. Conforme explicitado na metodologia, esse cálculo foi feito com o auxílio de um *script* (cf. Apêndice F).

A Tabela 12 resume o número de transições realizadas ao todo pelos 11 participantes. Observa-se que o maior número de transições se faz a partir de e em direção ao TA. O número de transições partindo do TF em direção ao TA (966) é quase tão alto quanto o de transições percorrendo a direção inversa (954), com uma diferença de apenas 0,6%. O número de transições partindo do TF é o segundo maior em direção à T1 (139), com um valor 17,8% maior em relação ao número registrado quanto às transições partindo do TF para a T2 (97). Há também mais transições para o TF partindo da T1 (137) do que da T2 (110).

Tabela 12 - Número e porcentagem de transições visuais entre as AOIs

	→ TF	→ T1	→ T2	→ TA
TF →	-	139 (3,94%)	97 (2,75%)	966 (27,4%)
T1 →	137 (3,89%)	-	94 (2,64%)	222 (6,30%)
T2 →	110 (3,12%)	89 (2,52%)	-	239 (6,78%)
TA →	954 (27,1%)	227 (6,44%)	246 (6,98%)	-

Nota: TF = texto-fonte, TA = texto-alvo, T1 = tradução 1, T2 = tradução 2

O número de transições envolvendo uma mesma combinação de AOIs é bem próximo nas duas direções. A combinação que apresenta menor número de transições é T2←→T1 (183), seguida do TF em direção às traduções prévias, e, por último, das traduções prévias em direção ao TA. Como já mencionado, o maior número de transições aparece na combinação TA←→TF (1.920), responsável por mais da metade de todas as transições realizadas (54,5%). Essa configuração corrobora os resultados encontrados na pesquisa de Malta e reflete a existência de uma forte relação de tradução (predominância de atividade visual) entre TF e

TA, em que as traduções prévias atuam apenas como auxiliares.

Ao se analisar os resultados apresentados individualmente por cada participante, verifica-se que todos eles realizam mais transições entre TF e TA do que em qualquer outra combinação. A Tabela 13 apresenta os dados referentes ao número de transições por participante partindo do TF e do TA. Observa-se que mais da metade das transições partindo do TA vão em direção ao TF (954 ou 66,85%) e o restante se divide entre as duas traduções prévias (473 ou 33,14%). Já as transições partindo do TF em direção ao TA representam 80,36% (966) das transições partindo do TF. As 19,63% (236) restantes se dividem entre as traduções prévias (236).

Tabela 13 - Número de transições por participante partindo do TF e do TA

Participante	TF → T1	TF → T2	TF → TA	TA → T1	TA → T2	TA → TF
P01	6	6	53	7	3	53
P02	16	10	95	17	36	89
P03	31	12	55	27	18	64
P04	0	5	53	11	6	57
P05	26	20	152	54	58	136
P06	4	7	84	6	13	86
P07	10	13	119	22	30	113
P08	8	5	77	12	9	75
P09	18	13	105	17	34	112
P10	9	1	56	32	14	46
P11	11	5	117	22	25	123
TOTAL	139	97	966	227	246	954
Média	12,6	8,8	87,8	20,6	22,4	86,7
DP	9,4	5,4	33,1	13,7	16,3	30,7
CV (%)	74,2	60,8	37,7	66,5	72,9	35,4

Nota: DP = desvio padrão, CV = coeficiente de variação, TF = texto-fonte, TA = texto-alvo, T1 = tradução 1, T2 = tradução 2

Tabela 14 - Número de transições por participante partindo da T1 e da T2

Participante	T1 → TF	T1 → T2	T1 → TA	T2 → TF	T2 → T1	T2 → TA
P01	7	3	7	5	4	3
P02	20	12	14	11	14	33
P03	18	16	32	16	8	22
P04	2	2	9	3	2	8
P05	40	17	37	22	14	59
P06	6	2	8	3	6	13
P07	12	11	21	16	12	26
P08	7	1	15	7	3	5
P09	6	15	23	17	9	36
P10	12	6	27	7	4	10
P11	7	9	29	3	13	23
TOTAL	137	94	222	110	89	238
Média	12,5	8,5	20,2	10	8,1	21,6
DP	10,6	6,1	10,3	6,8	4,6	16,7
CV (%)	85,3	70,9	51,2	67,5	56,8	77,0

Nota: DP = desvio padrão, CV = coeficiente de variação, TF = texto-fonte, TA = texto-alvo, T1 = tradução 1, T2 = tradução 2

As transições partindo da T1 (453) correspondem a 50,9% das transições partindo das traduções prévias, as outras 49,1% partindo da T2 (437). Há mais transições em direção ao TA do que ao TF tanto partindo tanto da T1 (222) quanto da T2 (238) e há mais transições saindo da T1 em direção à T2 (94), do que na direção contrária (89), uma diferença de 2,73%. Na Tabela 14, o valor apontado pelo CV mostra, entretanto, que houve diferença considerável no valor apresentado por participante: seis participantes realizaram mais transições partindo da T2 para a T1 (P01, P02, P06, P07, P08 e P11), enquanto quatro participantes realizaram mais transições na direção inversa (P03, P05, P09, P10) e apenas um realizou o mesmo número de transições nas duas direções (P04). As transições partindo da T1 foram mais numerosas em direção ao TA para oito participantes (P03, P04, P06, P07, P08, P09, P10, P11) e em direção ao TF para outros dois (P02, P05). Já o participante P01 realizou o mesmo número de transições partindo da T1 para as duas direções. As transições partindo da T2 também foram mais numerosas em direção ao TA para nove participantes (P02, P03, P04, P05, P06, P07, P09, P10, P11) e em direção ao TF para os outros dois (P01 e P08).

Os resultados para os testes estatísticos relativos às combinações com origem da transição no TF ou no TA, apresentados na Tabela 15, revelam que houve diferença significativa entre o número de transições: i) partindo do TF em direção às traduções prévias em relação às do TF em direção ao TA, sendo maior em direção ao TA; ii) partindo do TA em direção ao TF em relação àquelas partindo do TA em direção às traduções prévias, sendo maior em direção ao TF; iii) partindo do TF em direção ao TA ou do TA em direção às traduções prévias, sendo maior no primeiro caso (TF→TA); iv) partindo do TF ou do TA em direção à T2, sendo maior partindo do TA; v) partindo do TF em direção à T1 ou do TA em direção ao TF, sendo maior no segundo caso (TA→TF). Para as combinações com origem da transição na T1 ou na T2, os resultados apontam que houve diferença significativa entre o número de transições: i) partindo das traduções prévias em direção ao TF ou ao TA, sendo maior em direção ao TA; ii) partindo de uma das traduções para a outra ou para o TA, sendo também maior em direção ao TA; iii) partindo das traduções prévias em direção ao TF em relação àquelas partindo das traduções prévias em direção ao TA, sendo maior em direção ao TA.

Tabela 15 - Resultados dos testes estatísticos referentes às transições visuais interáreas

Combinações com origem da transição em TF e TA		Resultados	Combinações com origem da transição em T1 e T2		Resultados
TF-T1	TF-T2	$p = 0.08828$	T1-TF	T1-T2	$p = 0.1134$
TF-T1	TF-TA	$p = 1.113e-05$	T1-TF	T1-TA	$p = 0.02493$
TF-T1	TA-TF	$p = 6.211e-06$	T1-TF	T2-TF	$p = 0.2405$
TF-T1	TA-T1	$p = 0.02607$	T1-TF	T2-T1	$p = 0.1065$
TF-T1	TA-T2	$p = 0.02713$	T1-TF	T2-TA	$p = 0.02067$
TF-T2	TF-TA	$p = 4.755e-06$	T1-T2	T2-TF	$p = 0.1778$
TF-T2	TF-T1	$p = 0.08828$	T1-T2	T2-T1	$p = 0.7078$
TF-T2	TA-T2	$p = 0.004319$	T1-T2	T2-TA	$p = 0.004386$
TF-TA	TA-TF	$p = 0.6518$	T1-TA	T2-TF	$p = 0.001552$
TF-TA	TA-T1	$p = 1.184e-05$	T1-TA	T2-T1	$p = 0.001003$
TF-TA	TA-T2	$p = 8.583e-07$	T1-TA	T2-TA	$p = 0.7094$
TA-TF	TA-T1	$p = 1.195e-05$	T2-TF	T2-T1	$p = 0.2841$
TA-TF	TA-T2	$p = 7.099e-07$	T2-TF	T2-TA	$p = 0.008592$
TA-T1	TA-T2	$p = 0.6139$	T2-T1	T2-TA	$p = 0.00643$

Nota: TF = texto-fonte, TA = texto-alvo, T1 = tradução 1, T2 = tradução 2

O fluxo de processamento pode ser deduzido desses resultados: o processamento se inicia no TF e é seguido pelo processamento e pela produção do TA, interrompida continuamente para se voltar, na maior parte do tempo, em direção ao TF e, em alguns momentos às traduções prévias. O TA é o ponto central para o qual convergem as transições e a relação TF-TA é consideravelmente mais forte do que a relação destes com as traduções prévias. A constatação de que não houve diferença significativa quanto às transições entre TF e as traduções prévias parece indicar que estas teriam participado no processo de (re)tradução sobretudo como um apoio ao processamento do TF.

4.1.2 Fixações

4.1.2.1 Número de fixações nas AOIs

Ao todo, os participantes realizaram um total de 25.145 fixações durante todo o experimento. Como ilustrado na Tabela 16, o maior número de fixações foi registrado no TF (9.954), com média de 905 fixações por participante, seguido do TA (9.548), com média de 868 fixações por participante. O número de fixações foi bem menor na T2 (2.866) e na T1 (2779). Os Gráficos 6 e 7 mostram que as fixações no TF correspondem a 39,58% do número total de fixações nas AOIs, seguido do TA, correspondendo a 37,96%, da T2 (11,39%) e da T1 (11,05%).

Comparando-se os resultados referentes ao número de fixações com aqueles obtidos em relação às visitas (número e duração), podemos verificar que as áreas com maior incidência de atenção visual continuam sendo TF e TA. Essa configuração já era prevista

dado os resultados de Malta (2015). Outra semelhança é a diferença encontrada para a combinação T1-T2 no que se refere às variáveis número de visitas e número de fixações. Assim como em Malta (2015), a T1 recebeu mais visitas (455) do que a T2 (437), porém a T2 (2866) registra maior número de fixações do que a T1 (2779). Esse resultado confirma o resultado obtido quanto à duração média das visitas nas duas áreas, maior na T2 (1.433,8 ms) do que na T1 (1.330 ms).

Tabela 16 - Número de fixações por participante por AOI

Participante	TF	TA	T1	T2	TOTAL
P01	722	329	180	162	1393
P02	1046	1043	268	405	2762
P03	1239	1450	641	487	3817
P04	372	270	37	41	720
P05	2108	1476	562	522	4668
P06	926	929	221	243	2319
P07	1042	1185	157	240	2624
P08	586	599	120	63	1368
P09	838	880	250	366	2334
P10	512	573	201	73	1359
P11	563	814	142	264	1783
TOTAL	9954	9548	2779	2866	25147
Média	905,0	868	252,6	260,5	2286,1
DP	478,9	406,7	184,7	168,7	1164,8
CV (%)	52,9	46,9	73,1	64,7	51,0

Nota: DP = desvio padrão, CV = coeficiente de variação, TF = texto-fonte, TA = texto-alvo, T1 = tradução 1, T2 = tradução 2

Gráfico 6 - Número de fixações por AOI

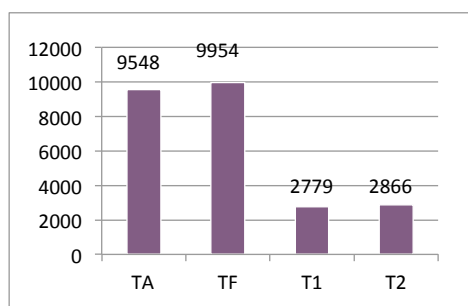
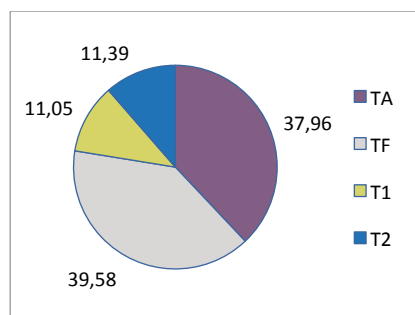


Gráfico 7 - Fixações por AOI (%)



Nota: TF = texto-fonte; TA = texto-alvo; T1 = tradução 1; T2 = tradução 2

Ao se analisar os resultados apresentados individualmente por cada participante, observa-se que, apesar de o resultado geral apontar para um número maior de fixações no TA, esta foi a área onde a maioria dos participantes registrou maior número de fixações (P03, P06, P07, P08, P09, P10 e P11). Acredita-se que os dados de P05, o participante que apresentou o

maior tempo de duração para a realização da tarefa (34,8% acima da média), tenham influenciado o resultado geral obtido, uma vez que esse participante registrou um número muito alto de fixações no TF (2.108), 39,9% acima da média. Além disso, o valor apresentado pelo CV é alto para todas as AOIs (> 45,0%), indicando grande heterogeneidade dos dados. Ao serem aplicados os testes estatísticos, cujos resultados podem ser visualizados na Tabela 17, verifica-se que não houve diferença significativa quanto ao número de fixações no TF em relação ao TA, nem nas traduções prévias entre si. Para as demais combinações, os testes apontaram diferença significativa, indicando que há um padrão quanto à distribuição das fixações, sendo consideravelmente mais numerosas no par TF-TA do que no par T1-T2.

Tabela 17 - Resultados dos testes estatísticos referentes ao número de fixações nas AOIs

Combinação	Resultados	
TF-TA	$p = 0.6495$	TA < TF
T1-T2	$p = 0.8984$	T2 > T1
TF-T1	$p = 0.0009766$	TF > T1
TF-T2	$p = 0.0001189$	TF > T2
TA-T1	$p = 0.0009766$	TA > T1
TA-T2	$p = 2.213e-05$	TA > T1

Nota: TF = texto-fonte; TA = texto-alvo; T1 = tradução 1; T2 = tradução 2

Essa configuração é a mesma encontrada para a variável número de visitas e reflete os resultados obtidos na pesquisa de Malta (2015), reforçando a hipótese de que as fixações no TF e no TA, de um lado, e na T1 e na T2, de outro, são de uma mesma natureza.

4.1.2.2 Número de fixações nas MAOIs

Ao todo, foram registradas 3.780 fixações em todas as MAOIs, correspondentes a 15% do número total de fixações realizadas por todos os participantes nas quatro AOIs. A Tabela 18 mostra que a MTF recebeu o maior número de fixações (1.579), seguida da MTA (1.363), da MT2 (488) e da MT1 (350). Esse resultado corrobora o obtido em relação às AOIs.

Tabela 18 - Número de fixações por participante por MAOI

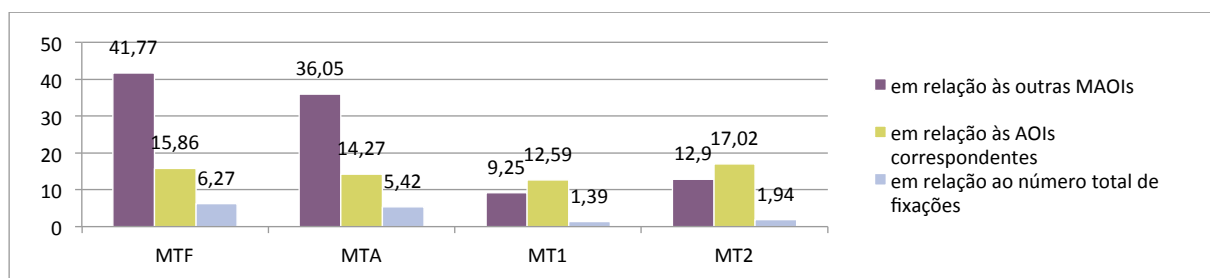
Participante	MTF	MTA	MT1	MT2	TOTAL
P01	113	58	45	26	242
P02	192	122	31	82	427
P03	174	223	66	101	564
P04	10	40	5	9	64
P05	333	181	80	56	650
P06	187	192	36	46	461
P07	189	217	18	50	474
P08	96	96	16	20	228
P09	156	49	10	45	260
P10	55	64	23	6	148
P11	74	121	20	47	262
TOTAL	1579	1363	350	488	3780
Média	143,5	123,9	31,8	44,4	343,6
DP	87,7	69,1	23,5	29,1	182,7
CV (%)	61,1	55,8	73,9	65,5	53,2

Nota: DP = desvio padrão, CV = coeficiente de variação, MTF = microárea do texto-fonte, MTA = microárea do texto-alvo, MT1 = microárea da tradução 1, MT2 = microárea da tradução 2

Ao analisar os resultados apresentados individualmente por cada participante, observa-se que seis participantes (P03, P04, P06, P07, P10, P11) contrariam o resultado final obtido no par MTF-MTA, registrando maior número de fixações na MTA e menor na MTF, e um (P08), registrando o mesmo número de fixações nessas duas microáreas. Em relação ao par MT1-MT2, três participantes (P01, P05, P10) contrariam o resultado geral, registrando um número de visitas maior na MT1 e menor na MT2.

No Gráfico 11, observa-se que, em relação às demais MAOIs, a MTF registrou 41,77% de todas as fixações, seguida da MTA (36,05%), da MT2 (12,9%) e da MT1 (9,25%). A MTF corresponde a 15,86% do número de fixações registradas no TF, a MTA corresponde a 14,27% do número de fixações registradas no TA, a MT2 corresponde a 17,02% do número de fixações registradas na T2 e a MT1 corresponde a 12,59% do número de fixações registradas na T1. A MTF representa 6,17% das fixações realizadas por todos os participantes às quatro AOIs, seguida da MTA (5,42%), da MT2 (1,94) e da MT1 (1,39).

Gráfico 8 - Porcentagem de fixações nas MAOIs



Nota: MTF = microárea do texto-fonte, MTA = microárea do texto-alvo, MT1 = microárea da tradução 1, T2 = microárea da tradução 2

Ao serem aplicados os testes estatísticos, nota-se que a diferença entre o número de fixações na MTF em relação à MTA e na MT1 em relação à MT2 não é considerada significativa. Nas demais combinações, os testes atingiram o nível de significância, como mostrado na Tabela 19.

Tabela 19 - Resultados dos testes estatísticos para a variável número de fixações (MAOIs)

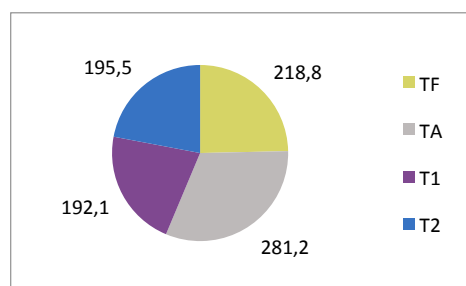
Combinação	Resultados	
MTF-MTA	$p = 0.3527$	MTA < MTF
MT1-MT2	$p = 0.1319$	MT2 > MT1
MTF-MT1	$p = 0.0009766$	MTF > MT1
MTF-MT2	$p = 0.001182$	MTF > MT2
MTA-MT1	$p = 0.0004225$	MTA > MT1
MTA-MT2	$p = 0.0005728$	MTA > MT2

Nota: MTF = microárea do texto-fonte, MTA = microárea do texto-alvo, MT1 = microárea da tradução 1, MT2 = microárea da tradução 2

4.1.2.3 Duração média das fixações nas AOIs

As fixações duraram, em média, 222 milissegundos. O Gráfico 11 mostra que a área que apresenta a maior duração média de fixações foi o TA (281,2), seguido do TF (218,8), da T2 (195,5) e da T1 (192,1). Essa configuração se aproxima daquela referente à duração das visitas, em que o TA registrou a maior média, seguido do TF, da T2 e da T1. Os resultados confirmam o que já vinha sendo evidenciado a partir da variável visitas (número e duração média) e número de fixações, isto é, que há maior dispêndio de esforço cognitivo nas áreas do TF e do TA do que naquelas da T1 e da T2.

Gráfico 9 - Duração média das fixações por AOI (em milissegundos)



Nota: DP = TF = texto-fonte, TA = texto-alvo, T1 = tradução 1, T2 = tradução 2

Ao analisarmos os dados apresentados individualmente por cada participante, mostrados na Tabela 20, observa-se que apenas P07 e P11 apresentam uma duração média de fixação maior no TF do que no TA. Como já se previa, devido aos resultados obtidos na

pesquisa de Malta (2015), bem como àqueles obtidos nesta pesquisa para as demais variáveis, não há um padrão quanto à tradução prévia apresentando maior atividade visual: a duração média da fixação é maior na T1 para seis participantes (P01, P03, P05, P08, P09, P10) e maior na T2 para os outros cinco (P02, P04, P06, P07 e P11). Observa-se que o coeficiente de variação nas áreas do TF, da T1 e da T2 indica baixa dispersão (<15%), o que significa que os dados se mostram relativamente homogêneos para os participantes nessas três áreas. Assim como na pesquisa de Malta (2015), verifica-se, aqui, que a área onde há maior oscilação no que diz respeito aos valores apresentados é o TA (CV = 26%), o que pode se justificar devido ao tipo de processo em curso durante o momento em que o olhar do participante incide sobre essa área, o qual envolve leitura e processamento das informações para fins de tradução, de um lado, e produção, revisão e edição do texto traduzido envolvendo digitação concomitante.

Tabela 20 - Duração média das fixações por participante por AOI (em milissegundos)

Participante	TF	TA	T1	T2
P01	236	244	214	213
P02	184	257	173	185
P03	204	247	201	191
P04	195	278	169	193
P05	232	440	215	207
P06	229	408	194	201
P07	243	225	189	206
P08	215	237	149	146
P09	211	284	216	207
P10	215	236	193	190
P11	243	237	200	211
Média	218,8	281,2	192,1	195,5
DP	19,6	73,2	21,2	18,9
CV (%)	8,9	26,0	11,0	9,7

Nota: DP = desvio padrão, CV = coeficiente de variação, TF = texto-fonte, TA = texto-alvo, T1 = tradução 1, T2 = tradução 2

Os resultados dos testes estatísticos para a variável duração das fixações nas AOIs apontam que há diferença significativa em todas as combinações, à exceção apenas de T1-T2 ($p = 0,4496$). Os testes apontam diferença significativa no par TF-TA ($p = 0,01124$), indicando que o processamento do TA é mais oneroso do que o do TF, corroborando os resultados de Malta (2015) e reafirmando o que já havia sido apontado por algumas pesquisas investigando o processo de tradução (HVEPLUND, 2011; 2015; PAVLOVIĆ; JENSEN, 2009).

Tabela 21 - Resultados dos testes estatísticos para a variável duração média das fixações (AOIs)

Combinação	Resultados	
TF-TA	$p = 0.01124$	TA > TF
T1-T2	$p = 0.4496$	T2 > T1
TF-T1	$p = 0.002$	TF > T1
TF-T2	$p = 0.005077$	TF > T2
TA-T1	$p = 0.0009766$	TA > T1
TA-T2	$p = 0.0009766$	TA > T1

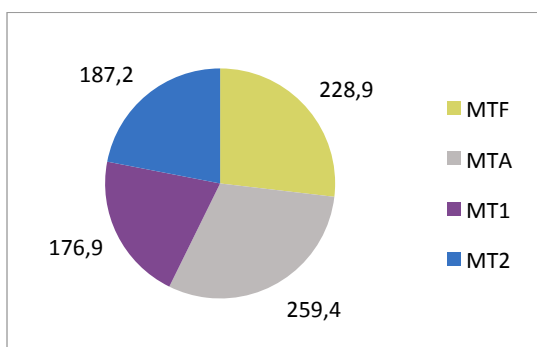
Nota: TF = texto-fonte, TA = texto-alvo, T1 = tradução 1, T2 = tradução 2

Em tarefas de (re)tradução, observa-se, portanto, que o TA permanece sendo a área apresentando maior incidência de atividade visual, área esta em que está em curso um tipo de processamento que demanda maior esforço cognitivo do que aquele ocorrendo nas demais AOIs. Do mesmo modo, verifica-se que há maior dispêndio de esforço cognitivo no TF do que nas traduções prévias, reforçando a hipótese de que o processamento do TF é mais oneroso seja porque encontra-se em língua estrangeira (L2), seja porque as traduções não apresentam um conteúdo novo, uma vez que as informações nelas contidas já foram processadas durante a leitura do TF e sua reformulação no TA para a L1, o que as leva a terem um papel auxiliar na relação TF-TA, sendo utilizadas como “confirmação/contraste de informação já processada (total ou parcialmente)” (MALTA, 2015, p. 129).

4.1.2.4 Duração das fixações nas MAOIs

A duração média das fixações foi maior na MTA (259,4), seguida da MTF (228,9) e, depois, da MT2 (187,2) e da MT1 (176,9). Essa configuração, apresentada no Gráfico 10, é a mesma obtida para a duração média das fixações e para o número e duração média das visitas nas AOIs. Contudo, esse resultado não reproduz aquele obtido quanto à duração média das visitas nas MAOIs, que foi maior na MTF do que na MTA. Esse resultado também é o oposto daquele encontrado na pesquisa de Malta (2015), em que a MTF apresentou quase o dobro da duração média registrada na MTA.

Gráfico 10 - Duração média das fixações por MAOI



Nota: MTF = microárea do texto-fonte, MTA = microárea do texto-alvo, MT1 = microárea da tradução 1, MT2 = microárea da tradução 2

Os resultados apresentados na Tabela 22 revelam, contudo, que a configuração geral exposta no Gráfico 10 não reflete o comportamento individual adotado por cada participante. Contrariando o resultado final, cinco participantes (P04, P08, P09, P10 e P11), ou seja, quase metade dos participantes, apresentaram duração média maior na MTF e não na MTA, como ocorreu com os outros seis participantes (P01, P02, P03, P05, P06 e P07) que, por estarem em maior número, acabaram influenciando o resultado final. Da mesma forma, quatro participantes (P03, P04, P05 e P10) apresentaram maior duração média de fixação na MT1 e não na MT2, como aponta a configuração geral.

Tabela 22 - Duração média das fixações por participante por MAOI (em milissegundos)

Participante	MTF	MTA	MT1	MT2
P01	220	280	194	194
P02	192	309	181	185
P03	240	263	209	191
P04	280	246	135	108
P05	234	346	207	193
P06	225	336	188	189
P07	225	242	178	223
P08	169	165	130	163
P09	194	184	158	197
P10	302	269	202	200
P11	237	213	164	216
Média	228,9	259,4	176,9	187,2
DP	38,0	58,0	27,3	30,5
CV (%)	16,6	22,3	15,5	16,3

Nota: DP = desvio padrão, CV = coeficiente de variação, MTF = microárea do texto-fonte, MTA = microárea do texto-alvo, MT1 = microárea da tradução 1, MT2 = microárea da tradução 2

Como mostrado na Tabela 23, os resultados dos testes estatísticos apontam que não houve diferença significativa nas combinações MTF-MTA ($p = 0,1218$) e MT1-MT2 ($p =$

0,3081), reforçando a hipótese de que cada combinação possuiria naturezas distintas, ou seja, a incidência de atenção visual nessas áreas teria propósitos diferentes.

Tabela 23 - Resultados dos testes estatísticos para a variável duração das fixações (MAOIs)

Combinação	Resultados	
MTF-MTA	$p = 0.1218$	MTA < MTF
MT1-MT2	$p = 0.3081$	MT2 > MT1
MTF-MT1	$p = 0.001374$	MTF > MT1
MTF-MT2	$p = 0.00293$	MTF > MT2
MTA-MT1	$p = 7.982e-05$	MTA > MT1
MTA-MT2	$p = 0.009766$	MTA > MT2

Nota: MTF = microárea do texto-fonte, MTA = microárea do texto-alvo, MT1 = microárea da tradução 1, MT2 = microárea da tradução 2

Estes resultados contrariam aqueles obtidos em Malta (2015), em que foi constatada diferença significativa apenas nas combinações MTA-MT1 e MTA-MT2, como resultado do comportamento de alguns participantes de sua pesquisa, que não registraram fixação em uma ou ambas as microáreas das traduções prévias. Diferentemente de Malta (2015), todos os participantes desta pesquisa realizaram visitas e fixações nas MAOIs, indicando que as traduções prévias foram acessadas durante o processamento do segmento de texto delimitado, seja para fins de simples confirmação ou para apoio à tradução.

4.2 Protocolos verbais

Nesta seção, são apresentados os resultados encontrados a partir da análise dos protocolos. A primeira parte se dedica ao protocolo livre e, a segunda, ao protocolo guiado.

4.2.1 Protocolo livre

Após a realização da tarefa de (re)tradução, correspondente à segunda etapa do experimento, deu-se início à terceira etapa, subdividida em i) relato livre e ii) relato guiado (*cf.* sessão 5.3.2). Para a realização do relato livre, os participantes foram orientados a relatar sobre seu desempenho na tarefa de (re)tradução ao mesmo tempo em que visualizavam a reprodução dessa tarefa por meio do modo *replay* do Translog.

Como mostra a Tabela 24, os participantes despenderam, em média, 428 segundos (aproximadamente 7''08') na realização do relato livre:

Tabela 24 - Tempo despendido por participante durante o relato livre

Participante	Tempo (s)
P01	365
P02	466
P03	619
P04	450
P05	913
P06	353
P07	505
P08	115
P09	273
P10	110
P11	540
Média	428,0909091
DP	229,0892641
CV	53,51416234

Nota: DP = desvio padrão; CV = coeficiente de variação

A partir do relato livre, observa-se que, durante a fase de orientação, cerca de metade dos participantes (P01, P02, P03, P07, P10) parece ter realizado a leitura integral do TF e das traduções prévias, em sua maioria partindo primeiro da tradução da esquerda e, em seguida, da tradução da direita:

P01: (...) primeiro eu li o texto original uma vez depois eu li a tradução 1 (esquerda – T1), depois eu li a tradução 2 (direita – T2). (...)

P02: Acho que primeiro eu li o primeiro texto. (EU: o texto original?) É. Aí depois eu li o da esquerda (T1) e depois eu li o da direita (T2). (...)

P03: Então, eu li primeiro o original, depois eu li as duas traduções. E a primeira tradução (T2) é um pouquinho pior do que a segunda (T1). (...)

P07: (...) a primeira coisa que eu fiz foi ler o texto e depois eu acompanhei a tradução da esquerda e depois a da direita para ver as escolhas principalmente em termos de pontuação, porque eu acho que o texto original tem uma pontuação bem particular, aí eu queria ver as escolhas dos tradutores, e também em relação a algumas escolhas que, talvez, eu poderia ter dúvida sobre qual palavra escolher (...)

P10: Antes eu li e comecei a comparar os limites (as traduções prévias, localizadas nas laterais da tela). (...)

Apenas um participante relatou ter lido por completo somente o TF (P05) durante a fase de orientação, e um participante (P04) relatou ter lido o TF, mas não deixou claro se leu as traduções prévias por completo e/ou se o fez durante a fase de orientação:

P04: Bom, eu comecei lendo o parágrafo de cima. E eu tentei ao máximo não olhar as traduções do lado. Porque, não sei, eu queria colocar uma impressão pessoal na tradução. (...)

P05: Primeiro eu li o texto todo em francês, e depois eu fui dando uma olhada nas primeiras partes, como é que as duas traduções tinham solucionado. Mas não li todas completas, não, toda eu li só a versão em francês. (...)

Dois participantes (P06, P11) não fizeram referência alguma à fase de orientação e outros dois (P08, P09) parecem não ter passado por ela, iniciando seu processo imediatamente na fase de redação:

P08: Então, quando eu comecei, eu tentei traduzir por mim mesmo essa parte aí. Só que quando chegou no "hall", que é uma palavra estrangeira, eu precisei ver o que as outras traduções colocaram. (...)

P09: Eu estava lendo. Isso. Eu comecei a ler a primeira frase depois eu comecei a confrontar com as traduções. Depois que eu confrontei com as duas traduções eu voltei para o texto original e comecei a traduzir.

Durante a fase de redação, todos os participantes admitiram ter consultado, em algum momento, as traduções prévias. A maioria dos participantes (P01, P02, P04, P05, P07, P08 e P11) procurou se orientar principalmente pelo TF e realizar consultas esporádicas às traduções prévias, sobretudo nos momentos em que se deparavam com alguma dificuldade de tradução. Três deles (P01, P05 e P08) relataram ter se voltado um maior número de vezes também em direção ao TF durante a solução dos trechos considerados difíceis/complicados:

P01: Às vezes quando eu lia a tradução, eu voltava para o texto original, tanto na 1 quanto na 2. Aí quando eu comecei a traduzir, eu procurei traduzir só olhando o texto original mesmo. Agora, em alguns momentos, eu recorri ou à tradução 1 ou à tradução 2, quando eu achei que estava mais inseguro de como traduzir. (...) Então foi isso: na tradução procurei mais o texto original, olhar o menos possível para as traduções, mas em algumas situações em que eu me vi sem saber o que fazer eu recorri a elas. (...) Mas acho que o resto foi eu mesmo. (...)

P02: (...) E essa parte eu demorei um pouco para entender (...), acho que eu reli os outros (traduções prévias) primeiro para ver como estavam controlando o tom, porque eu não sabia que tom que eu ia dar para o texto. (...) Então eu vi que uma das traduções estava com "nunca mencionei a ninguém", aí eu achei que era bom colocar, em vez de "da qual nunca falei", não sei, ficou mais claro. (...)

P04: (...) Dá para traduzir literalmente, mas eu achei muito esquisito, aí eu tive que consultar as outras duas, fiquei um tempão nessa. E no final também. Eu fiquei um pouco presa nesse trecho "*celle qui me plaît de moi-même*". (...) Aí eu fui consultar as outras traduções, aí eu vi que era uma mulher, uma voz feminina.

P05: (...) Essa parte acho que eu estava começando a comparar as duas e vendo as soluções, deixa eu ver aqui. (...) Essa parte também na verdade achei bem difícil, essa

frase: "*je pense souvent à cette image que je suis seule à voir encore et dont je n'ai jamais parlé*". Primeiro eu devo ter lido ela várias vezes. Porque eu não entendi de cara o que ela estava querendo dizer. É uma estrutura bem complicada esse "*que*" e "*dont*". Aí eu li as traduções, e aí entendi um pouco para qual lado elas levaram e me apoiei muito nelas: se eu tivesse que traduzir sem elas eu teria mais dificuldade. (...)

P07: (...) Então, depois eu comecei a traduzir frase por frase (...). Eu fiquei pensando em como eu traduziria essa estrutura "*que je suis seule encore et dont je n'ai jamais parlé*", então eu consultei um pouco, deixei entre parênteses ali esse "sobre" (...)

P08: (...) Depois eu fui tentando traduzir por mim mesmo, porque eu acho que se eu ficasse olhando, naturalmente meu cérebro ia criar um mecanismo de cópia. Na verdade, não, eu que traduzi. (...) Essa foi bem tranquila, só o "*lorsque*", que é um termo que eu tenho um pouco de dificuldade no francês mesmo, mas olhando as traduções deu para perceber. (...) Então eu acho que hesitei um pouco para colocar isso, mas também não achei um sinônimo interessante e as outras traduções colocaram, aí eu coloquei também. (...) Aí eu precisei olhar mais para as traduções nesse momento, porque eu precisava de mais tempo, sei lá, para poder perceber melhor isso.

P11: (...) eu fiquei na dúvida e me baseei na outra, acho que uma das traduções, acho que nas duas (...) aqui eu acho que não ficou boa, depois que eu vi. Eu tentei ser fiel ao texto. (...) em "devastado" eu fiquei na dúvida, aí conferi nas traduções para ver se era "devastado" mesmo, porque eu achei que tinha outro termo, "devastado" no sentido figurado. (...) "Penso com frequência nessa imagem que sozinho ainda vejo": tive dificuldade nessa parte aí eu conferi nas duas traduções (...). Aqui, eu fiquei em dúvida, aí eu optei pela tradução da direita (...).

O relato dos outros quatro participantes (P03, P06, P09 e P10) aponta que eles realizaram visitas frequentes às traduções prévias, de maneira a intercalar o processamento dos três textos utilizados como insumo (TF, T1 e T2) ao processamento e produção do TA:

P03: (...) Aí nessa "*émerveillante*", eu podia colocar o "maravilhosa" ou o "fascinante" (soluções apresentadas pelas traduções prévias). (...)

P06: Bom, pensando nas escolhas tradutórias para fazer essa tradução, eu acho que no primeiro momento eu parti desse texto base em francês, que foi dado aqui e depois acho que dos dois (traduções prévias) eu não sei dizer ao certo o que eu mais gostei. Acho que juntei elementos das duas traduções e a partir disso juntei coisas que eu achava que não estavam nos dois, mas que se aproximam mais de uma linguagem que a gente usa hoje. (...) Nessa parte acho que eu fui reler o texto fonte. (...)

P09: (...) O meu procedimento foi esse: eu lia um trecho do original, fazia a minha leitura e depois confrontava com as duas traduções e depois geralmente eu batia o olho e de cara já achava uma melhor do que a outra a às vezes nem olhava direito a outra ou talvez em um trecho menos óbvio em que eu achava a tradução um pouco mais difícil eu voltava no trecho original e repensava. Aí voltava nas traduções, como essa parte do "*j'aimais moins votre visage de jeune femme*" para frente, que eu achei um pouco mais complicada a estrutura. (...) Acho que nessa parte eu não sei se eu fiz a minha tradução e não olhei a das outras, acho que eu consultei a tradução da direita. É, eu acho que pelo o que eu estou percebendo, ora eu ia mais por uma tradução, a minha leitura batia mais com uma tradução, ora batia mais com a tradução da esquerda e às vezes com nenhuma das duas. (...)

P10: Quando a gente tem as traduções em português fica mais difícil, por exemplo, de você retraduzir, porque aí você começa querendo ou não a comparar o que você está fazendo e pensar porque o cara fez daquele jeito e aí eu comecei a comparar mais a

tradução da direita, porque eu achei que ela estava mais de acordo com o texto. Só que tinha alguns termos que eu não achava que estavam adequados aí eu comparava com a da esquerda e depois checava lá em cima. Depois eu vi que a citação que tinha estava incompleta e aí eu fui e consertei. Aí eu já parti do texto original, porque eu achei que as duas traduções não estavam boas, aí eu tive que consertar. (...)

Apenas sete participantes fizeram referência à fase de revisão. Desses sete, um participante (P04) admitiu ter optado por não realizar a revisão final do TA e outro (P07) lamenta o fato de ter esquecido de revisá-lo. Dos cinco participantes que relataram ter realizado a revisão do TA, três (P03, P05 e P09) admitiram ter realizado a releitura não apenas do TA, mas também do TF:

P02: (...) Acho que eu fiquei relendo para ver se estava ok. (...)

P03: (...) Eu estava fazendo a revisão do meu texto. Voltei no “saguão”, que eu tinha esquecido. E eu também reli o original. (...)

P04: (...) No mais, eu não quis ler a tradução de novo. Eu pensei em ler ela toda de novo, mas eu achei que vocês estavam com pressa, aí eu não quis ler. Achei que o experimento era mais espontâneo, e se eu lesse eu teria que corrigir, alguma coisa do tipo, sei lá. Eu não lembro mais nada. (...)

P05: (...) Aí eu li tudo de novo. Fiquei achando que poderia ter pulado alguma parte. Aí eu dei uma lida no francês de novo, para ver se eu tinha perdido alguma coisa. Acho que primeiro eu reli o que eu escrevi, e depois eu voltei no francês. E reli tudo de novo. Não reli as traduções de novo, não. Acho que talvez esse “me encanto” aí, eu dei mais uma olhadinha talvez, não estou lembrando. Bom, acho que é isso.

P06: (...) Nesse momento eu estava revisando.

P07: (...) Espero que eu tenha mudado, porque agora está com o “h” na frente, não tem vírgula, então vamos ver o que eu vou fazer agora. É questão da revisão. Esse aqui é o final? Nossa, pensei que eu tinha resolvido essas coisas, engraçado. Que horrível!

P09: (...) E nessa hora eu estava olhando mais para a minha tradução para ver se o texto ficou com sentido, com a estrutura meio truncada, esquisita. Ah, lá eu estou. Estava revisando a estrutura, se ficou de acordo com o português. Acho que eu voltei um pouquinho no original e no meu texto. Talvez tenha voltado um pouco nas duas traduções, fiquei mais no meu texto e no original.

Em geral, percebe-se que os participantes buscam privilegiar a relação de tradução TF→TA, utilizando as traduções prévias apenas como material consultivo visando principalmente a três objetivos: i) contrastar as soluções tradutórias apresentadas por elas e escolher uma das soluções já existentes; ii) contrastar sua própria solução tradutória com aquelas apresentadas pelas traduções prévias, visando verificar se sua escolha encontra-se em adequação àquelas já existentes; iii) esclarecer trechos do TF considerados de difícil interpretação, a fim de guiá-los na escolha da melhor solução tradutória.

Assim como na pesquisa de Malta (2015), os dados do protocolo livre reafirmam os resultados das medidas de rastreamento ocular, pois reforçam o papel secundário das traduções prévias no processo de (re)tradução, isso porque os resultados de rastreamento mostram que as traduções prévias apresentam fixações e visitas em número e duração muito inferiores àquelas registradas no TF e no TA. Além disso, o protocolo reafirma que a combinação TF-TA é privilegiada no que diz respeito ao fluxo de processamento.

4.2.2 Protocolo guiado

Como explicado na seção 3.3.1, o protocolo guiado foi composto por perguntas gerais e específicas. As perguntas gerais buscavam explorar aspectos ligados à experiência do participante com o experimento como um todo. Já as questões específicas visavam explorar em que medida as dificuldades de tradução encontradas durante o processo de (re)tradução afetaram o comportamento dos tradutores, de modo a possibilitar a identificação das estratégias por eles utilizadas, como a consulta às traduções prévias e a releitura do TF.

No que diz respeito às perguntas gerais, a maioria dos participantes declarou ter gostado de realizar a tarefa de (re)tradução tendo acesso às traduções prévias (questão 1), porém muitos fizeram ressalvas, apontando que as traduções prévias ajudam a esclarecer partes do TF e propõem soluções para trechos nos quais eles às vezes se sentiriam perdidos se não tivessem apoio externo, mas ao mesmo tempo essas traduções influenciam muito no TA por eles produzido e acabam comprometendo a questão da autoria da tradução, cerceando a liberdade deles como tradutores:

P02: É bom porque tem umas bases para olhar, mas ao mesmo tempo você acaba ficando meio preso, por exemplo: “ai, falou ‘saguão’ no outro, será que eu coloco saguão?” (...)

P03: Então, é mais difícil ainda, porque você pensa “eu tenho que fazer melhor do que as outras duas”, mas na verdade a gente pode pegar o que tem de bom nas duas e levar para a sua, não é? (...)

P06: De uma certa forma tem como recorrer, acho que o fato de poder recorrer a uma tradução já feita te deixa mais tranquilo em um determinado aspecto, mas por outro lado eu acho que determina algumas coisas. As traduções influenciam muito na tradução que eu fiz. Certamente se esse texto não tivesse sido traduzido eu teria feito outras escolhas.

P07: (...) Então, consultando as duas, acaba que eu acho que em algumas passagens a gente acaba tendo algumas ideias, mas a gente acaba se influenciando pelas outras traduções, ainda mais sendo duas. A gente acaba comparando com as duas, com a sua, e então eu acho que é mais isso: essa questão de influenciar uma tradução na outra.

P09: Ao mesmo tempo que tirou um pouco a minha liberdade, eu acho que é um procedimento normal, mas como os dois textos estavam ali eu achei que eu tinha a

obrigação de consultar os dois textos e, por vezes eu concordava com a leitura do texto, às vezes, bom, em todos os aspectos a leitura foi a mesma, ou parecida. (...)

P10: É mais difícil, porque eu tenho que comparar e quando a sua é a primeira tradução você tenta observar o contexto original, e as ideias originais. Quando você tem tradução do português, que já tem tradução do português, que já é a sua língua, aí além de você já fazer isso do original para esse, você tenta pensar em como que a pessoa, o tradutor, também estava pensando, aí dá mais trabalho.

A maioria dos participantes não se incomodou com a disposição dos textos na tela do experimento (questão 2). O participante P04 foi o único a considerá-la desagradável e a sugerir uma disposição diferente, e o participante P09 se queixou do excesso de informação:

P04: Eu preferiria se a minha janela de digitar estivesse na direita e as duas outras traduções estivessem na esquerda. Mas eu acho que se fosse assim eu teria olhado antes para as traduções já feitas ao invés de fazer a minha antes. Mas está bom. Não, na verdade se o texto original estivesse na esquerda acho que seria melhor. (EU: você saberia explicar por que?) Porque ficaria mais fácil de ler, eu acho. Essa coisa na horizontal lá em cima está bem mais cansativa porque eu tenho que ficar correndo o olho na tela inteira e aqui se ele estivesse curtinho aqui na horizontal, com a horizontal mais curtinha, seria bem mais confortável de ler.

P09: Não achei agradável, não. Eu acho que é porque são três textos aí, são muitas informações, mas eu acho que a disposição está boa. O original em cima e a tradução de um lado e de outro.

Ao serem perguntados se haviam identificado problemas nas traduções publicadas (questão 3), muitos participantes se referiram ao fato de terem encontrado nelas interpretações do TF divergentes das suas, as quais, contudo, não viriam a se constituir como um problema propriamente dito:

P01: (...) Creio que toda tradução tem problema e que isso não seja necessariamente negativo, mas são pontos de vista. (...) A tradução 2, por exemplo, traduziu por “você”: “todo mundo diz que *você* era bonita quando jovem”, e no francês está “*vous*”. Não sei se seria um problema, está mais formal, mas acho que cabe “você” também. Acho que não seria um problema não.

P03: Não sei se eu poderia dizer *problema* mas, por exemplo: “eu já tinha bastante idade”, eu não gostei. “Um dia, eu já tinha bastante idade”: achei isso muito esquisito. (...)

P05: Problemas, problemas graves, não. São boas traduções. Eu acho que é mais uma questão de estilo mesmo, de como tratar o texto. (...)

P06: Problema? Eu não sei se eu diria que é um problema, mas são escolhas questionáveis, tanto é que eu fiz uma outra coisa diferente da delas.

P09: É, tem alguns, por exemplo, esse começo aqui “eu já tinha bastante idade”, eu não gostei muito dessa solução para “*j'étais âgée déjà*”. (...) Eu acho que de interpretação as duas não se afastam muito. Não há uma divergência muito grande. Eu acho que é mais seleção lexical, algumas expressões ficaram melhores do que outras.

Apenas três participantes (P03, P04 e P11) apontaram trechos que não teriam sido corretamente traduzidos por uma ou pelas duas traduções prévias:

P03: (...) E o pronome, "eu a conheço". (...) Eu acho que os pronomes nas duas traduções foram usados erroneamente.

P04: (...) Essa expressão "*depuis toujours*", a tradução da direita traduziu como "eu a conheço desde sempre". Tudo bem que isso é literal, mas eu acho esquisito, eu acho que não foi a melhor escolha. Porque eu acho que a pessoa do original quis dizer que ela conhece há muito tempo. A gente não usa muito "desde sempre", eu acho. (...)

P11: (...) Eu não prestei muita atenção nas traduções, não. Só em caso de dúvida. Mas esse "maravilhosa" eu achei que não coube no "*émérveillante*", dá uma ideia de ação. "Fascinante" dá essa ideia do que a imagem causa: um encanto, seduz alguém. Mas no "maravilhosa" isso não fica evidente. (...)

O participante P07 foi o único a se referir explicitamente ao fato de a passagem escolhida para integrar a microárea de interesse apresentar interpretações divergentes nas traduções prévias:

P07: Não *problemas*. Eu acho que talvez houve uma divergência na última frase no texto original, que começa com "*c'est entre toutes celle qui me plaît de moi-même*". Houve uma divergência de interpretação, eu acho, dos dois tradutores. Um diz "entre todas a que me faz gostar de mim", enquanto o outro diz "entre todas as imagens de mim mesma, é a que me agrada" como se então uma delas fizesse a narradora ou a voz gostar de si enquanto a outra coloca em um nível superior, em uma escala assim de "ah, é o que eu mais gosto", mas não necessariamente que faz gostar dela mesma.

Apenas quatro participantes afirmaram não ter sentido confiança em uma ou nas duas traduções publicadas (questão 4). Enquanto o participante P02 assumiu não sentir confiança nem na própria tradução, os participantes P07 e P10 declararam ter sentido mais confiança na T1 do que na T2, e o participante P04 justificou sua falta de confiança em ambas as traduções pelo fato de estas não parecerem naturalmente escritas na LA, aspecto considerado por ele como importante em uma tradução:

P02: Não sei! (risos) Eu acho que eu nunca sinto confiança em tradução nenhuma não, ainda mais quando tem um original para eu olhar. (EU: nem na sua?) Nem na minha, sinceramente!

P04: Não, não muito. Porque me pareceu que era coisa traduzida. Não me pareceu que tinha sido um brasileiro que escreveu. Para mim, está bem claro que é uma coisa que foi traduzida. Não está fluido para mim, as duas.

P07: Eu senti mais na da esquerda [T1]. A da direita eu achei que ficou interessante, mas eu acho que o tradutor mudou muito a pontuação e eu acho que o ritmo do texto original ficou um pouco comprometido.

P10: Eu acho que eu senti mais confiança na da direita [T1] que na da esquerda [T2]. Não sei porque, mas eu acho que ela se aproximou mais do que eu pensei, do que eu interpretei do original.

Apenas três participantes (P01, P05 e P09) declaram ter utilizado igualmente as duas traduções (questão 7). Seis participantes (P02, P03, P05, P08, P10, P11) declararam ter utilizado mais a tradução à sua direita (para quatro deles se trata da T1 e para os outros dois se trata da T2). Para os outros três (P04, P06, P07), a tradução mais utilizada teria sido aquela à sua esquerda (para dois deles se trata da T1 e para um se trata da T2). Em suma, esses dados apontam que o lado mais consultado teria sido o lado direito (preferido por seis participantes), e a tradução mais consultada teria sido a T1 (preferida também por seis participantes).

Em relação ao segmento de texto delimitado para integrar a microárea de interesse, todos os participantes afirmaram ter consultado ambas as traduções durante sua tradução. Cinco participantes (P01, P05, P06, P07 e P11) disseram que as traduções prévias os teriam ajudado a elaborar uma tradução melhor. Três participantes (P01, P06, P09) disseram ter optado por uma das soluções já existentes, e outros três (P03, P05, P10) preferiram combinar elementos das duas traduções em uma nova solução tradutória. Os outros cinco participantes (P02, P04, P07, P08, P11) declararam-se insatisfeitos com as soluções existentes e afirmaram ter buscado uma alternativa diferente das apresentadas pelas traduções prévias.

Como esperado, verifica-se que a maioria dos participantes teve dificuldade em interpretar o significado da partícula “*de moi-même*” em “*c’est entre toutes celle qui me plaît de moi-même*” e, a fim de compreender melhor a sua função na oração, alguns participantes sugerem ter recorrido ao processo de descompactação dos significados da mensagem de partida, o que, segundo a hipótese de Silva (2012), pode ter demandado maior esforço cognitivo. Essa estratégia fica evidente sobretudo nos relatos dos participantes P05 e P07:

P05: Eu fiz essa separação de “entre todas”, “entre todas as imagens”. “Entre todas as imagens”... “da vida”, talvez, “das memórias”. Talvez ela está querendo dizer “a que me faz gostar de mim mesma”. (...) Porque o verbo “*plaire*” a regência é o “de” mesmo, então seria isso. (...)

P07: (...) Eu coloquei “entre todas é aquela que me agrada de mim mesma”. Então, “entre todas as imagens é a que agrada”. Então, “entre todas, aquela imagem de mim mesma que me agrada”, eu acho que no texto original é essa a minha interpretação. Agora eu não sei, eu estou pensando aqui, porque na hora de traduzir eu pensei em uma estrutura que se fosse mais linear seria “*c’est entre toutes celle qui me plaît de moi-même*”. Então eu pensei que talvez estivesse ocorrendo uma ruptura da estrutura sintática, por isso que eu coloquei “entre todas, aquela de mim mesma que me agrada” (...)

Os dados dos protocolos verbais serão triangulados na sessão seguinte com os dados de rastreamento ocular a fim de traçar uma correlação entre eles e chegar a uma conclusão acerca do desempenho dos participantes na tarefa de (re)tradução.

4.3 Resumo e triangulação dos dados

Os resultados obtidos por rastreamento ocular reforçam a hipótese de Malta (2015) de que, no processo de (re)tradução, estariam em curso dois tipos de processamento distintos: uma referente à combinação TF-TA, privilegiada durante todo o processo, e outra referente às traduções prévias, as quais serviriam ao propósito de consulta para fins de i) auxílio à expressão ou ii) confirmação/contraste da expressão (MALTA, 2015, p. 118). O Quadro 9 abaixo apresenta uma síntese dos resultados considerados estatisticamente significativos:

Quadro 8 - Síntese dos resultados de rastreamento ocular

Visitas			
AOIs		MAOIs	
Número	Duração	Número	Duração
TA>TF	TA>T1	MTA>MTF	MTA>MTF
TA>T1	TF>T1	MTA>MT1	MTA>MT1
TA>T2	TF>T2	MTA>MT2	MTA>MT2
TF>T1		MTF>MT1	MTF>MT1
TF>T2		MTF>MT2	MTF>MT2
Fluxo de transições (AOIs)			
TA<->TF > TA <-> T1/T2		TA -> T1 > T1 -> TA	TA <-> T1/T2 > TF <-> T1/T2
TF <-> T1/T2		TA -> T2 > T2 -> TA	
T1 <-> T2		TF -> T1 > T1 -> TF	T1 <-> T2
		TF -> T2 > T2 -> TF	
Fixações			
AOIs		MAOIs	
Número	Duração	Número	Duração
TA>T1	TA>TF	MTA>MT1	MTA>MT1
TA>T2	TA>T1	MTA>MT2	MTA>MT2
TF>T1	TA>T2	MTF>MT1	MTF>MT1
TF>T2	TF>T1	MTF>MT2	MTF>MT2
	TF>T2		

No que diz respeito à variável número de visitas, os resultados mostraram que só não houve diferença significativa para as combinações T1-T2 e MT1-MT2. Esse resultado indica que houve maior registro de atividade visual nas áreas e microáreas do texto-alvo do que nas demais áreas e mais atividade visual nas áreas e microáreas do texto-fonte do que nas traduções prévias. Refuta-se, portanto, a tese de Malta (2015, p. 99) de que haveria maior incidência de atividade visual no texto-fonte quando da resolução de um problema de

tradução, uma vez que, contrariando os resultados de sua pesquisa, foi encontrada diferença significativa também na combinação MTA-MTF, indicando que a microárea do texto-alvo continua sendo privilegiada em relação à do texto-fonte, ainda que os participantes estejam lidando com um problema de tradução. Ao cotejarmos esses resultados com os dados obtidos por meio do protocolo verbal, verifica-se que, ainda que os participantes tenham buscado auxílio no texto-fonte e nas traduções prévias para a resolução do problema de tradução encontrado nas microáreas, como declarado em seus relatos, a busca por uma tradução autoral, por uma solução diferente daquelas apresentadas pelas traduções prévias, pode ter levado os participantes a se concentrarem mais na MTA do que nas demais microáreas.

Ao considerarmos a variável duração de visitas às AOIs, os resultados mostram que há diferença significativa apenas entre TF e traduções prévias e entre TA e T1, sendo maior no TF no primeiro caso e maior no TA no segundo. Esses resultados assemelham-se aos de Malta (2015) somente no que diz respeito à diferença significativa encontrada para os pares TA-T1 e TF-T1. Contudo, essa disparidade entre os resultados parece confirmar a tese do autor de que o ineditismo da tarefa de (re)tradução pode ter conduzido os participantes a um comportamento errático, dada a dificuldade de se estabelecer um padrão de comportamento dos participantes no que diz respeito a essa variável. Essa tese parece se confirmar ao se observar tanto o tempo utilizado por cada participante para a realização da tarefa (Tabela 25) e seus relatos verbais, nos quais demonstram possuir diferentes ritmos de leitura, processamento e produção do TA, fator influenciado, em alguns casos, pelo desconforto com o experimento ou pelo estranhamento com o teclado e com o tipo de tarefa.

Tabela 25 - Tempo de realização da tarefa de (re)tradução (HH:MM:SS)

Participante	Tempo da tarefa
P01	00:10:44
P02	00:15:29
P03	00:20:10
P04	00:05:54
P05	00:30:08
P06	00:14:14
P07	00:16:51
P08	00:10:00
P09	00:16:46
P10	00:08:49
P11	00:11:21
Média	00:14:35.
DP	00:06:37

Em relação à duração das visitas às MAOIs, os resultados apontam maior duração média de visitas na MTF do que na MTA, o que diverge da configuração encontrada em relação às AOIs e corrobora, em parte, os resultados de Malta (2015). Ao contrário do autor, foi encontrada diferença significativa para todas as combinações, à exceção apenas de MT1-MT2. Na pesquisa de Malta (2015), os resultados apontaram duração média de visitas significativamente maior na MT2 em relação à MT1, e esse resultado teria sido reflexo do fato de alguns participantes terem registrado visitas em apenas uma MAOI ou em até mesmo nenhuma delas. Diferentemente do autor, os resultados para a variável visitas nesta pesquisa apontam que as MAOIs foram consultadas por todos os participantes e que estas teriam sido tratadas de forma parecida, reforçando a própria sugestão do autor de que elas serviriam ao propósito de “consulta e conferência de uma informação já processada”, enquanto o par TF-TA serviria ao propósito de “compreensão, de processamento e de reelaboração”. (MALTA, 2015, p. 106). A ocorrência de maior duração média de visitas na MTF em detrimento da MTA, por sua vez, pode sugerir que os participantes tenderam a olhar mais tempo para o texto-fonte durante a resolução de um problema de tradução. Como observado durante a descrição dos protocolos, esse retorno à MTF para a resolução de um problema de tradução pôde ser verificado no relato de parte dos participantes.

Em relação às transições visuais, após a aplicação dos testes estatísticos verificou-se que a relação entre TF-TA, em ambas as direções, é privilegiada em detrimento de todas as outras. Em seguida, a relação mais forte consta entre o TA e as traduções prévias, em ambas as direções, sendo porém maior partindo do TA do que em direção a ele. As relações do TA com as traduções prévias são consideradas também significativamente mais fortes do que entre estas e o TF, contexto no qual se verifica maior número de transições partindo do TF em direção à T1, e, em seguida, da direção inversa, e, depois, da T2 em direção ao TF, seguida, por fim, da direção inversa. Os testes estatísticos não acusaram diferença significativa entre as transições realizadas entre TF e traduções prévias (TF<->T1 e TF<->T2), por um lado, e as traduções prévias (T1<->T2), por outro. Ao serem examinados os relatos verbais, constata-se que, ainda que tenham buscado privilegiar um tipo de tradução mais autoral, a maioria dos participantes realizou visitas constantes às traduções prévias, muitas vezes intercalando sua leitura com a do TF, sugerindo que as traduções prévias teriam sido utilizadas como auxílio à compreensão do TF. Esses resultados corroboram os de Malta (2015), em que se verifica o privilégio da relação entre TA e TF e o papel central do TA, como o ponto para o qual convergem e da qual partem a maioria das transições. Reforça-se a hipótese de Malta (2015, p.113-114) de que a maioria dos participantes “utilizou as traduções prévias esporadicamente

para tirar dúvidas e contrastar as diferentes interpretações para, então, propor e/ou revisar a sua”. Essas transições partindo em direção às traduções prévias teriam, segundo o autor, cunho consultivo de tipo I - auxílio à expressão, para as transições geralmente partindo do TF, quando o correspondente no TA ainda não foi escrito, ou de tipo II - confirmação/contraste da expressão, para as transições geralmente partindo do TA, quando o correspondente no TA já foi escrito total ou parcialmente. (MALTA, 2015, p. 117-119)

Quando considerada a variável número de fixações, constata-se que os resultados corroboram os de Malta (2015) ao apontar diferença significativa para todas as combinações, à exceção das combinações (M)TF-(M)TA e (M)T1-(M)T2, reforçando a tese segundo a qual o processamento do TF e do TA, de um lado, e da T1 e da T2, de outro, seriam da mesma natureza. Esses resultados sugerem igualmente que não haveria diferença significativa quanto ao comportamento dos participantes durante a solução de um problema de tradução em relação à totalidade da tarefa, pois, ainda que os resultados apontem maior número de fixações na MTF quando comparada à MTA, essa diferença não chega a ser estatisticamente significativa. Acredita-se que os testes possam não ter acusado significância na relação $MTF > MTA$ primeiramente devido ao fato de a quantidade de participantes ser muito pequena e desigual, uma vez que se encontram em número ímpar, e também em razão de esse comportamento não ter sido um padrão, já que apenas parte dos participantes sugere nos relatos ter se voltado mais vezes em direção ao TF durante o trecho delimitado para configurar as MAOIs.

Por fim, com relação à variável duração de fixações, assim como na pesquisa de Malta (2015), os testes acusam significância para todas as combinações de AOIS, à exceção apenas de T1-T2, indicando, por um lado, que os participantes tratam as traduções prévias de maneira parecida e, por outro, que há maior alocação de esforço cognitivo no TA, seguido do TF e, por último, das traduções prévias, reforçando uma configuração já prevista em estudos sobre tarefas de tradução (HVEPLUND, 2011; 2015; PAVLOVIĆ; JENSEN, 2009). Já com relação às microáreas, verifica-se que a diferença não chega a ser considerada estatisticamente significativa nem no par MT1-MT2, nem no par MTF-MTA, indicando que os participantes continuam a tratar as traduções prévias de maneira parecida quando do surgimento de um problema de tradução.

5 CONCLUSÕES

Há muito investigada no âmbito dos estudos do produto da tradução, a retradução virou objeto de investigação processual somente recentemente, com o trabalho pioneiro de Malta (2015). Por meio de um estudo empírico-experimental conduzido com o auxílio de rastreamento ocular, registro de teclado e mouse e protocolos verbais, Malta (2015) investigou o processamento cognitivo de estudantes de tradução e professores de língua estrangeira em uma tarefa de (re)tradução no par linguístico espanhol-português, tarefa esta caracterizada pelo acesso pelos participantes a mais de um texto como insumo para a produção do texto-alvo. Buscando dar continuidade à pesquisa de Malta (2015), esta dissertação buscou caracterizar a alocação de esforço cognitivo de estudantes de língua estrangeira durante a realização de uma tarefa de (re)tradução no par linguístico francês-português. Foram utilizadas três variáveis de rastreamento ocular: visitas (número e duração média), fixações (número e duração) e transições visuais. Os resultados corroboraram parte dos resultados de Malta, apontando que, assim como as tarefas de tradução, as tarefas de (re)tradução se caracterizam pela maior alocação de esforço cognitivo sobre o TA, área servindo como nexos para as transições visuais e registrando maior incidência de atividade visual. Os resultados para a variável visitas e transições visuais reforçam a tese de que as traduções prévias serviriam como auxílio ao processamento do TF, verificação de possíveis soluções tradutórias e/ou averiguação da conformidade da solução adotada com aquelas já existentes. A relação TF-TA é privilegiada em detrimento das relações interáreas envolvendo as traduções prévias, mostrando-se também mais forte durante a tradução do segmento de texto identificado como possível problema de tradução, o qual foi investigado mais a fundo por meio da delimitação de MAOIs. Contrariando os resultados de Malta (2015), não foi encontrada diferença significativa quanto ao alocamento de esforço cognitivo nas microáreas do texto-fonte e do texto-alvo. Por outro lado, pelo fato de os resultados apontarem diferença significativa quanto ao esforço cognitivo alocado no TA em relação ao TF e não na MTA em relação à MTF, pôde-se concluir que a ocorrência de um problema de tradução teve impacto na coordenação de recursos cognitivos pelos participantes. Os protocolos verbais, por sua vez, ajudaram a contrastar os resultados obtidos por rastreamento ocular e reforçaram a hipótese de Malta (2015) de que durante as tarefas de (re)tradução haveria um anseio dos participantes em evitar plagiar as traduções prévias e em oferecer uma tradução própria a partir da qual fosse possível reconhecer sua autoria como tradutores, o que reflete nos resultados indicando menor esforço cognitivo nas traduções prévias.

Foram, contudo, avaliados alguns problemas cuja solução poderá ser implementada em futuras pesquisas envolvendo tarefas de (re)tradução do ponto de vista processual. O perfil de estudante de língua estrangeira, contemplado nesta pesquisa, se mostrou heterogêneo e pôde ter impactado nos resultados finais. Essa heterogeneidade pôde ser percebida sobretudo durante a análise dos protocolos verbais, em que os participantes mostraram não só diferentes níveis de metarreflexão quanto também diferentes níveis de proficiência na língua estrangeira e na língua materna. Apesar de estudantes de língua estrangeira já terem sido caracterizados no âmbito dos estudos do processo por apresentarem baixo desempenho em tarefas de tradução (KRINGS, 1989; KÖNIGS, 1987), acredita-se que alguns participantes, por apresentarem alto nível de metarreflexão, podem ter fugido a esse perfil, o qual poderia ter sido mais bem controlado por meio da implementação de um questionário mais detalhado e/ou de uma análise prévia dos dados de registro de teclado e mouse com o intuito de investigar o desempenho dos estudantes quanto à divisão das diferentes fases de tradução (orientação, redação e revisão). Uma sugestão para a continuidade desta pesquisa é a investigação do desempenho de tradutores profissionais e de tradutores em formação a fim de possibilitar a comparação dos resultados para diferentes perfis.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, F. A triangulação como opção metodológica em pesquisas empírico-experimentais em tradução. In: PAGANO, A. S. (Org.). **Metodologias de Pesquisa em Tradução**. 1 ed. Belo Horizonte: POSLIN/FALE/UFMG, 2001, v. 1, p. 69-93.

_____. (Org.). O processo de tradução. **Cadernos de Tradução**, v. 2, n. 10, Florianópolis: NUT-UFSC, 2002.

_____. Triangulation in process oriented research in translation In: ALVES, F. (Ed.) **Triangulating translation: perspectives in process-oriented research**. Amsterdã: John Benjamins, 2003. p. 25-42.

_____. Ritmo cognitivo, meta-função e experiência: parâmetros de análise processual no desempenho de tradutores novatos e experientes. In: ALVES, F.; MAGALHÃES, C. M.; PAGANO, A. (Org.). **Competência em tradução: cognição e discurso**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. p. 109-169.

ALVES, F.; ALBIR, A. H. Cognitive approaches. In: GAMBIER, Y; VAN DOORSLAER, L. (Ed.). **Handbook of Translation Studies**. Amsterdam: John Benjamins, 2010, p. 28-35.

ALVES, F.; PAGANO, A.; SILVA, I. A. L. Towards an investigation of Reading modalities in/for translation: an exploratory study using eye-tracking data. In: O'BRIEN, S. **Cognitive explorations of translation**. Londres/Nova York: Continuum, 2011, p. 179-191.

BERMAN, A. La retraduction comme espace de la traduction. **Palimpsestes**, v. 4, 1990, p. 1-7.

_____. La re-traduction. In: BERMAN, A. **La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain**. Paris: Seuil, 1999, p. 104-106.

BUCHWEITZ, A.; ALVES, F. Cognitive adaptation in translation: an interface between language direction, time, and recursiveness. In: Target text production. **Letras de Hoje**, v. 41, p. 241-272, 2006.

CARL, M.; BANGALORE, S.; SHREVE, M (Ed.). **New directions in empirical translation process research: exploring the CRITT TPR-DB**. Switzerland: Springer, 2016.

CATFORD, J. C. **A linguistic theory of translation**. Oxford: Oxford University, 1965.

DASTJERDI, H. V.; MOHAMMADI, A. Revisiting “Retranslation Hypothesis”: a comparative analysis of stylistic features in the Persian retranlations of *Pride an Prejudice*. **Open Journal of Modern Linguistics**, v. 3, n. 3, 2013, p. 174-181.

DEANE, S. L. **Confronting the retranslation hypothesis: Flaubert and Sand in the British Literary System**. PhD Thesis. University of Edinburgh, 2011.

DESMIDT, I. «(Re)translation revisited». **Meta: journal des traducteurs**, vol. 54, n. 4, 2009, p. 669-683.

DURAS, M. **L'amant**. Paris: Editions de Minuit, c1984.

_____. **O amante**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac ; Naify, 2007.

_____. **O amante**. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ERICSSON, K. A.; SIMON, H. A. **Protocol analysis**: verbal reports as data. Cambridge: MIT Press, 1984.

FERREIRA, A. **Direcionalidade em tradução**: uma investigação do processamento cognitivo de tradutores profissionais em tradução direta e inversa no par linguístico inglês-português. 137 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Belo Horizonte: FALE: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

_____. Tempo e segmentação no processo cognitivo de tradutores experientes em instâncias de tradução direta e inversa. **Revista Lael em (dis)curso**, v. 5, n. 2, p. 57-69, 2012.

FIGUEREDO, G. P. **Uma descrição sistêmico-funcional da estrutura do grupo nominal em português orientada para os estudos lingüísticos da tradução**. Dissertação de Mestrado— Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras, 2007.

_____. **Introdução ao perfil metafuncional do português brasileiro**: contribuições para estudos multilíngues. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG / PosLin, 2011. (Tese, Doutorado em Linguística Aplicada).

GAMBIER, Y. 1994. La retraduction, retour et détour. **Meta: Journal des Traducteurs**, v. 39, p. 413-417, 1994.

GONÇALVES, J. L. V. R. **O desenvolvimento da competência do tradutor**: investigando o processo através de um estudo exploratório-experimental. (Tese de Doutorado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2003.

GÖPFERICH, S.; ALVES, F.; MEES, I. M. (Eds.). Methodology, technology and innovation in Translation Process Research: a tribute to Arnt Lykke Jakobsen. **Copenhagen Studies in Language 38**, Copenhagen: Samfunslitteratur, 2009a.

_____. New approaches in Translation Process Research. **Copenhagen Studies in Language 39**, Copenhagen: Samfunslitteratur, 2009b.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIENSEN, C. M. I. M. **Halliday's Introduction to Functional Grammar**. 4th. Ed. Oxford: Routledge, 2014.

HOLMES, J. S. The name and nature of translation studies (1972). In: VENUTI, L. **The Translation Studies Reader**. New York: Routledge, 2004.

HVELPLUND, K. T. **Allocation of cognitive resources in translation**: an eye-tracking and key-logging study. PhD thesis. Copenhagen Business School, Copenhagen, 2011.

_____. Eye tracking and the translation process: reflections on the analysis and interpretation of eye-tracking data. **MonTI**, Special Issue – Minding Translation, 2014, p. 201-223.

_____. Eye tracking and the process of dubbing translation. In: DÍAZ-CINTAS, J.; NIKOLIC, K. (Ed.). **New pursuits in audiovisual translation**. (no prelo)

JAKOBSEN, A. L. Logging Target Text Production with Translog. In: HANSEN, G. (Ed.). **Probing the Process in Translation: Methods and Results**. Copenhagen Studies in Language 24, Copenhagen: Samfundslitteratur, p. 9-20, 1999.

_____. Effects of think aloud on translation speed, revision and segmentation. In: ALVES, F. (Ed.). **Triangulating translation: perspectives in process-oriented research**. Amsterdã: John Benjamins, 2003, p. 69-95.

_____. Research methods in translation – Translog. In: RIJLAARSDAM, G. et al. **Studies in writing**, Vol. 18, Computer keystroke logging: methods and applications, 2005, p. 95-105. JAKOBSEN, A. L.; SHOU, L. Translog Documentation. In: HANSEN, G. (Ed.). **Probing the process in translation: an anthology of essays from Dryden to Derrida**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1992, p. 144-151.

JÄÄSKELÄNEN, R. Think-aloud protocol studies into translation: an annotated bibliography. **Target**, 14:1, p. 107-132, 2002.

KOGLIN, A. **Efeitos cognitivos e esforço de processamento de metáforas em tarefas de pós-edição e de tradução humana: uma investigação processual à luz da teoria da relevância**. 2015. 182 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

KÖNIGS, F. G. Was beim Übersetzen passiert. Theoretische Aspekte, empirische Befunde und praktische Konsequenzen. **Die Neueren Sprachen**, v. 86, n. 2. 1987. p.162-185.

KRINGS, H. P. **Was in den Köpfen von Übersetzern vorgeht**. Eine empirische Untersuchung zur Struktur des Übersetzungsprozesses an fortgeschrittenen Französischlernern. Tübingen: Narr, 1986.

MALMKJAER, K. Mapping and approaching translation studies. In: **Linguistics and the language of translation**. Edinburgh University Press, 2005, p. 17-20.

MALTA, G. **O processamento cognitivo em tarefas de (re)tradução: um estudo baseado em rastreamento ocular, registro de teclado e mouse e protocolos retrospectivos**. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada. 249f. Universidade Federal de Minas Gerais. FALE/UFGM, 2015.

MALTA, G.; RAEL, E. C., As retraduições de la casad e los espíritus: uma (re)visita à hipótese da retradução. **Revista Letras Raras**, v. 4, n. 3, 2015, p. 75-97.

MATHIJSEN, J. W. **The Breach and the Observance: Theatre retranslation as a strategy of artistic differentiation, with special reference to retranslations of Shakespeare's Hamlet (1777-2001)**. PhD Thesis, Utrecht University, 2007.

MATTHIESSEN, C. The environments of translation. In: STEINER, E. YALLOP, C. (Eds.). **Exploring translation and multilingual text production, beyond content**. Berlin & New York: Mouton de Gruyter, 2001. p. 41-124.

MILTON, J; TORRES, M. C. T. (Orgs). Tradução, retradução e adaptação. **Cadernos de Tradução**, n. 11, Florianópolis: Pós-graduação em Estudos da Tradução, 2003.

MUNDAY, Jeremy. Main issues of translation studies. In.: **Introducing translation studies: theories and applications**. 3d edition. London/New York: Routledge, 2012, p. 07-27.

O'BRIEN, S. Pauses as indicators of cognitive effort in post-editing machine translation output. **Accross languages and Cultures**, v. 7 (1), 2006, p. 1-21.

PAGANO, A.; VASCONCELLOS, M. L. Explorando interfaces: estudos da tradução, linguística sistêmico-funcional e linguística de corpus. In: ALVES, F.; MAGALHÃES, C.; PAGANO, A. (Ed.). **Competência em tradução: cognição e discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p.177-207.

PAGANO, A.; FIGUEREDO, G.; LUKIN, A. Modelling proximity in a corpus of literary retranlations: a methodological proposal for clustering texts based on systemic-functional annotation of lexicogrammatical features. In: MENG, J. (ed.). **Empirical Translation Studies: Interdisciplinary Methodologies Explored**. Equinox: South Yorkshire, 2014, p. 91-125.

PALOPOSKI, O.; KOSKINEN, K. A thousand and one translations: revisiting retranslation. In: HANSEN, G.; MALMKJAER, J.; GILE, D. **Claims, changes and challenges in Translation Studies: selected contributions from the EST Congresss, Copenhagen 2001**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004, p. 27-37.

PAVLOVIĆ, N.; JENSEN, K. Eye-tracking translation directionality. In PYM, A.; PEREKRESTENKO, A. (Ed.). **Translation Research Projects 2**. Tarragona: Intercultural Studies Group, 2009. p. 93-109.

RAYNER, K. Eye movements in reading and information processing: 20 years of research. **Psychological Bulletin**, 124, 1998, p. 372-422.

R CORE TEAM. **R: A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2016. URL <https://www.R-project.org/>.

RODRIGUES, C. A abordagem processual no estudo da tradução: uma meta-análise qualitativa. **Cadernos de Tradução**, v. 2, n. 10. In: ALVES, F. (Org.). O processo de tradução. Florianópolis: NUT-UFSC, 2002, p. 23-57.

SEKINO, K. **Investigando processos de pós-edição e de tradução: uma análise cognitivo-pragmática da relação esforço-efeito no par linguístico japonês-português**. 2015. 194 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

SHREVE, G. M.; ANGELONE, E (Ed.). **Translation and cognition**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2010.

SILVA, I. A. L. **(Des)compactação de significados e esforço cognitivo no processo tradutório: um estudo da metáfora gramatical na construção do texto traduzido**. 2012, 277 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SILVA, I. A. L.; DE OLIVEIRA, M. L.; DE LIMA, K. C. S. Conhecimento experto em tradução: uma abordagem processual e discursiva de tarefas tradutórias realizadas por pesquisadores expertos. **Revista ABRALIN**, v. 7, n. 1, p. 279-306, 2008

SJØRUP, A. C. **Cognitive effort in metaphor translation: an eye-tracking and key-logging study**. PhD Thesis. Copenhagen Business School. 2013.

STEINER, E. Translations English-German: investigating the relative importance of systemic contrasts and of the text-type “translation”. In: SYMPOSIUM ON INFORMATION STRUCTURE IN A CROSS-LINGUISTIC PERSPECTIVE, Oslo, 2001. **Proceedings...** Oslo: Norwegian Academy of Science and Letters, 2001a. p. 1-49.

STEINER, E. Intralingual and interlingual versions of a text: how specific is the notion of translation. In: STEINER, E.; YALLOP, C. (Ed.). **Exploring translation and multilingual text production: beyond context**. Berlin-Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 2001b. p. 161-190.

SUSAM-SARAJEVA, Ş. **Multiple-entry visa to travelling theory: Retranslations of literary and cultural theories**, **Target**, vol. 15, n. 1, 2003, p. 1-36.

TAHIR-GÜRÇAĞLAR, Ş. Retranslation. In BAKER, M.; SALDANHA, G. **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. New York: Routledge, 2ed, 2009.

VENUTI, L. **The translator's invisibility**. New York: Routledge, 1995. <http://dx.doi.org/10.4324/9780203360064>

APÊNDICE A: Protocolo verbal livre

P01 (00:06:05)

(EU: Você já pode começar. Esse aí foi o início, em que você estava começando e já estava gravando) Entendi. Olha, eu fiz assim: primeiro eu li o texto original uma vez depois eu li a tradução 1 (esquerda – T1), depois eu li a tradução 2 (direita – T2). Às vezes quando eu lia a tradução, eu voltava para o texto original, tanto na 1 quanto na 2. Aí quando eu comecei a traduzir, eu procurei traduzir só olhando o texto original mesmo. Agora, em alguns momentos, eu recorri ou à tradução 1 ou à tradução 2, que achei que eu estava mais inseguro de como traduzir. Aí eu achei que do jeito de uma ou da outra ficou bom. Então, eu traduzi mais ou menos como a tradução mesmo, literal, sem inventar muita coisa. Mantive o “*hall*”, acho que nem existe “saguão”. Isso: mantive o “*hall*”, que a gente também pode falar “*hall*”. Em “Um homem veio em minha direção”, eu também fiquei na dúvida: “veio *vers moi*”: “em direção à mim”. Achei que ficou melhor “em minha direção”. Aí eu usei “ele se apresentou”, “*il s’est fait connaître*”, “ele se apresentou”. Não sei, achei que combinava mais. E em “ele me disse: eu a conheço desde sempre”, como no texto original ele usa “*vous*”, eu traduzi sempre para “senhora”, pronome de tratamento. “Eu a conheço desde sempre”. “Todo mundo diz que a senhora era bela quando jovem”. Em “*je suis venu*” eu coloquei “eu vim” mesmo: “eu vim para lhe dizer que, para mim, a considero mais bela agora que quando a senhora era jovem”. Então, “*jeune fille*” eu traduzi para “moça”. Aliás, eu acho que eu vi isso em algum lugar. Ali: “rosto de moça”. As duas traduções estão assim. É porque quando eu leio a tradução, mesmo que seja uma vez, eu interiorizo de certa forma aquilo, então esse “moça” já estava aí, mesmo eu não lendo, na hora que eu traduzi “*jeune fille*” por uma palavra só. Em “*celui*” eu coloquei “o”, que é o *pronom démonstratif* em “...de moça que o que a senhora tem agora, devastado”. Em “eu penso frequentemente àquela imagem a qual sou a única a ver e da qual eu nunca falei”, eu coloquei aí também um relativo: “à qual”, “da qual”. Porque eu tinha colocado primeiro “imagem que sou a única a ver”, mas para evitar a ambiguidade eu coloquei “a qual sou a única a ver”. Acho que com “a qual” e “da qual”, ao deixar o paralelismo fica claro que é “a imagem”. Em “ela está sempre lá”, nesse “lá” eu tive dúvida. Eu até olhei as duas traduções e nas duas tinha “lá”. Está “*là*”: “*elle est toujours là dans le même silence*”, mas o “*là*” do francês não é exatamente o “lá” do português. É mais ou menos assim: “*là*” é no sentido de “aqui” ou “nesse momento”. Mas também eu pensei em não colocar o “lá”: “está sempre no mesmo silêncio”. Acho que perde essa pausa aí do “*elle est toujours là dans le même silence*”, senão seria: “*elle est toujours dans le même silence*”, o que é diferente. Em “*émerveillante*”, como é um particípio presente, eu também pensei em “maravilhante”, mas acho que nem tem isso. Aí eu vi que em uma das traduções está “maravilhosa” e na outra está “fascinante”, aí eu escolhi o “fascinante” mesmo, da tradução 2, que dá essa ideia do particípio presente. Porque “maravilhosa” seria “*merveilleuse*”, já o “fascinante” tem o “-*ante*” então parece que a ação está ali contida. O “*c’est*” eu traduzi para “é”: “é entre todas aquela a que me faz gostar de mim”. Nessa também eu recorri à tradução 1 porque eu coloquei “*qui me plaît de moi-même*”. Fiquei um pouco parado pensando “*qui me plaît de moi-même*”. Aí eu olhei a tradução 1 e estava “que me faz gostar de mim” e a outra estava “que me agrada”. Eu não sei, eu acho que o sentido fica mais humano: “que me faz gostar de mim” do que “que me agrada”, não sei, fica mais subjetivo. Então eu copieei da tradução 1. Acho que o “mesmo” em “que me faz gostar de mim mesmo”, eu pensei em colocar o “mesmo”, mas acho que também não precisa. Em “*qui me plaît de moi*” o francês vai colocar “*moi-même*” de qualquer jeito. Deixei o “mim” em “que me faz gostar de mim”. Então foi isso: na tradução procurei mais o texto original, olhar o menos possível para as traduções, mas em algumas situações em que eu me vi sem saber o que fazer eu recorri a elas.

Principalmente na tradução 1, quando eu escolhi esse “me faz gostar de mim”, e à tradução 2 quando eu escolhi o “fascinante”. Mas acho que o resto foi eu mesmo.

P02 (00:07:46)

Acho que primeiro eu li o primeiro texto. (EU: o texto original?) É. Aí depois eu li o da esquerda (T1) e depois eu li o da direita (T2). Vai demorar um pouquinho para eu começar a escrever. (EU: não tem problema, pode falar o que você estava pensando na hora). É, então, teve um problema com não saber mais do contexto do negócio, porque, por exemplo, se eu tivesse sabido quando que foi escrito, aí talvez eu teria alterado umas escolhas que eu fiz. Porque se o livro tivesse sido muito velho, aí talvez eu teria optado por um vocabulário mais arcaico. Mas aí como eu não sabia, eu fiz no chute mesmo. (EU: você já conhecia os textos?) Não, o outro sim (teste de cópia: *L'étranger*, de Albert Camus), esse não. Aí eu resolvi por "um dia", só que depois eu mudei de ideia. Porque normalmente eu começo escrevendo muito, como se eu tivesse falando, e aí depois eu vejo se eu não quero deixar mais rebuscado. Aí eu acho que eu mudei para "certo dia" depois. Aí eu fiquei pensando: como que uma pessoa velha falaria "eu já tinha bastante idade", mas eu fiquei sem saber, aí eu coloquei esse que eu achei menos estranho do que "já na minha velhice". Esse "saguão" também! Que coisa chata esse trem! Depois eu vou voltar nele. Eu também resolvi colocar "veio na minha direção" porque eu achei "se aproximou" muito estranho. Ah, e também teve um negócio que era o "*depuis toujours*" que eu não sabia se colocava. Eu achei que era "desde sempre", mas aí o outro texto lá estava falando "há muito, muito tempo", mas aí eu resolvi deixar "desde sempre" mesmo, achei bem normal esse "desde sempre". Aí também eu optei pelo "todo mundo", igual ao da direita, eu gostei mais. Também "bonita", melhor que "bela". E esse "venho lhe dizer", "vim dizer-lhe", achei que parecia muito artificial. Eu não gosto quando no livro as pessoas falam e não dá para escutar elas falando, porque está muito formal. E aí eu resolvi colocar "eu vim para dizer". Aí ficou só o "a acho" de mais ou menos artificial porque eu não queria colocar "te acho" porque no francês estava "*vous*". Eu gostei desse "de moça" mesmo, achei que estava bom também. O outro "juventude" estava muito formal. Mas achei que não precisava repetir "o rosto", porque nem no francês repete. Eu achei que o "devastado" estava bom também, aí eu repeti. Eu não gostei desse "frequentemente"! (risos) Porque ninguém fala "com frequência", e estava "*souvent*", e "*souvent*" parece mais do dia-a-dia. Então eu coloquei "sempre" mesmo. E essa parte estava meio complicada, eu não estava entendendo. Porque ela não fala que ela é "*la seule à voir*". Aí eu não estava entendendo se ela estava querendo dizer que ela era a única a ver, ou se ela ficava vendo sozinha. Mas acho que é a mesma coisa, não é? Eu fiquei na dúvida no "frequentemente", mas porque tinha outro "*toujours*", então achei que ia repetir, só que eu vi que não era esse "*toujours*" no sentido de "sempre". E esse "lá", eu achei que ele não precisava voltar para o texto original, não. Quer dizer, para a tradução. Porque o francês coloca "*là*" em tudo, mas nem sempre é "lá" igual no português. Aí eu achei que era no sentido mais de que ela estava presente ainda, eu coloquei que "continua comigo". E essa parte eu demorei um pouco para entender também, exatamente o quê que era, o quê que estava querendo dizer. Então eu comecei a pensar sobre "um dia" e "certo dia", acho que eu reli os outros primeiro para ver como estavam controlando o tom, porque eu não sabia que tom que eu ia dar para o texto. E aí foi o maldito "saguão", que eu não sabia se colocava "recepção", "entrada", "hall". Aí eu resolvi deixar "saguão" mesmo. Só que "saguão" é estranho, mas eu não sabia porque, se o texto fosse velho, aí tudo bem, “o saguão”, mas e se a mulher é velha, então pode ser "saguão" mesmo, não é? Então eu vi que uma das traduções estava com "nunca mencionei a ninguém", aí eu achei que era bom colocar em vez de "da qual nunca falei", não sei, ficou mais claro. E eu vi que não tinha nada demais, então tirei. Então eu pus umas vírgulas aí, que eu achei necessárias. E acho que foi isso. Tá acabando? Quase, não é? (risos) (EU: você chegou a mudar mais alguma coisa?) Não lembro.

Acho que eu fiquei relendo para ver se estava ok. (EU: você achou o texto difícil?) Algumas frases ficaram meio confusas, eu achei, duas frases. (EU: quais?) Essa "*cette image que je suis seule à voir encore*". Até aí eu achei complicado. E o "*c'est entre toutes celle qui me plaît de moi-même*", "*celle où je me reconnais*". Porque quando você lê meio desatento, aí parece que está falando que "*c'est*", que "é entre todas aquela que ela mais gosta", mas não, é só a que ela gosta. Ou seja, fugiu um pouco do esperado aí. Complicou. (EU: e qual é a outra que você falou?) A de cima, "*je suis seule à voir*". (Eu: por causa do "seule", que você falou, não é?) É.

P03 (00:10:19)

(EU: eu vou colocar *play* e provavelmente esse início é mais a parte em que você estava lendo, mas você já pode falar sobre como você começou) Então, eu li primeiro o original, depois eu li as duas traduções. E a primeira tradução (T2) é um pouquinho pior do que a segunda (T1). (EU: por quê?) Ela foi pior porque ela quis fazer uma coisa muito literal, eu acho, que ficou menos "português". Não, na verdade, assim, juntando as duas, daria para fazer uma tradução legal. Porque tem coisas boas na primeira, tem coisas boas na segunda. E uma coisa que as duas traduções fizeram, por exemplo, do pronome em "*je vous connais*" para "eu a conheço desde sempre". Eu fiquei até confuso quando eu li. Porque eu achei que ele estava falando para a mulher. E aí nas duas traduções não aparece isso. Então, aí o que me deu muita dificuldade foi o "*j'étais âgée déjà*". Aí eu fiquei, assim, quê que eu coloco? Aí da segunda tradução (T1), "já na minha velhice", eu achei melhor do que "já tinha bastante idade". E aí esse "*il s'est fait connaître*", "*il m'a dit*". Eu achei que as duas traduziram a mesma coisa e aí eu falei assim, eu também vou colocar a mesma coisa. Só que eu tinha esquecido lá o "*hall*", o "*hall d'un lieu publique*", aí eu voltei depois. E aí o pronome. Porque os dois puseram, por exemplo, "apresentou-se", "eu a conheço há muito tempo". Eu pus "eu te conheço há muito tempo". E aí eu fiquei na dúvida, porque no francês tem aquele negócio de "*vous*" e "*tu*". Mas, eu deixei tudo como "*tu*" porque aqui, em português, mesmo se a gente trata a pessoa pelo "você" a gente acaba usando o pronome do "tu". Aí eu coloquei "eu te conheço há muito tempo". E aí o "*belle*". A gente fala mais "bonita" do que "bela". Só que era um texto literário. Mas eu quis deixar o "bonita". E aí no "*je suis venu pour vous dire*", eu traduzi como "quero te dizer que para mim". Aí nenhuma das duas fez isso. Essas pausas eu acho que eu estava lendo o texto original. Eu fiquei até um pouco em dúvida: "eu gosto menos do seu rosto de moça" ou "gostava menos do seu rosto de moça". Mas aí eu respeitei o original, porque ele usou o *imparfait*. Mas, não sei, talvez o "gosto menos do seu rosto de moça do que o rosto que você tem agora", talvez fique melhor, não sei. Mas eu respeitei o original. Aí nessa "*émerveillante*", eu podia colocar o "maravilhosa" ou "fascinante". Eu achei "fascinante" melhor, eu coloquei "fascinante". Achei mais bonito o "fascinante", mas não tenho muita consciência não. Essa "penso frequentemente nessa imagem", essa parte ela é um pouco difícil, porque, "penso frequentemente nessa imagem que sou a única ainda a ver e que nunca mencionei a ninguém". Eu achei que a segunda tradução, ela ficou melhor. (EU: a segunda, você diz a da direita?) A da direita, é (T1). (EU: aí você parou: você voltou para o original, você achou alguma dificuldade de tradução?) Sim. (EU: e você quis buscar ajuda nas traduções?) Não, eu quis fazer um pouco diferente. Eu mesclei um pouco as duas. Por exemplo, "é, entre todas, a que me faz gostar de mim mesma". Eu achei que não pôs "entre todas as imagens de mim mesma". Aí eu tinha colocado "aquela", mas depois eu falei assim, o "*celle là*" que vai ser "aquela". Eu pus "ela". Depois eu pus, ok, "ela", "a que eu mais me reconheço, a que eu mais me encanto". Eu achei que ficou mais... poético. Mesmo repetindo "ela" duas vezes. (EU: e nesse momento você acha que estava relendo?) Sim. Eu estava fazendo a revisão do meu texto. Voltei no "saguão", que eu tinha esquecido. E eu também reli o original. E aí eu fiquei na dúvida: coloco "aquela" ou coloco "ela"? Mudei só o "ela" por "aquela". (EU: e teve mais alguma coisa que você mudou?) Não, só o "ela" por "aquela". Eu

pus "entre todas as imagens de mim mesma, ela é a que eu mais me reconheço, a que mais me encanta". E o "jamais" e o "nunca". Eu falei assim, eu coloco o "nunca" ou coloco o "jamais"? Porque a gente pode colocar os dois, né? Mas eu acabei optando pelo "jamais". Aí depois eu acho que eu vim para o "aquela".

P04 (00:07:30)

Bom, eu comecei lendo o parágrafo de cima. E eu tentei ao máximo não olhar as traduções do lado. Porque não sei, eu queria colocar uma impressão pessoal minha na tradução. E eu fiquei preocupada também, nos lugares que eu estava olhando, e depois como que eu fazia a tradução. Porque às vezes eu olhava para um trecho que eu tinha dúvida, e depois olhava para o outro, do outro lado, que eu tinha dúvida, e fazia a minha tradução, e aí eu às vezes ficava pensando que vocês sabiam de qual eu tinha tirado mais inspiração para fazer a minha tradução. Aí eu fui olhando frase por frase e tentando colocar o máximo possível de proximidade com o português. Sem traduzir literalmente. E teve algumas traduções das do lado aqui que eu não gostei, das adaptações. Aí eu quis fazer diferente, mas teve alguns trechos também que eu traduzi, que eu não gostei, que eu acho que poderia ter ficado melhor, mas eu não quis tomar muito tempo. E enquanto eu estava fazendo a tradução também eu fiquei muito curiosa em relação a isso, de onde eu estivesse olhando, que seria o ponto que influenciaria a minha tradução, alguma coisa do tipo. No mais, demorei muito em uma frase porque eu não conhecia uma expressão. Não é que eu não conhecia, eu não consegui identificar do quê que a pessoa estava falando. É essa "*je suis seule à voir*". Dá para traduzir literalmente, mas eu achei muito esquisito, aí eu tive que consultar as outras duas, fiquei um tempão nessa. E no final também. Eu fiquei um pouco presa nesse trecho "*celle qui me plaît de moi-même*". Eu não sabia quem era que estava falando isso, se era a pessoa que gosta dela quando ela era mais velha, ou se é ela mesma, se é uma mulher, se é um cara. Eu achei esquisito. Aí eu fui consultar as outras traduções, aí eu vi que era uma mulher, uma voz feminina. No mais, eu não quis ler a tradução de novo. Eu pensei em ler ela toda de novo, mas eu achei que vocês estavam com pressa, aí eu não quis ler. Achei que o experimento era mais espontâneo, e se eu lesse eu teria que corrigir, alguma coisa do tipo, sei lá. Eu não lembro mais nada. Deixa eu ver. (EU: você pode olhar para o texto e ver se tem mais algum comentário a fazer) Eu não estou lendo o meu, eu estou lendo o original, não sei porquê. Bom, esse "lá no mesmo silêncio" eu achei muito esquisito, traduzir literalmente. Todas as outras traduções colocaram do mesmo jeito, eu achei muito esquisito: "lá no mesmo silêncio". Eu acho que nenhum autor brasileiro escreveria assim. Devia ter colocado "lá silenciosamente", alguma coisa assim. Mas, agora que eu estou pensando. E esse "maravilhada" também. Eu nunca tinha visto o adjetivo "*émerveillante*". Aí eu fiquei pensando um tempo se seria "maravilhada", aí eu consultei as outras traduções. Eu vi que uma delas tinha colocado "fascinante". Aí eu coloquei o correspondente que seria "maravilhada". E, no mais, esse negócio de "agrada a mim mesma" achei que do francês estava estranho, eu nunca tinha visto essa construção. E em relação também a esse "*où*" do final da tradução, eu não traduziria para "onde", mas aí eu vi que nas outras eles estavam usando "na qual" ou "nela". Eu usei "aqui", eu acho que se eu fizesse de novo eu trocaria, eu colocaria "na qual" ou "nela". Eu coloquei "aqui eu me reconheço", não tem nada a ver. Porque acho que tem alguma coisa de lugar e tal. Uma alusão a alguma coisa, a um local. Estou lendo aqui de novo. Ah, "*hall*". Eu não quis traduzir. "Saguão" me pareceu um vocabulário que a gente não usa tanto. Acho que a gente usa mais "*hall*" mesmo. Eu mantive. Eu vi que as outras duas trocaram o "*hall*" por "saguão". (EU: tem mais alguma coisa que você mudaria se você tivesse tido tempo de revisar?) Eu não gostei dessa tradução que a pessoa da direita fez: "eu a conheço desde sempre". Foi muito literal, eu acho. Achei esquisito. Nenhum autor brasileiro colocaria isso, eu também não coloquei. Eu coloquei "há bastante tempo" no "*depuis toujours*". Eu não gostei também nas

outras traduções dessa parte "*je suis venu por vous dire*", "venho lhe dizer". Eu achei muito esquisito. Eu preferi continuar o relato: "e eu te digo que para mim você é mais bela agora". Bom, eu não sei se eu mudaria mais nada. Esse "devastado" também. Não, não teria outra opção. Acho que é isso mesmo.

P05 (00:15:13)

Primeiro eu li o texto todo em francês, e depois eu fui dando uma olhada nas primeiras partes, como é que as duas traduções tinham solucionado. Mas não li todas completas, não, toda eu li só a versão em francês. Aí o primeiro problema na verdade foi o "*vous*", porque como ela fala que é "senhora", que ela é uma pessoa mais velha, então eu achei importante colocar o "senhora" porque é difícil para a tradução em português pegar essa questão do "*vous*". Mas em alguns casos inclusive a gente até tira, deixa o "você" mesmo. porque não tem como reproduzir, fazer uma tradução tão próxima do sentido do francês, do "*vous*". Essa parte acho que eu estava começando a comparar as duas e vendo as soluções, deixa eu ver aqui. Essa primeira frase também "na minha velhice". Eu achei melhor manter a palavra "idade", porque você tem o "*âgée*". em francês. Eu vou tentando na verdade manter a estrutura o máximo possível, a estrutura do francês, porque eu acho que, apesar de algumas estruturas, não tem como você manter muito a estrutura, você tem que reformular, mas eu acho que a tradução tem que tentar manter, porque tem toda uma questão de. da própria introdução do. das ideias, da palavra, da ordem mesmo, eu não gosto muito. A tradução da direita mesmo ela trocou a ordem ali do "um homem se aproximou de mim em um saguão, em um lugar público", quer dizer, ele trocou a ordem. Isso é o tipo de coisa que eu não acho tão legal. E, deixa eu ver. Depois que eu coloquei o primeiro "senhora", para não ficar repetindo, eu tentei evitar. Porque o "*vous*" vai aparecer várias vezes. Você tem o "*vous étiez belle*", "*vous étiez jeune*". E "*je viens pour vous dire*", "*que je vous trouve*". Então o "*vous*", ele repete muito, então eu não queria ficar repetindo o "senhora", que aí eu já acho que iria carregar um pouco o texto. Então eu peguei alguma solução para poder evitar, quer ver, o "a". Eu acho que eu usei esse aqui: "a acho", "eu a acho". E mantendo os tempos também: "ele se apresentou e me disse". Não "disse". Porque as duas traduções do lado, elas colocaram no presente. Não, colocou só o "disse", não colocou "me disse". Agora eu não estou lembrando. Nossa, eu fiz muito lento! Aí eu coloquei "eu conheço a senhora", ainda na questão do "*vous*". Mais porque tem essa coisa da idade, então como para a própria pessoa mais velha, ainda tem essa questão de usar o "senhora". E como parece que é uma pessoa meio desconhecida, já que ele disse que conhecia ela, mas ela não necessariamente reconheceu ele de cara, então você tem toda aquela questão de como que você aborda a pessoa, tanto que a fala dessa pessoa foi sempre usando o "*vous*". Se fosse alguém tão íntimo assim já teria partido pro "*tu*". Então eu repeti "senhora" aí: "a senhora era bela quando jovem", "era bonita". Eu preferi o "bonita" também. Eu acho que "bela" é uma palavra que no português parece que não é muito usual, a gente usa mais "bonita". Apesar de no francês tenha colocado "belle". Eu achei "bonita" mais... Tem muita coisa que é difícil, é muito uma intuição, você não consegue racionalizar. Depois eu tive um problema com esse verbo, com o "*aimer*" também. No "*j'aimais moins votre visage*", porque você tem o "*aimer*" e o "*votre*" né. Você não tem preposição, não tem nada. E não pode ser o "amar", que o "amar" no português tem outro sentido. Então tem que ser o "gostar", ou eu pensei em colocar "admirar", mas acabei não colocando. Achei que o "admirar" também ia levar para um lado que não é. O "*aimer*" é o "gostar" mesmo, "gostar". Só que aí o "gostar" precisa de "de": "gostava menos de". Aí eu não queria o "de". Mas não teve jeito, eu preferi colocar o "gostava de" do que "admirava". E essa coisa do francês também de sempre substituir. Então você tem "*j'aimais moins votre visage de jeune femme que celui*". Então "*celui*" também, às vezes, é difícil para gente encaixar. Mas eu preferi. Eu coloquei como "eu gostava menos do seu rosto de jovem", "de moça", "do que desse". Aí eu preferi deixar o

demonstrativo, do que colocar um "o", "a". Eu preferi colocar o "desse". Acho que é o da direita que colocou assim, "desse de hoje". Acho que ficou até mais sintético. Às vezes eles colocam, as traduções colocavam coisa que não tinha lá no texto, tipo "ainda", acho que tem uma parte que ele coloca "ainda mais", mas não tinha, eu não coloquei. "Eu a acho mais bonita agora do que quando jovem", teve um que colocou "eu a acho ainda mais bonita agora que quando jovem". "Mais do que" já está bom. Aí eu tentei: "admirava você". Acabei deixando o "gostava". Depois no "penso frequentemente", eu coloquei "penso muito", "*souvent*". Porque "frequentemente" eu acho que é uma palavra muito longa, acho que não ficava legal aí. Então "eu penso muito nessa imagem". Essa parte também na verdade achei bem difícil, essa frase: "*je pense souvent à cette image que je suis seule à voir encore et dont je n'ai jamais parlé*". Primeiro eu devo ter lido ela várias vezes. Porque eu não entendi de cara. O quê que ela estava querendo dizer. É uma estrutura bem complicada esse "*que*" e "*dont*". Aí eu li as traduções, e aí entendi um pouco para que lado que eles levaram e me apoiei muito neles, se eu tivesse que traduzir sem eu teria mais dificuldade. Essa foi a frase mais difícil. E aí eu coloquei ali "penso muito nessa imagem". Deve ter demorado muito aí. Em "*que je suis seule à voir encore*", essa parte é a que eu achei mais difícil: "que eu sou a única". Depois eles colocaram "que só eu ainda vejo". Porque essa "*je suis seule*", dá a impressão de que é "estou sozinha". Mas não com o sentido de "sou a única". Eu fiquei um pouco em dúvida. Mas eu acho que é isso mesmo, o sentido é esse. Eu vi aqui "que só eu ainda vejo", e eu optei por essa. Acho que a "que só eu ainda vejo" é a da direita. E aí eu coloquei "da qual" para manter aí uma coisa próxima do "*dont*", "da qual nunca falei". Para manter também a estrutura aí. Não acrescentei esse "alguém", não, porque ela falou, "falei": necessariamente falou para alguém. "Ela está sempre aqui": aí esse "lá" também foi outra questão que eles traduziram por "lá" e a gente sabe que no francês o "là" tem muito a ideia de "aqui". E como é uma imagem, é uma memória, então ela está dentro da cabeça, "aqui", perto da pessoa que fala. Então eu optei pelo "aqui". E a coisa do interno também né, então tem essa ideia das memórias que você guarda internamente, então elas estão próximas. Embora possam estar escondidas, mas eu achei que o "aqui" era melhor. O "*émerveillante*" também, eu achei difícil traduzir, porque você tem "*merveille*". Mas você tem esse "é-" aí que parece que é uma coisa a mais, então. Eu optei pelo "deslumbrante" porque tem esse "des-". Poderia ser uma coisa como "maravilha", que eu acho que teve um que colocou "maravilhosa". Mas "maravilhosa" não tem esse, como se fosse um prefixo, alguma coisa que dá um a mais. Eu achei que o "deslumbrante" era mais forte. E "entre todas, a que", aí poderia ter colocado "aquela". Agora se eu fosse corrigir, eu colocaria "e entre todas aquela que", mas eu colocaria "aquela". Acho que eu coloquei "a que". Acho que seria melhor "aquela". "Aquela" ia aproximar mais do "*celle*". "Aquela que me faz gostar de mim mesma". Mantendo aí o "*moi-même*". "Aquela que me faz gostar de mim mesma". Essa também "*qui me plaît de moi-même*", eu achei difícil traduzir. O "*plaît*", o verbo "*plaire*", o "*se plaire*". "Na qual me reconheço". Aí esse final também, "a que" seria "*où je m'enchante*", porque aí tem uma questão. "*Celle où je me reconnais*", aí seria "*celle où je m'enchante*". Mas aí em português esse "où", esse "onde" não fica bom. Então "aquela na qual eu me reconheço" e "aquela na qual eu me encanto". E não "com a qual", "com ela me encanto". Seria mais "onde me encanto", "na qual me encanto". Aí eu coloquei só "me encanto", para não ficar repetindo "na qual": "na qual me reconheço, me encanto". Foi isso. A estratégia foi mais ou menos essa. Aí eu li tudo de novo. Fiquei achando que poderia ter pulado alguma parte. Aí eu dei uma lida no francês de novo, para ver se eu tinha perdido alguma coisa. Acho que primeiro eu reli o que eu escrevi, e depois eu voltei no francês. E reli tudo de novo. Não reli as traduções de novo, não. Acho que talvez esse "me encanto" aí, eu dei mais uma olhadinha talvez, não estou lembrando. Bom, acho que é isso.

P06 (00:05:53)

Bom, pensando nas escolhas tradutórias para fazer essa tradução, eu acho que no primeiro momento eu parti desse texto base em francês, que foi dado aqui e depois acho que dos dois eu não sei dizer ao certo o que eu mais gostei, assim, acho que foram, acho que juntei elementos dos dois, das duas traduções e a partir disso juntei coisas que eu achava que não estava nos dois, mas que se aproxima mais de uma linguagem que a gente usa hoje. Não sei mais o que posso dizer. Aí eu apaguei o que tinha escrito porque o teclado não é muito familiar para mim não. Não sei exatamente porque eu mudei o texto. Eu acho que fica mais fácil de apontar algumas coisas vendo os meus movimentos, não é? Aí, eu preferi colocar o pronome em “apresentou-se”, eu acho que pelo menos eu já tinha lido esse texto e quando eu li eu acho que esse é o primeiro parágrafo, não é? Se não me engano. Mas eu acho que o fato de trazer esse "ele" aí na história para mim foi importante. Porque era um cara misterioso, então, assim, acho que usar o "ele" seria uma forma de reforçar essa figura que aparece aí, porque diz uma coisa que é muito importante para narrativa. Eu li em francês, não conhecia as traduções, não. Nessa parte acho que eu fui reler o texto fonte. Eu sinceramente não sei porque que eu coloquei “eu penso” e não “eu penso frequentemente”. Mas eu acho que como tem uma coisa muito, de quase um diário, um resgate da memória assim mais íntimo, não sei, talvez seja por conta disso, de reforçar essa imagem de si próprio, enfim, desse outro. Falta de atenção! [traduziu "Il s'est fait connaître et il m'a dit: Je vous connais depuis toujours" [por “ele apresentou-se e disse: eu acho você mais bonita agora”]. Eu introduzi o "mais" também. "É a que me agrada, nela me reconheço, com ela me encanto". Nesse momento eu estava revisando.

P07 (00:08:25)

Então, a primeira coisa é que eu já me arrependi de uma escolha que eu fiz. Porque eu traduzi "*un jour, j'étais âgé*" por "um dia, já velho" e não gostei do "velho", agora pensando. Mas, então, a primeira coisa que eu fiz foi ler o texto e depois eu acompanhei a tradução da esquerda e depois a da direita para ver as escolhas principalmente em termos de pontuação, porque eu acho que o texto original tem uma pontuação bem particular aí eu queria ver as escolhas dos tradutores e também em relação a algumas escolhas que talvez, se eu tivesse dúvida, qual palavra escolher. Então, depois eu comecei a traduzir frase por frase até que depois da fala do *monsieur* eu tenho essa frase "*je pense souvent à cette image que je suis seule à voir encore et dont je n'ai jamais parlé*" essa foi a que eu tive mais dificuldade, eu acho que pela construção dela. Nessa e também na outra "*c'est entre toutes celle qui me plaît de moi-même*", porque os tradutores, esses outros dois, tiveram escolhas bem diferentes: um deles colocou "entre todas é a que me faz gostar de mim" e o outro "entre todas as imagens de mim mesma, é a que me agrada" então eu tentei chegar a uma conclusão de qual seria melhor ou se haveria algum terceiro termo para isso e eu escolhi um terceiro que eu acho que causa estranhamento, mas é também uma coisa do texto original causar esse estranhamento assim da linguagem. Esse "já na minha velhice" talvez eu realmente traduzisse quando já estava... Essa aqui é a minha tradução? Está bem. Acho que o que me colocou algum problema também foi a questão do pronome de tratamento "*je vous connais depuis toujours*": como colocar isso? Então eu resolvi acompanhar a escolha dos tradutores "eu a conheço". Também tive dificuldade nessa. Exatamente, agora passando aqui, foi a frase que mais me instigou foi essa depois da fala do senhor, porque eu fiquei pensando como que eu traduziria essa estrutura "*que je suis seule encore et dont je n'ai jamais parlé*", então eu consultei um pouco, deixei entre parênteses ali esse "sobre", nunca falei "sobre", mas como eu já coloquei "da qual" aí depois eu resolvi excluir esse "sobre". Também, por mais que eu tenha traduzido esse "*émerveillante*" por "maravilhosa", eu não fiquei satisfeito, porque isso não parece muito da Duras escrever maravilhosa, não sei, mas foi a escolha mesmo. Depois dessa frase "é entre

todas aquela que me agrada a mim mesmo" que fiquei: então gente, me agrada a mim mesma? Aí eu fiquei pensando em uma tradução mais literal. Acabou que foi a minha resolução última. E os tradutores, depois eu pensei também: eles traduziram "*celle où je me reconnais*", eles colocaram "nela me reconheço", o outro "na qual me reconheço". Mas então eu resolvi colocar o advérbio "onde", porque eu acho que ela poderia ter colocado "*celle*", "*dans laquelle, dont je me reconnais*" e eu, então, escolhi colocar o mesmo: "onde". Eu também resolvi deixar as frases com a pontuação mais parecida com a dela, porque eu acho que quando, por exemplo, na última, na segunda tradução, a da direita, o tradutor reorganiza muito a frase, eu acho que fica um pouco artificial e, por causa da pontuação, para deixar mais claro, eu não gostei muito não. Exatamente no final das contas eu achei que a minha tradução ficou estranha, mas talvez seja realmente esse estranhamento mesmo que tenha que ter com o leitor. Nessa aqui eu também tive dúvida sobre a estrutura, essa frase "todo mundo diz que você era bela quando jovem, eu vim lhe dizer que para mim eu a acho mais bela agora do que quando jovem". Aí eu fiquei pensando sobre uma ambiguidade: "eu a acho mais bela do que quando jovem", se esse "jovem" está se referindo a ela ou a ele quando ele era jovem, então, por isso que eu fiquei um pouco na dúvida do que deixar, porque no texto original é realmente "eu a acho mais bela agora do que quando você era jovem" aí eu fiquei sem saber se eu deixava, se eu faria uma elipse aí desse verbo. Também teve a dúvida entre o "jamais" e o "nunca" na frase que segue ainda a fala do senhor, porque "jamais" e "nunca" realmente, então... Preferi deixar o "jamais" por se aproximar talvez mais do texto original. Aí tem a questão do "maravilhosa", por isso que sempre voltei ali, porque eu não fiquei satisfeito muito com isso. "É a que me agrada". Ainda recorrendo a essa questão aí "entre todas é aquela que me agrada, que agrada de mim mesma" aí eu fiquei: "a mim mesma", "me apraz"... Então eu fiquei em dúvida na escolha do verbo e também desse complemento aí, da preposição. Espero que eu tenha mudado, porque agora está com o "h" na frente, não tem vírgula, então vamos ver o que eu vou fazer agora. É questão da revisão. Esse aqui é o final? Nossa, pensei que eu tinha resolvido essas coisas, engraçado. Que horrível.

P08 (00:01:55)

Então, quando eu comecei, eu tentei traduzir por mim mesmo essa parte aí. Só que quando chegou no "hall", que é uma palavra estrangeira, eu precisei ver como é que as outras traduções colocaram. E aí tinha uma aqui que falava "saguão", e eu preferi colocar "hall" mesmo, que é mais comum. Depois eu fui tentando traduzir por mim mesmo, porque eu acho que se eu ficasse olhando, naturalmente meu cérebro ia criar um mecanismo de cópia, na verdade não, eu que traduzi. Essa parte "*je vous connais depuis toujours*" achei bem difícil de traduzir, porque eu traduzi bem diferente: "te conheço há muito tempo", porque "conheço sempre, desde sempre" parece que ele viu ela só em um momento, depois de um e outro, pelo o que eu entendi aí. Essa foi bem tranquila, só o "*lorsque*", que é um negócio que eu tenho um pouco de dificuldade no francês mesmo, mas olhando as traduções deu para perceber. E a outra parte que é a que ele acha ela mais bonita agora do que antes também foi tranquilo. Só a palavra "devastado" que eu achei que para gente fica tão forte, não é? Se você olhar para o rosto de uma pessoa idosa e falar que está com o rosto devastado... Então eu acho que hesitei um pouco para colocar isso, mas também não achei um sinônimo interessante e as outras traduções colocaram, aí eu coloquei também. A outra parte, essa parte final, é mais poética, então foi um pouco mais complicado para poder perceber: "*je pense souvent à cette image que je suis seule à voir encore et dont je n'ai jamais parlé*". Aí eu precisei olhar mais para as traduções nesse momento, porque eu precisava de mais tempo, sei lá, para poder perceber melhor isso. Depois foi tranquilo. Depois teve a repetição "*où je me reconnais, où je m'enchanté*", eu também tentei não repetir, depois eu percebi que eu tinha repetido, mas eu tentei não repetir o "onde" sempre e colocar uma estrutura que corresponde: "em que". É, eu

achei tranquilo a introdução, a primeira parte mais fácil e a segunda foi mais poética, então eu achei um pouco mais complicado. Aí eu fiz uma correção aqui pronominal. Aí eu não sei se está certo, talvez o certo seria se eu não tivesse mexido. Eu achei que ficou mais sonoro "ele se apresentou e disse". É isso. Mudei o "já devastado", porque o "devastado" é uma palavra complicada, aí se você colocar "já devastado" ameniza. "Penso frequentemente nessa cena que só eu vejo e nunca falei", essa parte, "nunca falei", as traduções colocaram "nunca falei a ninguém", mas eu preferi colocar só "eu nunca falei", talvez pudesse também "eu nunca mencionei", porque se nunca falou a ninguém é porque nunca falou. Falar sozinho é a mesma coisa que falar nada. Aquela parte do "onde" eu alterei e a palavra "*enchante*" também. Eu queria poder pensar em uma palavra melhor do que "encanto". Para a nossa língua, "encanto" é uma palavra ainda muito não lugar comum, não muito comum, e colocar uma palavra que seja é igualmente forte, mas irreconhecível. Acabou que não deu também.

P09 (00:04:33)

Eu estava lendo. Isso. Eu comecei a ler a primeira frase depois eu comecei a confrontar com as traduções. Depois que eu confrontei com as duas traduções eu voltei para o texto original e comecei a traduzir. Agora que eu vi que eu escrevi errado. Porque eu parei nessa parte? Eu estava confrontando com as duas traduções. Vendo aqui o que eu achava melhor. talvez propondo uma nova leitura. Aqui nesse trecho eu não segui nenhuma das traduções aí eu li a frase seguinte e a minha interpretação coincidiu com os dois textos. Eu li o trecho até "*lorsque vous étiez jeune*", depois confrontei com os dois textos, com as duas traduções e selecionei a tradução com a qual eu mais concordava, mais próximo da minha leitura. Acho que eu mudei um pouco também com relação aos dois textos. Nessa parte eu fiquei lendo e na parte do "*pour moi*" eu fiquei em dúvida de como traduzir, se eu deveria acompanhar as traduções. Eu até pensei em colocar "na minha opinião" no "*pour moi*", mas aí eu não sabia se eu podia fugir muito das traduções propostas, aí eu segui primeiro essa da direita que ele coloca "por mim" aí eu continuei traduzindo, mas aí depois eu reformulei, porque eu ainda achei que não tinha ficado muito bom aí eu segui a que ele fala "para mim", aí eu reformulei essa parte. Aqui, eu estava justamente pensando nisso. Nessa parte eu estava relendo o texto original e depois relendo as duas traduções. É, eu estava confrontando. Eu não sei se era, acho que era para confrontar mesmo. Era para consultar as duas traduções ou eu devia fazer só a minha tradução? O meu procedimento foi esse. Eu lia um trecho do original, fazia a minha leitura e depois confrontava com as duas traduções e depois geralmente eu batia o olho e de cara já achava uma melhor do que a outra a às vezes nem olhava direito a outra ou talvez um texto menos óbvio que eu achava a tradução um pouco mais difícil eu voltava no trecho original e repensava. Aí voltava nas traduções, como essa parte do "*j'aimais moins votre visage de jeune femme*" para frente, que eu achei um pouco mais complicado a estrutura. E depois essa parte eu também achei um pouco mais complicada. Eu fiquei na dúvida se eu colocava o "ainda" antes ou depois do verbo. Aí eu consultei essa tradução da direita. Acho que nessa parte eu não sei se eu fiz a minha tradução e não olhei a das outras, acho que eu consultei a tradução da direita. É, eu acho que pelo o que eu estou percebendo ora eu ia mais por uma tradução, a minha leitura batia mais com uma tradução, por ora batia mais com a tradução da esquerda e às vezes com nenhuma das duas. Aí, depois foi só revisão e perdi. Não, foi de digitação. Não, a minha digitação é uma porcaria. Eu nem vi que eu tinha colocado com "n", não, foi digitação mesmo. E nessa hora eu estava olhando mais para a minha tradução para ver se o texto ficou com sentindo, com a estrutura meio truncada, esquisita. Ah, lá eu estou. Estava revisando a estrutura, se ficou de acordo com o português. Acho que eu voltei um pouquinho no original e no meu texto. Talvez tenha voltado um pouco nas duas traduções, fiquei mais no meu texto e no original.

P10 (00:06:11)

Antes eu li e comecei a comparar os limites. Quando a gente tem as traduções em português fica mais difícil, por exemplo, de você retraduzir, porque aí você começa querendo ou não a comparar o que você está fazendo e pensar porque o cara fez daquele jeito e aí eu comecei a comparar mais a tradução da direita, porque eu achei que ela estava mais de acordo com o texto. Só que tinha alguns termos que eu não achava que estavam adequados aí eu comparava com a da esquerda e depois checava lá em cima. Depois eu vi que a citação que tinha estava incompleta e aí eu fui e consertei. Aí eu já parti do texto original, porque eu achei que as duas traduções não estavam boas, aí eu tive que consertar. Acho que foi isso, e também o teclado, tinha hora que eu teclava "i", "e" ao invés de "e", "i" acho que foi por causa do teclado.

P11 (00:09:00)

"Um dia já estava bem mais velho" eu não tinha visto, eu pensei "mim" aí eu voltei e coloquei "velho". Não foi agora, mas eu voltei e vi que era "*âgée*" com dois "e" aí eu vi que é feminino e troquei para "saguão", porque na minha cabeça "hall" era um tipo de corredor, aí "saguão", eu fiquei na dúvida e me baseei na outra. Acho que uma das traduções, acho que nas duas. "O homem veio na minha direção", ele já se aproximava, mas para mim "vir" é "ele veio na minha direção", "*vers moi*". "Ele se apresentou", "*il s'est fait connaître*". Eu não pensei "ele se fez conhecer", "ele se apresentou" é a melhor opção. "Eu a conheço já há um bom tempo", se fosse traduzir literalmente, seria "eu te conheço desde sempre", mas em português ficaria muito estranho. Eu coloquei "já há um bom tempo", porque já tem essa ideia de bom tempo que ele a conhece. "Todo mundo diz que a senhora era bela quando jovem", no francês a gente é obrigado a repetir o pronome, mas em português nós não somos obrigados, o português aceita essa omissão então eu deixei "quando jovem". "Eu vim para lhe dizer que a considero mais bela agora do que quando era jovem, eu amava seu rosto de mulher jovem" aqui eu acho que não ficou boa, depois que eu vi. Eu tentei ser fiel ao texto. Em "*j'aimais votre visage de jeune femme*" aí eu coloquei "de mulher jovem do que esse que você tem agora devastado" eu deixei "de mulher jovem" e o "devastado" eu fiquei na dúvida, aí conferi nas traduções para ver se era devastado mesmo, porque eu achei que tinha outro termo, "devastado" no sentido figurado. "Penso com frequência, frequentemente" coloquei "com frequência", mas foi a primeira coisa que me veio na cabeça. "Penso com frequência nessa imagem que sozinho ainda vejo": tive dificuldade nessa parte aí eu conferi nas duas traduções, acabei que eu deixei "sozinho" que foi a primeira opção quando eu pensei em "*seule*", aí eu coloquei sozinho "nessa imagem que sozinho ainda vejo e da qual eu jamais falei". Eu vi o "*dont*" e já pensei "da qual", que é o nosso correspondente mais fiel. "Ela está sempre lá no mesmo silêncio, fascinante". Aqui, eu fiquei em dúvida, aí eu optei pela tradução da direita, porque "*émerveillante*", "maravilha", esse não é um adjetivo, que produz maravilhas, assim. Não tem uma correspondência evidente no português, aí optei pelo "fascinante". "Entre todas a que me agrada em relação a mim mesmo" eu coloquei por causa desse "*moi-même*", achei que tinha que ter esse "eu", "eu mesmo" eu tentei ser fiel ao texto. "Entre todas a que me agrada de mim mesmo" eu achei que ia ficar muito estranho. "Em relação a mim mesmo" foi a primeira opção que me veio à cabeça. "Aquela na qual me reconheço, na qual eu me encanto", eu não coloquei o "onde", porque em português não soaria bem. Tem que ser o "na qual", "aquela na qual eu me reconheço, na qual eu me encanto". No mais, foi isso.

APÊNDICE B: Protocolo verbal guiado

O que você achou da tarefa de traduzir um texto que já estava traduzido?

P01: É muito mais fácil. Porque mesmo que na hora da tradução eu não tenha olhado tanto para a tradução, o fato de eu já ter lido antes, já me facilitou bastante. É aquilo que eu falei, você vai interiorizando algumas palavras.

P02: É bom porque tem umas bases para olhar, mas ao mesmo tempo você acaba ficando meio preso, por exemplo: “ai, falou ‘saguão’ no outro, será que eu coloco saguão?” (EU: você achou meio confuso?) Não, tem vantagens e desvantagens. Mas eu acho que é sempre vantajoso você poder ter, porque acaba que você vai fazer melhor, tentar pelo menos.

P03: Então, é mais difícil ainda, porque você fica assim, eu tenho que fazer melhor do que as outras duas, mas na verdade a gente pode pegar o que tem de bom nas duas, não é? E levar para sua. (EU: mas você acha que te ajudou elas estarem presentes?) Sim, me ajudou. Eu fico imaginando que esse programa ajuda muito, coloca tudo em uma tela. Todo tradutor tem acesso a um programa assim? (EU: não necessariamente, a tela foi configurada assim para a pesquisa) Pois é, porque eu fico pensando que, por exemplo, tem uma tradução já feita. Não sei se o tradutor vai pegar trecho por trecho e analisar assim. Essa tela ajuda muito.

P04: Acho válida para alguma comparação, de como que a gente pode adaptar a estrutura sintática, vocabulário, expressão idiomática. Eu acho que eu me senti mais segura também tendo outras duas traduções com as quais eu podia ter uma base. Bom, o fato de ela já estar traduzida não quer dizer que já era uma coisa definitiva, então achei válido fazer uma nova tradução. Eu acho que tradução é muito de ponto de vista pessoal, talvez. Eu achei válido porque talvez isso leve a uma melhoria.

P05: Por um lado facilita, porque eu acho que fica mais rápido fazer a tradução. Por exemplo, quando eu tenho que traduzir alguma coisa rápido, eu jogo no google tradutor e ele me ajuda a fazer a tarefa mais rápido. Mas, por outro lado, às vezes você não gosta daquela opção que está ali e você não tem um dicionário, te limita. Por exemplo, eu fiquei com vontade de ver sinônimos de “*émerveillante*”. Queria ter olhado, assim, deu vontade de pesquisar outros sinônimos, que talvez se encaixassem melhor. Mas tem esse benefício. Mas acaba que às vezes você se apoia muito e não necessariamente a tradução que foi feita é necessariamente boa. Principalmente se for do google tradutor. Tem trechos que ficam até muito bons. Mas, então, mas é interessante. É bom para agilizar, para agilizar ajuda bastante. Já fiz muita tradução usando, inclusive do francês, usando o google tradutor, como um apoio.

P06: De uma certa forma tem como recorrer, acho que o fato de poder recorrer a uma tradução já feita te deixa mais tranquilo em um determinado aspecto, mas por outro lado eu acho que determina algumas coisas. As traduções influenciam muito na tradução que eu fiz. Certamente se esse texto não tivesse sido traduzido eu teria feito outras escolhas.

P07: Então, eu acho que quando a gente traduz um texto que já está traduzido eu acho que o tradutor vai procurar essas traduções que já existem. Então, consultando as duas, acaba que eu acho que em algumas passagens a gente acaba tendo algumas ideias, mas a gente acaba se influenciando pelas outras traduções, ainda mais sendo duas. A gente acaba comparando com as duas, com a sua, e então eu acho que é mais isso: essa questão de influenciar uma tradução na outra.

P08: Posso falar das minhas experiências mesmo? Bom, na verdade é uma coisa que eu faço constantemente, porque no latim, a minha habilitação é no latim, então a gente sempre tem texto para traduzir e quando o texto está muito poético, muito complicado, com estruturas muito complexas, às vezes o verbo está lá no final do verso, da estrofe, o sujeito no início, aí os professores aconselham que a gente olhe antes uma tradução primeiro para entender o que está se passando e depois tentar colocar uma tradução com o que a gente mesmo percebeu. Isso nas partes mais difíceis. Então, eu nunca traduzi nada do francês assim. Do francês eu já traduzi na monografia, mas foi uma citação, não era uma coisa que tinha que ficar bonita. É isso.

P09: Ao mesmo tempo que tirou um pouco a minha liberdade, eu acho que é um procedimento normal, mas como os dois textos estavam ali eu achei que eu tinha a obrigação de consultar os dois textos e por vezes eu concordava com a leitura do texto, às vezes, bom, em todos os aspectos a leitura foi a mesma, ou parecida. Sim, acho que elas me ajudaram. Acho que foi uma escolha a mais, de talvez seleção lexical. Às vezes não concordava muito para traduzir uma expressão, às vezes eu acho que não ficou muito bem em português, por exemplo, na segunda tradução ele fala "eu já tinha bastante idade" e eu acho que talvez na linguagem da literatura dê para passar, mas eu acho que não ficou muito com uma estrutura estranha em português. É porque eu acho que ela tentou ficar muito literal, que literalmente no francês ele usa "eu já era bastante avançado em idade", alguma coisa assim. Eu até pensei em traduzir assim, só que eu não traduzi assim para seguir mais a linha das duas traduções.

P10: É mais difícil, porque eu tenho que comparar e quando a sua é a primeira tradução você tenta observar o contexto original, e as ideias originais. Quando você tem tradução do português, que já tem tradução do português, que já é a sua língua, aí além de você já fazer isso do original para esse, você tenta pensar em como que a pessoa, o tradutor, também estava pensando, aí dá mais trabalho.

P11: Eu achei fácil, porque eu tentei traduzir por mim mesmo. Não tentei ler o texto, basear no texto, mas tinha coisas assim que a gente tinha que olhar, tinha palavras que eu fiquei na dúvida se tinha o mesmo sentido em francês, em português, o sentido que tem em francês, o "*dévasté*", falei assim, será que coloca que tem um rosto "devastado"? Fiquei na dúvida, aí eu conferi, esse também: "*émervillante*". Tive que olhar no "maravilhosa", aí eu optei por "fascinante", achei mais interessante, porque "*émerveillante*" dá a impressão de que é um verbo, alguma coisa que causa maravilha, ou seja, alguma coisa que fascina, causa maravilha. Para mim, eu achei fácil, mas teve partes que eu tive que checar nos dois textos. Eu tentei me ater mais ao em francês.

O que você achou da disposição dos textos na tela do computador?

P01: Achei legal. O original em cima e as duas traduções lado a lado, sem uma hierarquia. Sem ser uma sobre a outra. O que está sobre é o texto original.

P02: Engraçado, eu achei meio ruim, porque eu gostei mais do da direita (T2), e eu queria que ele estivesse na esquerda, porque eu acho que eu tendo a olhar mais para a esquerda. Mas fora isso tudo bem.

P03: Ficou ótima.

P04: Eu preferiria se a minha janela de digitar estivesse na direita e as duas outras traduções estivessem na esquerda. Mas eu acho que se fosse assim eu teria olhado antes para as traduções já feitas ao invés de fazer a minha antes. Mas está bom. Não, na verdade se o texto original estivesse na esquerda acho que seria melhor. (EU: você saberia explicar por que?) Porque ficaria mais fácil de ler, eu acho. Essa coisa na horizontal lá em cima está bem mais cansativa porque eu tenho que ficar correndo o olho na tela inteira e aqui se ele estivesse curtinho aqui na horizontal, com a horizontal mais curtinha, seria bem mais confortável de ler.

P05: Achei bom. Achei que ficou bem. Deu para visualizar bem. Separando duas traduções, que você vai consultando de um lado e do outro, sem misturar. Achei tranquilo. Não me incomodou em nada não.

P06: Eu achei interessante. Acho que foi bem neutro. Acho que o fato de o texto original estar em cima e ter as duas ali para balancear de certa forma a minha que está no meio.

P07: Então, eu achei interessante, porque coloca a pessoa realmente no centro, então eu acho que dá espaço para eu comparar ao mesmo tempo as duas traduções, a que está na esquerda e a que está na direita com o texto original, as duas entre si, então achei que foi bom assim.

P08: Eu achei bem tranquilo, bem mais fácil do que quando eu faço normalmente. Porque está em livros diferentes, então é só virar o olho que já está ali para ser consultado, achei muito tranquilo. E coloca em pé as duas traduções em baixo, em pé de igualdade, e o texto original em cima. Acho que se colocasse o texto original de uns dos lados aqui e uma das traduções em cima aí ficaria ruim.

P09: Não achei agradável, não. Eu acho que é porque são três textos aí, são muitas informações, mas eu acho que a disposição está boa. O original em cima e a tradução de um lado e de outro.

P10: É bom para comparar, achei boa. Só que te faz ficar observando o tempo todo, todos. E aí eu acho que é legal quando você vai fazer esse trabalho de comparação. Se tive menos liberdade eu não sei, mas que eu fiquei mais presa e que meu olho ficava fazendo um círculo, quase, eu acho que sim.

P11: Achei tranquilo, porque às vezes confunde um pouquinho, mas eu acho que não é porque são três textos que você consulta. Isso é lógico em qualquer disposição isso acontecer. Eu gostei demais, porque o texto a ser traduzido estava em cima, então era mais fácil de olhar e os outros estavam do lado. Você só consultava em caso de necessidade mesmo. O que você tinha que traduzir está em cima, está evidente então você tem que olhar. Fica mais fácil de olhar. Agora os outros como você não checa tanto, só em caso de dúvida, aí você olha um ou outro. Como é dois, aí tem que dividir a atenção para os dois, às vezes fica difícil, mas foi tranquilo. Eu gostei da disposição.

Você detectou problemas nas traduções publicadas?

P01: Não analisei minuciosamente para saber. Creio que toda tradução tem problema e que isso não seja necessariamente negativo, mas são pontos de vista. Uma coisa que eu fiz e que nas traduções não tem... A tradução 2, por exemplo, traduziu por “você”: “todo mundo diz que *você* era bonita quando jovem”, e no francês está “*vous*”. Não sei se seria um problema, está mais formal, mas acho que cabe “você” também. Acho que não seria um problema não.

P02: Não lembro. Ah, não. Só esse "lá" que eu achei que não precisava ter. É. E tem a ortografia errada na "frequência", mas pode ser que é velho. Não, acho que não tem nenhum erro não, mas também eu não fiquei procurando.

P03: Não sei se eu poderia dizer 'problema' mas, por exemplo, "eu já tinha bastante idade", eu não gostei. "Um dia, eu já tinha bastante idade". Achei isso muito esquisito. Então por isso que eu optei pelo "já na minha velhice", porque já fica melhor. Porque esse, ele traduziu bem literal, o primeiro texto, o da esquerda (T2). E aí eu não gostei. E o pronome, "eu a conheço". Ele está falando com quem? Eu achei que ele estava falando com ela, por isso que eu pus "eu te conheço há muito tempo. Todo mundo diz que você era bonita". Eu acho que os pronomes nas duas traduções foram usados erroneamente.

P04: Sim. Agora eu não vou lembrar, vou ter que ler de novo. Essa expressão "*depuis toujours*", a tradução da direita traduziu como "eu a conheço desde sempre". Tudo bem que isso é literal, mas eu acho esquisito, eu acho que não foi a melhor escolha. Porque eu acho que a pessoa do original quis dizer que ela conhece há muito tempo. A gente não usa muito "desde sempre", eu acho. Deixa eu ver o quê mais. Acho que foi só. É o que eu estou lembrando agora. (EU: você comentou da questão do "devastado"...). Eu não achei interessante, mas eu não consegui achar outra coisa. Eu não usaria de novo, se eu tivesse mais tempo, eu pesquisaria uma palavra melhor.

P05: Problemas, problemas graves, não. São boas traduções. Eu acho que é mais uma questão de estilo mesmo, de como tratar o texto. Porque tem as teorias de como que você deve traduzir. E, na verdade, eu me baseei muito naquela disciplina lá que eu fiz com a Juliana. De tentar manter a estrutura da língua, não simplesmente transpor o texto para o português como se ele fosse escrito em português. Ele não foi escrito em português. Ele foi escrito em francês. Então, uma coisa, por exemplo, essa inversão que ele fez aqui, "um homem se aproximou de mim no saguão de um lugar público", isso é muito do português. Manter a vírgula, às vezes, dá uma travada na leitura, mas eu acho que isso não é negativo para a leitura. Acho que manter o estranhamento também é uma coisa boa no texto. Eu achei que esse da direita tentou, ele tentou em alguns trechos trazer demais para o português. Mas não vi nenhuma tradução bizarra, nada que eu pelo menos identificasse.

P06: Problema? Eu não sei se eu diria que é um problema, mas são escolhas questionáveis tanto é que eu fiz uma outra coisa diferente da delas.

P07: Não problemas. Eu acho que talvez eu acho que teve uma divergência na última frase no texto original, que começa com "*c'est entre toutes celle qui me plaît de moi-même*", teve uma divergência de interpretação, eu acho, dos dois tradutores. Um diz "entre todas a que me faz gostar de mim", enquanto o outro diz "entre todas as imagens de mim mesma, é a que me agrada" como se então uma delas fizesse a narradora ou a voz gostar de si enquanto a outra coloca em um nível superior, em uma escala assim de é "ah, é o que eu mais gosto", mas não necessariamente que faz gostar de ela mesma.

P08: Não. Se tem eu não percebi.

P09: É, tem alguns, por exemplo, esse começo aqui "eu já tinha bastante idade", eu não gostei muito dessa solução para "*j'étais âgée déjà*". Essa expressão "*je vous connais depuis toujours*" eu mesma confesso que fiquei em dúvida se a tradução mais adequada seria "eu a conheço desde sempre" ou "já há muito, muito tempo" e aí eu acabei preferindo "já há muito tempo".

Eu acho que de interpretação as duas não se afastam muito. Não há uma divergência muito grande. Eu acho que é mais seleção lexical, algumas expressões ficaram melhores do que outras.

P10: Problemas? Ué, não, acho que não. Vai da forma que a pessoa traduz para ela, mas eu não sei se eu vi problemas. Deixa eu ver, acho que não.

P11: Olha, por exemplo, esse "*émérvaillante*", eu não achei que o "maravilhosa", na tradução da esquerda [T1], seria uma boa tradução para "*émérvaillante*". Eu acho que foi só. Eu não prestei muita atenção nas traduções, não. Só em caso de dúvida. Mas esse "maravilhosa" eu achei que não coube no "*émérveillante*", dá uma ideia de ação. "Fascinante" dá essa ideia do que a imagem causa, um encanto, seduz alguém, mas no "maravilhosa" isso não fica evidente. Eu acho que é só.

Você sentiu confiança nas traduções publicadas?

P01: Sim, senti.

P02: Não sei! (risos) Eu acho que eu nunca sinto confiança em tradução nenhuma não, ainda mais quando tem um original para eu olhar. (EU: nem na sua?) Nem na minha, sinceramente!

P03: Em algumas partes sim, noutras não. Por exemplo, o pronome, ele desde a primeira leitura eu falei assim, não, tem que trocar, porque isso aqui está errado. Mas as questões de vocabulário, eu senti confiança sim. Tanto que eu usei o "fascinante" da tradução, porque eu achei melhor.

P04: Não, não muito. Porque me pareceu que era coisa traduzida. Não me pareceu que tinha sido um brasileiro que escreveu. Para mim, está bem claro que é uma coisa que foi traduzida. Não está fluido para mim, as duas.

P05: Sim. Senti confiança, sim.

P06: Uma foi publicada e outra não, né? As duas foram? Ah, sim, eu percebi que outra era mais antiga que a outra. Então, eu tinha pensado. Isso me veio claro assim quando eu li, mas eu tinha pensado que essa da esquerda era mais antiga e a da direita mais recente. Só que agora eu estou repensando aqui. Não sei qual poderia ser mais antiga e a mais nova. Eu acho que essa coisa de "já na minha velhice", "em sua juventude" e aqui na outra está diferente "já tinha bastante idade", "mais bonita quando jovem". Estou sentindo confiança, mas estou tentando entender qual é a mais antiga e qual é a mais nova. Eu acho que essas palavras "velhice" e "juventude" são escolhas mais antigas, de outro tempo. Ah. Não sei.

P07: Eu senti mais na da esquerda [T1]. A da direita eu achei que ficou interessante, mas eu acho que o tradutor mudou muito a pontuação e eu acho que o ritmo do texto original ficou um pouco comprometido.

P08: Senti. Senti sim. Eu usei como base mesmo.

P09: Sim. Eu senti confiança. Até porque elas não estavam tão diferentes assim.

P10: Eu acho que eu senti mais confiança na da direita [T1] que na da esquerda [T2]. Não awi porque, mas eu acho que ela se aproximou mais do que eu pensei, do que eu interpretei do original.

P11: Sim, não foi tanta confiança... Talvez eu tenha em mente que uma tradução é como se fosse um ponto de vista de alguém. Não tem uma tradução perfeita. É a forma que cada tradutor procurou uma equivalência para o trecho que ia ser traduzido. Um pouco de confiança, sim. Senti confiança, mas não 100%, uns 90%.

Em que partes do texto original as traduções já publicadas te ajudaram a elaborar uma tradução melhor?

P01: Eu comentei, então, foi principalmente no “*émervillante*”, em que eu estava procurando um particípio presente, que seria para a gente a palavra “maravilhosa”, mas aí eu coloquei o “fascinante”: tira o “maravilhoso” mas mantém o particípio presente, o outro mantém o “maravilhoso” mas tira o particípio presente. E a “*qui me plaît de moi-même*” também. Essas duas principalmente.

P02: Espera aí que eu tenho que pensar. A da esquerda (T1) não me ajudou em nada. Eu nem olhei muito para ela, porque ela estava rebuscada demais. Ah, então, esse “ninguém” me ajudou, porque eu achei que foi útil explicitar ele. O “bastante idade” também me ajudou, porque eu estava muito perdida de como é que eu ia falar que a pessoa era velha, eu pensei em falar “já era uma senhora”, mas parecia muito esquisito. Não sei se a pessoa mesmo falaria “eu já era uma senhora”. É, eu acho que foi isso. E também teve umas partes que eu achei que eles poderiam ter sido mais de acordo com o original, e que aí eu mudei.

P03: Em “rosto de moça”. Também gostei muito. Porque ele pôs assim “gosto muito de seu rosto de moça”. Me ajudou também, porque se eu não tivesse lido, eu tinha colocado “seu rosto jovem”. Mas eu acho que o “rosto de moça” fica melhor mesmo em português. Em português mineiro.

P04: Nessa parte que eu tive dúvida. Deixa eu lembrar qual é. Esse “*dans le même silence*”. Mas é aquele negócio, não sei se elas me ajudaram, mas pelo menos eu me senti menos burra. Porque eu também não sabia traduzir isso, então eu traduzi do mesmo jeito que elas. Mas alguma que me ajudou a melhorar foi essa da esquerda (T1), quando eu li “eu a conheço há muito, muito tempo” eu fiquei mais segura de colocar o meu “há bastante tempo”. E a da direita “eu a conheço desde sempre” me fez me sentir mais segura do que eu escolhi também, porque eu vi que se eu tivesse colocado “desde sempre” teria ficado ruim. Elas me ajudaram muito nessa parte “*cette image que je suis seule à voir*”, porque eu estava assim, eu não estava entendendo muito bem o quê que o original queria dizer: “que eu fui o único a ver”. Agora está bem claro para mim, mas eu tive que ler nas traduções para ficar mais claro para mim. Porque na minha cabeça estava alguma coisa como “que eu sou o sozinho a ver”. Alguma coisa assim. É, mas agora ficou mais claro. Mas elas me ajudaram. As duas.

P05: Principalmente naquela frase mais difícil que é essa “*je pense souvent à cette image que je suis seule*”. Eu só consegui começar na tradução quando eu li as duas. Minha dificuldade foi o “*seule*” que, quando eu li primeiro o “*je suis seule*”, eu pensei assim “eu sou sozinha”. Foi a primeira interpretação que veio na minha cabeça. E o “*encore*” também, eu fiquei sem saber onde que ele entrava. Uma das traduções colocou “que só eu ainda vejo”. Depois, quando você lê de novo, você vê que esse “ainda” depois fica estranho para o português. Se

fizer uma tradução *mot à mot* fica muito estranho. Porque você tem as sentenças encaixadas aí: "*je pense souvent à cette image que*" e depois tem o "*et dont*". No final também, apesar de eu não ter concordado com as duas, "na qual me reconheço, a que me encanta", "com ela me encanto", mas eu acho que é bom ver essas outras opções para você pensar em uma outra que reflete melhor o que eu entendi do texto. Acho que foi mais essas duas. As outras também, todos os trechos eu li as duas. E ajuda sim.

P06: Em quais partes? Na última frase assim ajudou muito, eu acho. Porque o "*celle qui me plaît de moi-même*" a gente teria várias opções e essa eu recorri às duas. Para traduzir esse "*plaisir*", que o termo sugere. Acho que durante todo o texto eu recorri às duas, mas não sei exatamente apontar agora assim qual que foi.

P07: Melhor? Eu acho que talvez na fala do homem, porque em relação a qual pronome de tratamento usar, qual registro de linguagem, se mantém uma coisa mais formal ou mais informal. Mesmo tendo o "*vous*" eu fiquei um pouco na dúvida. As duas me ajudaram nisso e também me ajudaram no que sucede essa fala do homem exatamente pela complexidade da construção da Duras que realmente causou um certo estranhamento. Eu acho que vendo as duas e comparando com o que eu pensei eu acho que me ajudou a chegar em uma conclusão, qual seria melhor ou não, melhor escolha ou não.

P08: Na parte final. Na parte do "*je pense souvent*". A partir dessa parte eu acho que eu precisei mais das traduções feitas já.

P09: Acho que nesse trecho que eu falei que tive um pouco de dificuldade "*j'aimais moins votre visage de jeune femme que celui que vous avez maintenant*", confrontar os dois textos me ajudou a propor a minha tradução. Acho que eu teria um pouco de dificuldade de traduzir sem consultar nenhuma tradução, porque essa não é uma estrutura da qual eu estou muito familiarizada. Eu tive dúvida em relação a essa frase "*je pense souvent à cette image que je suis seule à voir encore*" fiquei na dúvida de como eu encaixava o "*encore*" em relação ao verbo "*à voir*". Eu acho que eu segui mais a tradução... eu não sei qual que eu segui não.

P10: Por exemplo ali no início quando a tradução da direita fala "um homem se aproximou de mim no saguão de um lugar público", eu achei melhor essa construção do que você colocar o local primeiro, porque o local não é o importante nessa frase, mas sim a ação que o homem produziu, o local é apenas acessório. Então, achei legal da pessoa da direita ter invertido e colocado primeiro a ação e depois o lugar, aí eu gostei disso. A da esquerda eu gostei, deixa eu ver, do adjetivo para "*émervailante*" eu preferi "fascinante", achei que combinou mais com o contexto do que a da direita que escolheu "maravilhosa", porque fala da mulher, etc. As duas me ajudaram a descobrir também que é uma mulher, até eu chegar na parte da "*jeune femme*", porque até então eu não sabia que era uma mulher. Aí as duas traduções me ajudaram a descobrir, porque eu fui lendo as três ao mesmo tempo, eu não li o texto total em francês. Acho que é isso.

P11: Essa palavra "hall". Porque eu acho que inicialmente eu me influenciei pelo inglês, porque "hall" é corredor. Aí eu ia colocar corredor, mas aí eu lembrei que corredor em francês é "*couloir*", aí eu pensei, deve ter alguma coisa, alguma outra coisa, não deve ser corredor exatamente. Olhei lá e usei "saguão". Essa questão do "devastado" que eu fiquei com medo de ter outro sentido de "devastado", porque a gente não fala "rosto devastado" em português. Não é uma coisa que a gente falaria assim sempre, uma vez ou outra, mas como é um texto literário isso pode acontecer: "rosto devastado". Essa última parte do "*émervailante*" eu consultei essa "maravilhosa", "fascinante". E essa última frase eu achei ela um pouco confusa,

mas depois eu fui por parte a parte "entre todas aquela", "a imagem que me agrada", em relação a mim mesma. Eu tentei colocar com as minhas palavras essa frase, mas tem hora que eu dei uma leve conferida nas traduções.

Em que partes você precisou buscar uma nova alternativa?

P01: Por exemplo, eu traduzi para “senhora”, “a senhora era bela quando jovem” não tem em nenhum deles.

P02: Você quer dizer em que partes não tinha uma resposta nas duas? Em que momentos minhas escolhas diferiram das que já tinha? (EU: sim) Então, nesse, o "se aproximou", que eu resolvi por "alguém na minha direção". Também, não sei se é isso que você quer de resposta, mas também eu não quis colocar "apresentou-se", e coloquei "se apresentou". E o "com frequência" lá. E essa frase também, essas duas frases que eu achei difícil. Eu acho que eu usei outra solução.

P03: Nos pronomes e nessa segunda parte, "penso com frequência nessa imagem, que sou a única ainda a ver", "penso frequentemente nessa imagem que só eu ainda vejo". Então, essa parte é a mais difícil de ser traduzida. (EU: Por quê?) Porque é muito diferente em português, com relação ao francês. Português usa muito pronome. É muito difícil: "*je pense souvent à cette image que je suis seule à voir encore et dont je n'ai jamais parlé*". Mas eu busquei recurso mais na da direita (T1). (EU: porque você achou ela melhor?) Achei ela melhor.

P04: Eu acabei fazendo a mesma coisa que as duas que é "lá no mesmo silêncio". Eu não gostei da alternativa, mas eu mantive. Deixa eu ver. Mas teve vários pontos que eu não fiz nem igual à primeira, nem igual à segunda. Tipo, no "hall" por exemplo. No "hall", por exemplo, eu não sei... "saguão", eu não quis usar "saguão". Eu preferi usar "hall". E eu olhei, eu vi que nas duas elas usaram esse vocabulário. Esse "venho para lhe dizer que para mim você é mais bela hoje", eu não quis usar esse "vir", "vir para lhe dizer". Eu quis colocar alguma coisa: "e eu te digo". Porque parece que, já que está entre aspas, parece que é mais fluido falar assim: "todo mundo diz que você era bonita, e eu te digo", ao invés de dizer "todo mundo diz que você era bonita e eu venho para lhe dizer". Já que tem aspas, eu imaginei que isso fosse fala, eu imaginei alguma coisa mais coloquial.

P05: Nesse final do "me encanto". Do "deslumbrante" também, acho que eu coloquei alguma outra palavra. Teve um outro. Deixa eu ver: "nunca falei". Deixa eu ver se, como é que ele fala aqui: "nunca falei a alguém" e o outro fala "nunca falei a ninguém". Eu não coloquei esse "ninguém", nem "alguém". Eu deixei sem "nunca": "nunca falei". É. e essa coisa do "lá", também. Porque todos os dois colocaram "lá" e eu coloquei "aqui" no "*elle est toujours là*": "ela está sempre aqui". E em "eu a conheço há muito, muito tempo", eu coloquei "eu a conheço há muito tempo", só. Porque um colocou "eu a conheço desde sempre". E eu coloquei a coisa do senhora também. Todos os dois colocaram "você", não colocaram essa questão do "vous". Então eu coloquei o "senhora" e "há muito tempo", só. E não "há muito, muito tempo".

P06: (não perguntei)

P07: Na última, nessa mesma parte que eu já falei "*c'est entre toutes celle qui me plaît de moi-même*", porque eu resolvi deixar uma tradução mais literal, mas que, ao mesmo tempo, o leitor, por mais que ele talvez tenha um estranhamento, eu acho que ele consegue entender e

não sem ter para mim o que eu considero esse desvio igual na tradução da direita que ele diz "entre todas as imagens de mim mesma é a que me agrada". Então, acho que tentei. Aqui e também ainda na frase anterior: eu acho que do "*encore*" e esse "*dont je n'ai jamais parlé*", porque um tradutor, na tradução da esquerda, escolheu "a qual jamais falei a ninguém" enquanto o da direita "não mencionei a ninguém", mas em nenhum momento ela fala de falar a alguém. Então, eu pensei mais em uma questão da qual eu realmente nunca falei, jamais falei, porque pode ser só o fato de externalizar, eu acho que ela não coloca nenhum interlocutor, então eu resolvi não colocar nenhum interlocutor nessa proposição dela. Como depois eu reconheci o estilo da Duras, então eu pensei assim, eu falei, se estaria adequado, mas foi por isso também que eu não achei adequado e que logo depois que veio de novo a tradução já feita eu não gostei, então eu acho que manteria "*j'étais âgée*". É difícil, não sei o que eu colocaria, não. Mas pensando, eu não colocaria "velha" porque eu acho que no original poderia colocar "*j'étais vieille déjà*" acho que o "velho" talvez tenha uma conotação um pouco pejorativa, mas eu pensei no "já estava velha" porque depois ela coloca "esse rosto agora devastado", então eu fiz essa. Talvez eu acho que tenha sido isso, mas ainda assim eu titubeei um pouco se eu deixava esse "já estava velho".

P08: Em "*un homme est venu vers moi*" por exemplo. Eu acho que coloquei alguma coisa diferente. Eu tentei usar a estrutura que está no francês, porque aqui para gente não é irreconhecível, "ele veio até mim", ao invés de "ele se aproximou de mim". No "*je vous connais depuis toujours*", essa parte mesmo nas traduções eu preferi colocar como eu entendi mesmo a frase e não usar as mesmas estruturas que estavam nas traduções. Acho que é isso.

P09: A última frase eu segui mais a minha. Eu li as duas, mas propus uma diferente. E acho que no começo também tinha: "*un homme est venu vers moi*". Eu coloquei "um homem veio até mim" e eu acho que as duas colocaram coisas diferentes "se aproximou de mim no saguão". É, essa parte está um pouco diferente do original, não ficou literal a da tradução da direita e eu acho que eu segui mais o que está no original. É no começo: "*un jour j'étais déjà, dans le hall d'un lieu public*", a tradução da direita ela mudou um pouco a estrutura e a minha tradução eu fui mais ao pé da letra, mais seguindo a ordem do original que eu acho que é mais o caso da tradução da direita. A esquerda fugiu mais, embora não mudou a informação. Nas duas traduções existe uma tradução que não é literal, algumas vezes sim, outras vezes não, mas eu também fiz isso. Mas no caso das duas são as mesmas interpretações, se não me escapou acho que eu não vi nenhuma leitura completamente diferente da outra.

P10: Ali. Como era uma fala e estava entre aspas eu achei que eu deveria mudar os pronomes. As duas colocaram "eu a conheço há muito tempo", "eu a conheço desde sempre", só que a gente não costuma produzir isso na fala, e aí eu achei que é melhor para o leitor que fosse ler isso, uma ideia de proximidade, de fala maior, se eu colocasse "eu te conheço". Então, por isso eu coloquei e não usei nenhuma das duas e ali também no "venho lhe dizer" e "vim dizer-lhe", como era uma fala eu não imaginei que as pessoas usariam esse tipo de pronome. Então eu optei usar "eu vim" na verdade eu mudaria agora e colocaria "eu vim para te dizer", mas "eu vim para te dizer que te acho" para trazer mais próximo da fala.

P11: Eu busquei muitas alternativas. Eu não faço muitas, mas algumas alternativas eu prestei muita atenção no texto original e então traduzi. Está uma tradução meio literal. Como eu não conhecia o texto então fiquei muito assim no literal. Por exemplo, foi uma alternativa, não que eu precisei buscar, mas foi a primeira coisa que me veio à cabeça, nesse "em relação a mim mesmo" que nenhum dos textos usou. Deixa eu ver. Isso aqui, como eu traduzi meio

literalmente, o "rosto de mulher jovem", eu acho que nenhum dos tradutores traduziu literalmente. Eles pensaram, eles elaboraram uma outra coisa. Acho que foi mais isso.

Qual das duas traduções você utilizou mais?

P01: Não saberia dizer. Acho que fui influenciado igualmente pelas duas, mas se a gente analisar as duas, vai estar bem mais parecido com alguma delas, mas não sei qual. (EU: então não foi consciente?) Não, não sei qual foi a que eu usei mais não.

P02: A da direita. (EU: por quê?) Porque eu achei a da esquerda muito rebuscada.

P03: A segunda, a da direita (T1). (EU: e você tem consciência do porquê?) Porque eu achei ela melhor. Mas, muito consciência eu não sei não.

P04: Provavelmente a da esquerda. (EU: você não tem certeza?) Não, não tenho certeza mas eu tendo a dizer que foi a da esquerda. Eu acho que eu prefiro a da esquerda. (EU: Por quê?) Porque eu não sei, porque agora está me parecendo estranha. Porque, não sei, ela parece mais fiável, talvez, não sei.

P05: Eu acho que foi a da direita. É difícil dizer porque. Por exemplo, no início eu usei mais a da esquerda [T2] porque eu coloquei "idade", "bastante idade" e não "velhice". Mas a de cá, talvez tenha sido na verdade a da esquerda. Porque a de cá já trocou de lugar. "Apresentou-se e disse", está igual. "Eu a conheço desde sempre", o outro "eu a conheço há muito". Aí eu peguei mais o de cá. Depois "todo mundo disse que você era bonita quando jovem". Eu acho que eu usei mais na verdade a da esquerda. Que eu usei o "bonita", não usei o "bela". "Mais bonita do que quando jovem". É, na verdade eu coloquei o "quando jovem" também, para evitar colocar o pronome. Em "do que desse de hoje, devastado" eu peguei mais o da direita. Mas eu acho que, no total, na soma, "penso muito nessa imagem que só eu ainda vejo", "penso com frequência"... Esse negócio do "frequência" também eu não coloquei, eu coloquei "muito", "penso muito", em que é o "*souvent*", "*je pense souvent*". É uma estrutura mais curta. "Eu penso com frequência" é muito longo. "Ela está sempre aqui no mesmo silêncio". Aí aqui também eu modifiquei um pouco dos dois, "ela continua lá no mesmo silêncio, fascinante". "É entre todas as imagens". "É, entre todas.". Eu coloquei vírgulas aí. "É a que me faz gostar de mim". "É, entre todas, a que me faz gostar de mim, na qual me reconheço". Aí eu peguei mais próximo da direita [T1]. É, não sei dizer exatamente. Eu olhei bastante para as duas. Mais ainda acho que se fosse pesar tenderia mais para a da esquerda.

P06: Acho que foi a da esquerda. Não tenho consciência do porquê. Eu acho que a mais velha é essa que eu tinha falado mesmo, a da esquerda, e a mais nova é a outra. Até porque pelo tamanho do texto. Estou tentando encontrar um termo

P07: [já havia respondido nas perguntas anteriores - a da esquerda (T1)]

P08: Eu acho que foi a da direita. Eu até pensei nisso durante o processo. Me parece que a tradução da esquerda [T2] tem umas estruturas que parece português de Portugal. Então elas são menos reconhecíveis. Se eu fosse publicar uma tradução, eu usaria como consulta, no caso, se fosse do latim, usaria uma tradução brasileira já, porque dá para entender, é pouco perceptível, mas dá para ver que tem algumas coisas que a gente não usa. Eu achei que tem uma estrutura que ela está como "A única ainda a ver". Esse daqui seria gerúndio, mas não é o

caso. Eu estava olhando mais para a da direita e por isso eu estava mais confiante nela. Eu não sei por quê.

P09: Eu acho que foi um pouco das duas. No começo eu me afastei da tradução da esquerda, da primeira, me aproximei mais da segunda, aí já nas frases seguintes eu me aproximei mais da primeira. Eu li o texto original e já tinha pensado em uma tradução, aí depois o que eu fiz foi isso: eu lia o texto original, pensava em uma tradução, confrontava as duas. Quando eu via que uma estava de acordo com a minha leitura eu ia mais por ela.

P10: É a da direita [T1].

P11: Eu não sei falar qual que eu usei mais, mas a que eu achei melhor. Eu usei as duas, mas eu achei a da direita [T2] um pouco melhor. Eu gostei mais de algumas palavras que ele usou, por exemplo, ao invés de usar "maravilhosa" usou "fascinante". Deixa eu ver outra. Tive impressão de que a da direita, acho que é essa questão do "fascinante" e "maravilhosa", deixa eu ver uma outra coisa. É só a diferença que eu vi entre os dois. A mais marcante foi essa.

Como você traduziu o pronome “vous”?

P01: Por “a senhora”.

P02: Traduzi como "você". (EU: foi uma coisa que te prendeu na hora de traduzir?) Não, nem pensei nisso, porque eu pensei em português e a pessoa ia falar "você" mesmo e aí não ia ter que ficar fazendo picuinha. Mas aí talvez o cara falasse "a senhora" porque ela era velha, só que não tinha muito contexto para eu saber se elealaria "senhora" ou "você" e aí eu deixei o "você" que é o mais neutro mesmo.

P03: Eu traduzi pelo "tu". (EU: e depois pelo “você”, não é?) Sim. Porque ninguém fala "todo mundo diz que tu és". Muito esquisito isso. Eu acho que esse é um texto contemporâneo. (EU: o que te faz pensar que ele é um texto contemporâneo?) Por causa do uso de “*hall d’un lieu publique*”. Não sei se no francês do século XIX eles usam a palavra "hall".

P04: Por "você". (EU: e por que você optou por traduzir "eu te conheço" e não "eu a conheço"?) Porque ele está tratando de uma segunda pessoa ali, então se eu fizesse "eu a conheço", teria que ser "*je la connais*", alguma coisa do tipo. Bom, porque é um diálogo, parece. Ele está falando com a pessoa e eu tive que usar o "te" para direcionar essa fala dele para a pessoa. Se fosse "eu a conheço" eu teria que ter lido "*je la connais depuis toujours*".

P05: Eu achei difícil. Eu achei que era uma questão, e eu acho que depende muito da situação. Em geral, eu acho que você não coloca o "senhora". Porque o "senhora" também tem um peso. O português não é equivalente ao francês. Eu só coloquei o "senhora" por causa do "*j’étais âgée déjà*". Por causa do "*âgée*". Porque era uma pessoa mais velha. Então eu achei que a pessoa que ia abordar, você tem que expressar essa questão da formalidade de alguma forma. Então foi isso. Foi por isso que eu coloquei, mas eu achei difícil. E depois, para não ficar repetindo "senhora, senhora, senhora", porque aí vai ficar muito estranho, aí você tem que evitar, usando outros pronomes.

P06: Eu traduzi "eu acho que *vous* é mais bonita agora do que quando você era jovem".

P07: Eu resolvi seguir os dois tradutores, então eu escolhi por "eu a conheço desde sempre" e depois "todo mundo diz que você era bela". Então, primeiro eu decidi seguir os dois e também nessa segunda frase "todo mundo diz que você era jovem" eu optei seguir, também, pela escolha do tradutor do texto da direita. Então primeiro pelo artigo "a" e depois pelo pronome "você". Talvez, eu acho que "todo mundo diz que era bela quando jovem" o "você" dá porque normalmente no português a gente nãoalaria "vós", não sei qual é a conjugação. Então, eu acho que talvez para reforçar essa interlocução eu acho que seria interessante colocar um pronome, então eu escolhi o "você".

P08: Eu coloquei "você" mesmo. Tem que explicar porquê? Eu pensei sobre isso. Se eu fosse seguir uma correspondência exata desse pronome de, como é que chama? De tratamento. Eu deveria colocar "senhora", mas como o cara chegou falando que conhece ela há muito tempo, que acha ela bonita, eu acho que aí eu coloquei "você". Ele buscava uma intimidade, apesar de que ela é uma senhora mesmo. Optei por "eu te conheço", no lugar de "eu a conheço". Bom, é um problema que a gente não consegue explicar direito. O "te" é segunda pessoa mesmo, mas se fosse fazer correspondência da conjugação verbal do, por exemplo, do próprio pronome, o "você" lá teria que ser "a conheço" mesmo. Mas como é a língua falada, aí seria "te". Melhor.

P09: Como "você", que foi o caso de todos. Não foi um problema para mim na hora de traduzir, porque tudo bem que em francês isso tem uma carga diferente, mas isso nem me ocorreu. Eu acho que fiz uma tradução meio inconsciente, assim. É porque no português não tem essa carga então é difícil trazer para o português do francês.

P10: Para o termo que a gente traduz no português, para "você". Porque mesmo que mostre respeito eu acho que para o público para o qual se destina a gente não usaria "senhora" nessa frase. Porque acaba que o moço vai fazer um elogio e etc. Então não cabe o "senhora" aí, senão ficaria muito distante do nosso contexto de uso.

P11: Eu traduzi como "a senhora", porque o "vous", no caso, indica respeito, e em português a gente não pode usar o "vós" nesse caso. Eu pensei que a pessoa falaria "a senhora" para indicar um certo respeito.

Como você traduziu "pour moi" em "je suis venu pour vous dire que pour moi je vous trouve plus belle maintenant que lorsque vous étiez jeune"? Uma tradução traduziu para "por mim" e a outra por "para mim".

P01: Por "para mim". Eu acho que o "pour" normalmente seria o equivalente ao "para" mesmo no português. Eu acho que "por mim" talvez tenha essa ideia de "no meu julgamento". Em "para mim", parece que seria um beneficiário de alguma coisa. Mas acho que não: "para mim" pode ser "do meu ponto de vista" também.

P02: Olha, eu nem vi esse "pour moi". Mas eu colocaria "por mim". (EU: Por quê?) Porque "para mim" parece esquisito. "Por mim" é igual você fala todo dia, assim, "ah, por mim pode comer pizza hoje à noite". Ah, eu acho que ele quis dizer "por mim", nesse sentido.

P03: Por "para mim". (EU: você viu que está diferente nas duas traduções?) Eu achei que a da direita (T1) traduziu melhor. (EU: por quê você acha que o "para mim" cabe melhor do que o "por mim"?) O "por mim" tem em português, e é assim: "por mim" é "estou nem aí, por mim...". Agora "para mim" é diferente.

P04: Nem li isso nas traduções. Eu coloquei "para mim". Porque eu quis dizer que na opinião dele, para a pessoa dele, para o opinião dele. E não "da parte dele", "por mim".

P05: Traduzi o "*pour moi*" pelo "para mim". Eu acho que foi "para mim". Vi que as duas estavam diferentes. Esse "por mim" eu achei muito ruim. Achei péssimo o "por mim". Porque "por mim" não é "*pour moi*". "*Pour moi*" é como se fosse assim, né, por exemplo "*pour moi*" alguma coisa. Pode ser no sentido de "na minha opinião", "eu penso que seja assim". Aqui, no caso, é isso. Ele vai dizer "dizer-lhe que para mim". "Para mim", quer dizer, "na minha opinião", "para mim", "na minha opinião pessoal". Então eu acho que "por mim" é muito "faça algo por mim", "no meu lugar". Não sei, acho que "para mim" é no sentido de "na minha opinião", "na minha visão". Acho que "por mim" não carrega muito essa ideia.

P06: Nossa! Eu acho que eu poderia ter feito uma outra escolha agora, porque, eu acho que fiquei muito presa nas traduções para o português. Não traduzi. Traduziria "venho lhe dizer que *por mim*".

P07: Então, eu resolvi traduzir "eu venho dizer que *para mim* eu acho". Na verdade eu não tinha racionalizado a diferença das duas traduções mesmo não. Eu acho estranho o "por mim", porque pensando realmente no que a gente escuta, no que a gente lê fica difícil falar "acho que *por mim* você ainda é mais bonita", normalmente a gente fala "para mim" acho que a escolha da preposição... eu não concordo com esse "por".

P08: Eu coloquei "para mim" mesmo. Eu vi agora que as duas estão diferentes.

P09: O "*pour moi*" eu fiquei com dúvida. Primeiro eu segui o passo da segunda tradução, mas aí eu achei que não ficou bom. Primeiro eu pensei em talvez colocar "na minha opinião" aí depois eu voltei e coloquei "para mim" que é a solução da primeira tradução. Porque eu voltei, dei uma lida e achei que o "por mim" não ficou bom. Em francês o "*pour moi*", ele de fato expressa opinião, introduz um julgamento de valor e em português eu não sei se ficou muito bom "por mim" acho que "para mim" dá mais uma ideia de alguém emitindo uma opinião, um julgamento. Por isso que eu pensei em colocar "na minha opinião", mas aí já fugiria um pouco, seria talvez extrapolar o texto.

P10: Eu não traduzi. Eu coloquei "eu vim aqui para te dizer que te acho" então o "*pour moi*" já está implícito nesse "eu vim", "eu te acho". Ele ficou implícito.

P11: Eu não coloquei esse "*pour moi*", porque eu achei que ia ficar redundante. Em "eu vim para lhe dizer que a considero mais bela agora" já está evidente que é "*pour moi*", então eu achei redundante, porque vai ficar muito redundante se eu colocar isso.

Na passagem "*j'aimais moins votre visage de jeune femme que celui que vous avez maintenant*" você optou por repetir "*votre visage*", no caso, "seu rosto", ou você optou por substituí-lo por um pronome demonstrativo?

P01: Olha, no "visage" eu coloquei "rosto" e no "celui" eu coloquei um pronome demonstrativo, eu mantive igual está no original então: "eu gostava menos de seu rosto de moça do que o que a senhora tem agora, devastado". Coloquei assim porque no original está exatamente assim: "*visage de femme que celui que vous avez maintenant*". Colocou também um "celui". É um pronome demonstrativo. Então eu pus também em português, para manter igual.

P02: Não repeti. Eu substituí pelo "que". Porque não repetiu no original, então por que é que eu ia repetir?

P03: Eu coloquei o "do que". (EU: mas você repetiu, não é? Ficou assim: "gostava menos do seu rosto de moça do que do rosto que você tem agora") Repeti. Acho que foi influência do texto traduzido.

P04: Eu repeti "*votre visage*", "seu rosto". O segundo está um demonstrativo. Eu não repetiria.

P05: Substituí. Eu não repeti não. Eu preferi o "desse" porque você mantém ali um demonstrativo. Um pronome demonstrativo: "*que vous avez maintenant*". É, não repeti.

P06: Eu acho que não precisava repetir, simplesmente.

P07: Eu peguei o demonstrativo. Não, eu coloquei o possessivo mesmo. O "seu" no "seu rosto". É esse? Eu resolvi manter o "*votre*", como eu escolhi "você", então eu coloquei o "seu rosto de moça" do que "deste", do que "*celui*". Então eu optei por deixar o demonstrativo "deste". Eu acho que a repetição não ficou boa, porque eu realmente tento pensar no original, então não sei. Eu acho que não ficaria adequado assim em relação ao texto original colocar, não. É, porque não está lá assim.

P08: Eu não lembro como é que eu fiz. Deixa eu ver: "do que este". Coloquei um pronome demonstrativo. No caso seria "este", porque como está falando diretamente com ela e o "este" é o pronome de segunda pessoa demonstrativo. Primeira pessoa, mas que está na frente dele. Repetir fica até feio, na minha opinião.

P09: Eu repeti, mas foi inconsciente. Acho que ficaria melhor usando o demonstrativo mesmo, "desse": "do seu rosto de moça do que *desse* que você tem agora". Ficaria melhor, pensando. Eu fui inconsciente, assim, acho que eu segui a tradução da esquerda. Eu segui o da direita, com o pronome demonstrativo fica melhor.

P10: Eu substitui por "este". Porque ia ficar muito repetitivo. Honestamente, acho desnecessário nessa parte, sim.

P11: Eu repeti o "seu rosto", "*votre visage*". Ah, você fala esse "*que celui*"? No "*celui*" eu coloquei "esse": "eu amava menos o seu rosto de mulher jovem do que esse que você tem agora". Não repeti "rosto" não, eu usei "esse". Não é uma coisa na qual eu pensaria, acho que a repetição, por eu ter feito já um estágio nessa área de correção, acho que fica deselegante, fica ruim repetir muito.

Como você traduziu "*que je suis seule à voir encore et dont je n'ai jamais parlé*"? Na tradução da esquerda tem "nunca mencionei a ninguém" e na outra "jamais falei a alguém".

P01: (não perguntei)

P02: "Que agora sou a única a ver e da qual nunca falei a ninguém". Eu não olhei a outra tradução, a da esquerda, porque ela estava muito, muito esquisita. (EU: você ignorou ela?) Eu ignorei ela. Mas a da direita eu vi. Aliás, eu devo ter lido a da esquerda só que eu achei tão

estranho que eu só passei para a da direita, só que eu achei que não precisava do "mencionei", podia ser "falar" mesmo, que dava na mesma. E aí eu ia usar um verbo mais parecido.

P03: Essa é a parte mais difícil de traduzir, aí eu busquei muita referência no texto da direita (T1). (EU: quais foram as dificuldades que você achou nessa passagem?) Tive dificuldade de interpretação. Eu achei bem difícil: "penso frequentemente nessa imagem que só eu ainda vejo", "penso com frequência nessa imagem que só eu ainda vejo e sobre a qual jamais falei a alguém", "*je pense souvent à cette image que je suis seule à voir*". Primeiro, a gente tem uma dificuldade para falar "sobre a qual", "no qual". Em português a gente não fala muito na oralidade, mas a gente acaba escrevendo. E isso traz uma dificuldade para a gente escrever, porque não é uma coisa muito usual. E também, por exemplo, só mais um exemplo. Em francês "*je suis seule à voir*", esse verbo no infinitivo é muito difícil de traduzir em português. (EU: em português brasileiro?) É. "Estou sozinha a ver". Não achei que ficaria legal.

P04: Por "que somente eu vejo e da qual nunca falei". O "*encore*" eu acho que eu ignorei. Eu deveria ter colocado: "que somente eu vejo e da qual nunca falei". (EU: você viu que nas traduções está "falei a alguém" e "mencionei a ninguém"?) Eu não coloquei nenhum complemento aí. (EU: você acha que fez falta?) Acho que sim. Talvez se eu tivesse colocado teria ficado mais fluido? Talvez, acho que sim, eu colocaria, se eu fosse fazer de novo.

P05: "*que je suis seule à voir encore*". Eu achei que essa frase poderia ter várias interpretações. "*Je pense souvent à cette image*". Aí, eu pensei, agora me veio uma outra interpretação, que seria "*que je suis seule*", "uma imagem na qual eu estou sozinha". Aí esse "*à voir encore*" fica meio estranho. Eu me baseei muito nas traduções. As duas levaram para a mesma interpretação que é "penso muito nessa imagem que só eu ainda vejo", no sentido que só ela vê, só ela que sabe na verdade. Porque ela não contou para ninguém. Mas eu modifiquei um pouco, coloquei "que só eu ainda vejo e da qual nunca falei". Em "sobre a qual" não coloquei "sobre", porque eu falei "de" alguma coisa, não é só "sobre". Então eu usei o "da qual", que eu acho que ia aproximar mais lá do "*dont*". na verdade. Eu fiz uma coisa próxima do "*dont*". Mas foi a que eu achei mais difícil mesmo, na verdade eu nem tenho certeza se é exatamente isso o sentido mesmo, ela é meio obscura.

P06: Fiz pensando na tradução.

P07: Pois é, eu coloquei "frequentemente nesta imagem que somente eu vejo ainda e da qual jamais falei". Então, eu acho que ficou um pouco estranho, se eu tivesse mais tempo eu pensaria em outra solução para a tradução. Porém, foi uma tradução que eu deixei mais ao pé da letra do que os outros. Voltada para o original, mais ao pé da letra.

P08: "Penso frequentemente nessa cena que só eu mesma vejo e sobre a qual nunca falei". Tive dificuldade sobre "falei a ninguém", mas eu coloquei só "falei", como está no texto original, "da qual eu jamais falei", porque se ela não falou para ninguém, se ela nunca falou, obviamente ela não falou para ninguém.

P09: "Penso frequentemente nessa imagem que sou a única a ver ainda e sobre a qual eu nunca falei a ninguém". Eu fiquei em dúvida com o "*encore*", eu fiquei em dúvida com esse "*seule*", em "a única ainda a ver" ou "sou a única a ver ainda", aí eu consultei, e discordei, não fui nem com uma nem com outra. Coloquei uma tradução diferente das duas. Em geral, não estou satisfeita com a minha tradução, são muitas coisas para coordenar, ter que digitar sem

olhar para o teclado também, manter o olho na tela. Eu acho que eu tinha que me manter concentrada com o teclado e com os três textos.

P10: "Penso frequentemente à essa imagem que só eu ainda vejo e sobre a qual eu nunca falei". Talvez eu mudaria o "frequentemente" agora.

P11: Esse trecho me deu um pouco de dúvida, porque ele é um pouco confuso. Confuso, assim, ele requer um certo esforço. Eu tive essa impressão. Eu coloquei "penso com frequência nessa imagem que sozinho ainda vejo e da qual eu jamais falei". Coloquei o "sozinho", porque quando vi "*seule*" eu pensei já logo em "sozinho", mas eu conferi nas traduções, mas acabei deixando o "sozinho". Achei que seria interessante e não ia ter problema deixar "sozinho".

Como você traduziu "*c'est entre toutes celle qui me plaît de moi-même*"? Ela foi traduzida de forma diferente nas duas traduções.

P01: É, foi. Eu olhei as duas e eu gostei mais da primeira porque eu acho que dá uma carga mais subjetiva. É um relato em primeira pessoa, ela falando, então eu acho que o "que me faz gostar de mim" a gente sente ela quando fala aquilo, aquilo toca nela. "É a que me agrada", não sei, parece que soa meio frio. É minha impressão, não sei.

P02: "É, entre todas, a que eu gosto de mim mesma". (EU: você viu que as traduções estão bem diferentes nessa parte?) Sim. Essa aqui da esquerda (T1), o quê que é isso? Não entendi de onde ele tirou isso não! É: "que me faz gostar de mim". Não entendi, não! A mulher não falou que a imagem faz gostar dela não, só falou que ela gosta da imagem dela, dessa imagem dela. Pelo o que eu entendi. (EU: e ao mesmo tempo você preferiu o "*plaire*" como "gostar", e não como "agradar". Por quê?) Porque eu estava tentando ser menos formal, acho. (EU: Ok. Mais algum comentário?) Bom, e essa última parte também, "*où je m'enchante*", eu achei engraçado o jeito que eles traduziram também. Porque um falou que a imagem encanta, mas é ela que se encanta com a imagem: "com ela me encanto". Não sei. É, acho que eles meio que reduziram, bom, como posso falar? Interpretaram muito. É por isso que eu optei pelo "na qual me encanto".

P03: Aí eu pus: "entre todas", que eu fui mais pela da direita (T1). "Entre todas a que mais faz", "entre todas as imagens". Aí eu coloquei "imagens de mim mesma, ela é a que eu mais me reconheço". Mas eu busquei muita referência na segunda, na da direita. (EU: mas essa solução está mais próxima da tradução da esquerda, não?) É, na verdade eu misturei um pouco. Eu mudei um pouquinho. (EU: e onde foi parar o "*plait*"?) Nossa, esqueci! Foi inconsciente. Esqueci. Foi parar em "a que mais me encanta". Ah, não. Esqueci, eu esqueci. (EU: você viu que está numa tradução "é a que faz gostar de mim" e na outra está "é a que me agrada", então são traduções bem diferentes, concorda? Se você fosse traduzir novamente, como você traduziria?) Por "a que mais me agrada", "é a que mais me agrada". (EU: mais algum comentário? Achou a tarefa difícil?) Traduzir texto literário é difícil. Não é fácil traduzir texto literário, não!

P04: "É, dentre todas, a que mais agrada a mim mesma". (EU: você está satisfeita com essa tradução?) Não estou satisfeita, não. Mas nem na hora que eu fiz eu achei bom. (EU: e você falou antes que no texto original você já não gostou desse "*de moi-même*"...) Eu não entendi quem que era esse "*moi-même*", se era a pessoa das aspas, se era a pessoa com quem as aspas estavam conversando, não sei. Talvez eu traduziria para "é dentre todas a que mais me agrada

em mim mesma". Eu trocaria. E não "a que agrada a mim", "a que *me* agrada *em* mim". (EU: e você notou que as duas traduções estão diferentes? E daí você optou por qual?) Eu mantive o trem literal: "é a que mais agrada". (EU: mais algum comentário que você gostaria de fazer?) Difícil para caramba traduzir! (EU: você achou o texto difícil ou você achou a tarefa difícil ou os dois?) O contexto é difícil porque eu não tenho o que consultar, mas o texto tem algumas partes que a gente fica truncado, porque não parece com o português aí você tem que pensar um pouco e talvez eu nunca tivesse ouvido essa expressão desse jeito. Então, o texto é um pouco difícil mas eu acho que se eu tivesse outros recursos, talvez eu não acharia tão difícil quanto. Mas a tarefa em si não é difícil não.

P05: Eu fiz essa separação de "entre todas", "entre todas as imagens". "Entre todas as imagens" da vida talvez, das memórias. Talvez ela está querendo dizer "a que me faz gostar de mim mesma". Mas eu me apoiei um pouco nas traduções também. Na da direita, que é "a que me faz gostar de mim" e não "a que me agrada". Porque é bem diferente o "gostar de mim" e o "me agrada". Eu posso agradar de alguma coisa que é externa: "ah, eu gostei dessa foto". E você olhar uma foto e gostar de você naquela foto, eu acho que seria essa ideia. De gostar. Porque o verbo "*plaire*" a regência é o "de" mesmo, então seria isso. Porque tem esse "*moi-même*", o "*moi-même*" achei importante manter ele: "mim mesma", que o da direita ela não colocou, ela colocou só "de mim". Eu coloquei do "mesmo". Mas a da esquerda realmente eu acho que é, que agrada, ela gosta dela nessa imagem.

P06: "Entre todas, a imagem que mais me agrada". Vi que o sentido alterou muito em "é entre todas a que me faz gostar de mim", é uma tradução possível, porque já foi publicada. Enfim, já foi lida, mas eu não acho uma boa escolha não. Porque eu acho que o "agradar", ele, é no sentido menos, como eu explico isso, sei lá, menos.

P07: Sim, falei muito disso, porque foi realmente o que me deixou encucado. Eu coloquei "entre todas é aquela que me agrada de mim mesma". Então, entre todas as imagens é a que agrada. Então, entre todas, aquela imagem de mim mesma que me agrada, eu acho que no texto original é essa a minha interpretação. Agora eu não sei, eu estou pensando aqui, porque na hora de traduzir eu pensei em uma estrutura que mais linearzinha seria "*c'est entre toutes celle qui me plaît de moi-même*". Então eu pensei que talvez tivesse uma ruptura da estrutura sintática, por isso que eu coloquei "entre todas, aquela de mim mesma que me agrada", mas o "de mim mesma" vindo depois do "qui me plaît" então, acho. Por isso coloquei assim. Das traduções disponíveis, a que mais me ajudou eu acho que foi a primeira [T1 – esquerda] do que a segunda. Eu acho na verdade que o que me levou a escolher essa primeira é que o tradutor recorre, por exemplo, na fala do homem há um ponto e vírgula que eu acho que traz um ritmo bem diferente do que o original, porque eu acho que o original tem um ritmo muito mais fluido, mais oral, então quando coloca essa pausa cria uma ruptura do ritmo e depois, na última frase, eu também achei que ficou um pouco truncada o ritmo dela. Então eu acho que a da esquerda, pela questão do ritmo do texto. Acho que o fato de conhecer o texto e a autora me ajudaram. Eu acho que a Duras, pelo que eu conhecia, acho que talvez pelo ritmo do texto, pela pontuação, pelo uso das vírgulas, então isso me influenciou um pouco, exatamente pelo o que eu estou falando da tradução da direita que pecou um pouco, pecou entre aspas, pela quebra desse ritmo, pela pontuação, pela mudança na pontuação. Então eu acho que ter conhecido o estilo sem identificar muito bem qual texto realmente era da autora, acho que isso é como eu falei sobre a escolha do "velha", então eu acho que isso me influenciou na escolha sim. Sobre o "maravilhosa", por exemplo, eu não sei se a Duras faria isso. Ela poderia ter colocado "*merveilleuse*", mas eu não sei como traduziria esse "*émerveillante*", então eu teria que pensar um pouco.

P08: "*C'est entre toutes celle qui*", "é entre todas a cena que mais me agrada sobre mim mesmo". Eu poderia colocar "entre todas aquela", mas como a palavra "cena" já estava um pouco longe, umas três linhas acima aqui, está vendo? Aí fica mais tranquilo para a leitura ao invés de colocar um pronome, ainda mais que está falando de uma coisa muito subjetiva nesse final. Essa retomada constante torna o texto mais truncado do que fluente. Essa parte eu consultei as duas e vi que estava diferente.

P09: Eu não sei porque eu destaquei o "*c'est*" e o "*ce qui me plaît*" e "*entre toutes celle*", eu coloquei entre vírgulas. É "entre todas as imagens de mim mesma" por quê que eu coloquei "entre todas as imagens"? Eu nem tinha visto, eu segui alguma. Olha só, eu coloquei "as imagens" e nem tem no original. Eu segui um pouco da segunda tradução e nem percebi que no texto original não tinha "imagem". "Essa imagem" agora que eu vi que não está no original: "é, entre todas de mim mesma, aquela que me agrada". Eu coloquei "imagem" e nem percebi. No mais, a tarefa é difícil, porque são muitas coisas para administrar, são muitos textos. Eu acho que quando a gente confronta o texto original com mais duas traduções, a gente fica um pouco preso às traduções, e às vezes consultando as traduções até perdia o texto original. Porque eu estou vendo aqui, eu nem tinha percebido que o texto original não tinha nessa frase, nessa última frase não tinha "imagens" e eu coloquei. Possivelmente porque eu segui a segunda tradução.

P10: "Está entre todas", porque está se referindo à imagem: "esta imagem está entre todas, esta que me faz gostar de mim mesma, na qual me reconheço, onde eu me encanto". Essa parte ficou esquisita, a minha tradução. Não tinha reparado que as traduções estavam diferentes. No mais, ficou mais difícil traduzir assim, comparando várias traduções que já existem, porque a gente fica preso nelas.

P11: Eu coloquei "entre todas a que me agrada em relação a mim mesma". Isso daqui é uma armadilha. Dá a impressão de que é "a que mais agrada", mas não é "a que mais agrada", só "agrada". Eu coloquei "entre todas a que me agrada em relação a mim mesma". Eu acho que eu fui literalmente e como "*de moi-même*", "me agrada de mim mesmo", ia ficar estranho, eu coloquei "em relação a mim mesmo" que passaria.

APÊNDICE C: Questionário

QUESTIONÁRIO ÚNICO E PROSPECTIVO LETRA/EXPED

Nome completo:

Sexo *

- Masculino
 Feminino

E-mail:

Ano de nascimento *

Você é: *

Escolhe uma opção abaixo:

- Destro
 Canhoto
 Ambidestro

1. Visão

1.1. Sua visão foi corrigida por cirurgia? *

- Sim
 Não

1.2. Você está usando lentes corretivas agora? *

- Sim
 Não

1.3. Você está usando óculos agora? *

- Sim
 Não

1.4. Qual é a cor aproximada dos seus olhos? *

- Azul
 Verde
 Castanho
 Preto

2. Perfil Acadêmico

2.1. Você está matriculado em algum curso universitário? *

- Sim
 Não (Passe para a pergunta 2.4.)

2.2. Em qual curso e habilitação?

2.3. Em qual instituição?

2.4. Tem bacharelado, licenciatura ou grau equivalente?

- Sim
- Não (Passe para a pergunta 2.7.)

2.5. Em qual(is) curso(s) e habilitação(ões)?

2.6. Em qual(s) instituição(ões)?

2.7. Você fez especialização(ões)? *

- Sim
- Não (passe para a pergunta 2.9.)

2.8. Em qual(is) curso(s)?

2.9. Você tem mestrado? *

- Sim
- Não (Passe para a pergunta 2.12.)

2.10. Em qual(is) área(s)?

2.11. Em qual(s) instituição(ões)?

2.12. Você tem doutorado? *

- Sim
- Não

2.13. Em qual(is) área(s)?

2.14. Em qual(s) instituição(ões)?

2.15. Você está cursando ou já cursou alguma disciplina da área de tradução? *

- Sim
- Não (Passe para a pergunta 3.1.)

2.16. Se respondeu sim à questão anterior, especifique a(s) disciplina(s):

3. Proficiência em línguas

3.1. Qual é a sua L1? *

L1: língua materna e/ou língua(s) adquirida(s) na infância e de uso regular

3.1.1. Indique na tabela abaixo o seu grau de proficiência na sua L1 indicada na 3.1. *

	Nenhuma proficiência	Proficiência básica	Proficiência intermediária	Proficiência avançada	Proficiência nativa ou bilíngue
Compreensão auditiva	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fala	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Escrita	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Leitura	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

3.1.2. Você tem outra L1?

- Sim
 Não (Passe para a pergunta 3.2.)

3.1.3. Se sim, especifique.

3.1.4. Indique na tabela abaixo o seu grau de proficiência na outra L1 especificada na pergunta 3.1.3.

	Nenhuma proficiência	Proficiência básica	Proficiência intermediária	Proficiência avançada	Proficiência bilíngue
Compreensão auditiva	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fala	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Escrita	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Leitura	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

3.2. Qual é a sua L2?

L2: língua adquirida a partir da adolescência e usada em contextos distintos com regularidade (trabalho, estudo, etc.)

3.2.1 Indique na tabela abaixo o seu grau de proficiência na(s) sua(s) L2.

	Nenhuma proficiência	Proficiência básica	Proficiência intermediária	Proficiência avançada	Proficiência bilíngue
Compreensão auditiva	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fala	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Escrita	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Leitura	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

3.3. Qual é a sua L3?

L3: língua receptiva, compreendida com facilidade mas expressada com certa dificuldade no uso oral e escrito

3.4. Você possui algum certificado de proficiência?

- Sim
- Não

3.4.1. Se sim, qual(is) certificado(s) possui?

4. Experiência profissional

4.1. Você tem ou teve experiência de ensino na L1? *

- Sim
- Não

4.2. Você tem ou teve experiência de ensino na L2? *

- Sim
- Não

4.3. Qual a sua experiência em tradução? *

- Nenhuma
- Até 2 anos
- De 2 a 4 anos
- De 4 a 6 anos
- De 6 a 10 anos
- Mais de 10 anos

4.4. Com que frequência você faz traduções?

- até 10 horas por semana
- De 10 horas a 20 h por semana
- De 20 horas a 30 h por semana
- De 30 horas a 40 h por semana
- Mais de 40 horas por semana

4.5. Que porcentagem de sua renda advém da prestação de serviços de tradução? *

- Nenhuma
- Menos de 10%
- de 11% a 30%
- de 31% a 50%
- de 51% a 70%
- de 71% a 100%

4.6. Que tipo de tradução você geralmente faz? Marque todas as opções aplicáveis. *

- Tradução literária
- Tradução técnica
- Tradução científica
- Tradução audiovisual
- Outro

4.7. Qual(is) ferramenta(s) de auxílio à tradução (CAT) você utiliza para traduzir? Marque todas as opções aplicáveis. *

- Nenhuma
- Trados
- Trados Studio
- Idiom
- Wordfast
- MemoQ
- Outro

4.8. Quais fontes de consulta ou materiais de referência você consulta com mais frequência quando está traduzindo? Marque todas as opções aplicáveis. *

- Dicionário impresso
- Dicionário digital
- Corpora
- Consulta a especialista e/ou a tradutor experiente
- Sistema de tradução automática
- Outro

4.9. Você ministra ou já ministrou disciplinas da área de tradução em algum nível? Marque todas as opções aplicáveis.

- Não
- Sim, na Graduação
- Sim, na Especialização
- Sim, no Mestrado
- Sim, no Doutorado

5. Experiência na Pós-edição

5.1. Você tem alguma experiência em (re)tradução? *

- Sim
- Não

5.2. Você utiliza a tradução automática em (re)tradução?

- Sim
- Não

5.3. Quantas (re)traduções você já fez?

- Uma
- Duas
- Três
- Quatro
- Mais de cinco

5.4. Que porcentagem de sua renda advém da prestação de serviços de (re)tradução?

- Nenhuma
- Menos de 10%
- de 11 a 30%
- de 31% a 50%
- de 51% a 70%
- de 71% a 100%

5.5. Você ministra ou já ministrou disciplinas da área de (re)tradução em algum nível?

Marque todas as opções aplicáveis

- Não
- Sim, na Graduação
- Sim, na Especialização
- Sim, no Mestrado
- Sim, no Doutorado

APÊNDICE D: Categorias sistêmico-funcionais utilizadas para a anotação dos textos insumo deste estudo

- **Categorias da Oração**

System	Feature
taxis_and_logico_semantic_type	Simplex
	complex_paratactical_projection_idea_1
	complex_paratactical_projection_locution_1
	complex_paratactical_projection_idea_2
	complex_paratactical_projection_locution_2
	complex_paratactical_projection_idea_3
	complex_paratactical_projection_locution_3
	complex_paratactical_projection_idea_4
	complex_paratactical_projection_locution_4
	complex_hypotactical_main_projection_idea_ALPHA
	complex_hypotactical_main_projection_locution_ALPHA
	complex_hypotactical_dependent_projection_idea_BETA
	complex_hypotactical_dependent_projection_locution_BETA
	complex_hypotactical_dependent_projection_idea_GAMMA
	complex_hypotactical_dependent_projection_locution_GAMMA
	complex_hypotactical_dependent_projection_idea_DELTA
	complex_hypotactical_dependent_projection_locution_DELTA
	complex_hypotactical_dependent_projection_idea_EPSILON
	complex_hypotactical_dependent_projection_locution_EPSILON
	complex_paratactical_expansion_elaborating_1
	complex_paratactical_expansion_extending_1
	complex_paratactical_expansion_enhancing_1
	complex_paratactical_expansion_elaborating_2
	complex_paratactical_expansion_extending_2
	complex_paratactical_expansion_enhancing_2
	complex_paratactical_expansion_elaborating_3
	complex_paratactical_expansion_extending_3
	complex_paratactical_expansion_enhancing_3
	complex_paratactical_expansion_elaborating_4
	complex_paratactical_expansion_extending_4
	complex_paratactical_expansion_enhancing_4
	complex_hypotactical_main_expansion_elaborating_ALPHA
	complex_hypotactical_main_expansion_extending_ALPHA
	complex_hypotactical_main_expansion_enhancing_ALPHA
	complex_hypotactical_dependent_expansion_elaborating_BETA
	complex_hypotactical_dependent_expansion_extending_BETA
	complex_hypotactical_dependent_expansion_enhancing_BETA
	complex_hypotactical_dependent_expansion_elaborating_GAMA
	complex_hypotactical_dependent_expansion_extending_GAMMA
	complex_hypotactical_dependent_expansion_enhancing_GAMMA
complex_hypotactical_dependent_expansion_elaborating_DELTA	

	complex_hypotactical_dependent_expansion_extending_DELTA
	complex_hypotactical_dependent_expansion_enhancing_DELTA
	complex_hypotactical_dependent_expansion_elaborating_EPSILON
	complex_hypotactical_dependent_expansion_extending_EPSILON
	complex_hypotactical_dependent_expansion_enhancing_EPSILON
	embedded_projection_idea_1
	embedded_projection_locution_1
	embedded_projection_idea_2
	embedded_projection_locution_2
	embedded_expansion_elaborating_BETA
	embedded_expansion_extending_BETA
	embedded_expansion_enhancing_BETA
	embedded_expansion_elaborating_GAMMA
	embedded_expansion_extending_GAMMA
	embedded_expansion_enhancing_GAMMA
	embedded_expansion_elaborating_DELTA
	embedded_expansion_extending_DELTA
	embedded_expansion_enhancing_DELTA
	embedded_expansion_elaborating_EPSILON
	embedded_expansion_extending_EPSILON
	embedded_expansion_enhancing_EPSILON
	not_applicable
status	Minor
	major_free_declarative
	major_free_interrogative
	major_free_imperative
	major_bound
deixis	non-finite
	temporal_deixis_present
	temporal_deixis_past
	temporal_deixis_future
	modal_deixis_modulation
	modal_deixis_modalization
	temporal_modal_deixis_present_modulation
	temporal_modal_deixis_present_modalization
	temporal_modal_deixis_past_modulation
	temporal_modal_deixis_past_modalization
	temporal_modal_deixis_future_modulation
	temporal_modal_deixis_future_modalization
polarity	Positive
	Negative
reality	Realis
	Irrealis
vocative	No
	Yes
subject_person	non-interactant
	interactant_speaker

	interactant_speaker-plus_inclusive
	interactant_speaker-plus_exclusive
	interactant_addressee
subject_politeness	Polite
	non-polite
	non-selectable
subject_responsibility	Responsible
	Impersonal
	non-responsible
subject_number	Singular
	Plural
subject_presumption	non-recoverable
	recoverable_explicit
	recoverable_implicit
complement	0
	1
	2
	3
adjunct	None
	adjunct-mood
	adjunct-comment
	adjunct-circumstantial
	adjunct-conjunctive
process_type	Existential
	Material
	Mental
	Relational
	Verbal
	Behavioural
	unrealized_process
agency	middle_non-ranged
	middle_ranged
	effective_operative
	effective_receptive_non-agentive
	effective_receptive_agentive
circumstance_type	no_circumstance
	extent_distance
	extent_duration
	extent_frequency
	location_place
	location_time
	manner_means
	manner_quality
	manner_comparison
	manner_degree
	cause_reason
	cause_purpose
	cause_behalf

	contingency_condition
	contingency_default
	contingency_concession
	accompaniment_comitative
	accompaniment_additive
	role_guise
	role_product
	Matter
	angle_source
	angle_viewpoint
bound_clause_interpersonal_theme	Yes
	No
bound_clause_topical_theme	Yes
	No
clause_textual_theme	no_textual_theme
	Conjunctive
	Continuative
	Relative
clause_interpersonal_theme	no_interpersonal_theme
	comment_adjunct
	mood_adjunct
	polarity_adjunct
	wh-
	Vocative
	modal_particle
clause_topical_theme	Default
	wh-
	Angle
	Intensive
	Perspective
message	Initial
	Continuative
	Diversion

• **Categorias do Grupo Nominal**

System	Feature
taxis	Simplex
	complex_paratactic
	complex_hypotactic
	complex_rankshifted_qualifier
logico_semantic_type	no_logico_semantic_relation
	projection_idea
	projection_locution
	expansion_elaborating
	expansion_extending
	expansion_enhancing

adjectival_nominal_group	Yes
	No
pre-modifier	0
	1
	2
	3
	4
	5
	6
	7
	8
	9
	10
head	1
	2
	3
	4
	5
post_modifier	0
	1
	2
	3
	4
	5
	6
	7
	8
	9
	10
conflation	head_thing
	head_deictic
	head_numerative
	head_epithet
	head_classifier
thing_1	conscious_higher_animal
	conscious_human
	non_conscious_simple_lower_animals
	non_conscious_simple_institutions
	non_conscious_simple_objects
	non_conscious_simple_substances
	non_conscious_simple_abstractions
	non_conscious_complex_projections_proposals
	non_conscious_complex_projections_propositions
	non_conscious_complex_expansions_elaborations
	non_conscious_complex_expansions_extensions
non_conscious_complex_expansions_enhancements	
thing_1_person_role	interactant_addressee

	interactant_speaker
	interactant_speaker_plus_addressee
	interactant_speaker_plus_others
	non_interactant_conscious
	non_interactant_non_conscious
	generalized
thing_1_number	Singular
	Plural
	Mass
thing_1_gender	Female
	Male
	Neutral
	not_explicit
thing_1_polarity	Positive
	Negative
thing_1_realization	Elliptical
	Substitute
	Noun
	Pronoun
	Verb
	Clause
	Adjective
deictic_1	specific_personal_interactant_speaker
	specific_personal_interactant_speaker_plus_addressee
	specific_personal_interactant_speaker_plus_others
	specific_personal_interactant_addressee
	specific_personal_non_interactant_one_non_conscious
	specific_personal_non_interactant_one_conscious
	specific_personal_non_interactant_more_than_one
	Generalized
	specific_demonstrative_non_selective
	specific_demonstrative_selective_near
	specific_demonstrative_selective_far
	specific_demonstrative_interrogative
	specific_personal_interrogative
	non_specific_total_positive
	non_specific_total_negative
	non_specific_partial_selective
	non_specific_partial_non_selective
	non_specific_unrestricted
	specific_demonstrative_selective_near_speaker
	specific_demonstrative_selective_far
	specific_demonstrative_selective_near_hearer
	specific_non_selective_and_personal_interactant_speaker
	specific_non_selective_and_personal_interactant_speaker_plus_addressee
	specific_non_selective_and_personal_interactant_speaker_plus_others
	specific_non_selective_and_personal_interactant_addressee
	specific_non_selective_and_personal_non_interactant_one_non_conscious

	specific_non_selective_and_personal_non_interactant_one_conscious
	specific_non_selective_and_personal_non_interactant_more_than_one
	specific_non_selective_and_personal_generalized
	non_specific_non-selective_and_personal_interactant_speaker
	non_specific_non_selective_and_personal_interactant_speaker_plus_addressee
	non_specific_non_selective_and_personal_interactant_speaker_plus_others
	non_specific_non_selective_and_personal_interactant_addressee
	non_specific_non_selective_and_personal_non_interactant_one_non_conscious
	non_specific_non_selective_and_personal_non_interactant_one_conscious
	non_specific_non_selective_and_personal_non_interactant_more_than_one
	non_specific_non_selective_and_personal_generalized
	specific_demonstrative_selective_near_speaker
	specific_demonstrative_selective_far
	specific_demonstrative_selective_near_hearer
	specific_demonstrative_selective_near_speaker_and_personal_interactant_speaker
	specific_demonstrative_selective_near_speaker_and_personal_interactant_speaker_plus_addressee
	specific_demonstrative_selective_near_speaker_and_personal_interactant_speaker_plus_others
	specific_demonstrative_selective_near_speaker_and_personal_interactant_addressee
	specific_demonstrative_selective_near_speaker_and_personal_non_interactant_one_non_conscious
	specific_demonstrative_selective_near_speaker_and_personal_non_interactant_one_conscious
	specific_demonstrative_selective_near_speaker_and_personal_non_interactant_more_than_one
	specific_demonstrative_selective_near_addressee_and_personal_interactant_speaker
	specific_demonstrative_selective_near_addressee_and_personal_interactant_speaker_plus_addressee
	specific_demonstrative_selective_near_addressee_and_personal_interactant_speaker_plus_others
	specific_demonstrative_selective_near_addressee_and_personal_interactant_addressee
	specific_demonstrative_selective_near_addressee_and_personal_non_interactant_one_non_conscious
	specific_demonstrative_selective_near_addressee_and_personal_non_interactant_one_conscious
	specific_demonstrative_selective_near_addressee_and_personal_non_interactant_more_than_one
	specific_demonstrative_selective_far_and_personal_interactant_speaker
	specific_demonstrative_selective_far_and_personal_interactant_speaker_plus_addressee
	specific_demonstrative_selective_far_and_personal_interactant_speaker_plus_others
	specific_demonstrative_selective_far_and_personal_interactant_addressee
	specific_demonstrative_selective_far_and_personal_non_interactant_one_non_conscious
	specific_demonstrative_selective_far_and_personal_non_interactant_one_conscious
	specific_demonstrative_selective_far_and_personal_non_interactant_more_than_one
	None
deictic_1_number	Singular
	Plural
	Mass
	Dual
	Unmarked
	None
deictic_1_gender	Female
	Male
	Neutral
	not_explicit
	None
deictic_1_class	Determiner

	embedded_nominal_group
	None
numerative_quantitative_1	Definite
	Indefinite
	None
numerative_ordinative_1	Definite
	Indefinite
	None
post_deictic_1	Yes
	No
	not_applicable
post_deictic_1_realization	Word
	word_complex
	not_applicable
experiential_epithet_1	0
	1
	2
	3
	4
	5
experiential_epithet_1_class	Adjective
	submodified_adjective
	participial_verb_form
	None
interpersonal_epithet_1	0
	1
	2
	3
	4
	5
interpersonal_epithet_1_class	Adjective
	submodified_adjective
	participial_verb_form
	None
classifier_1	0
	1
	2
	3
	4
	5
classifier_1_realization	Noun
	Adjective
	Verb
	None
qualifier_1	0
	1
	2
	3

	4
	5
qualifier_1_realization	prepositional_phrase
	Clause
	None

• **Categorias do Grupo Verbal**

System	Feature
finiteness	non_finite
	non_finite_modality
	non_finite_tense_past
	non_finite_tense_present
	non_finite_tense_future
	non_finite_modality_and_tense_past
	non_finite_modality_and_tense_present
	non_finite_modality_and_tense_future
	finite_tense_past
	finite_tense_present
	finite_tense_future
	finite_modality_and_tense_past
	finite_modality_and_tense_present
	finite_modality_and_tense_future
(primary)event-finite_conflation	Yes
	No
	non_finite
voice	Active
	Passive
	non_selectable
taxis	Simplex
	complex_parataxis
	complex_hypotaxis
logico_semantic_relation	no_logico_semantic_relation
	expansion_extension(conation)
	expansion_elaboration(phase)
	expansion_enhancement(modulation)
	projection_idea
	projection_locution
recursive_tense	Yes
	No
ellipsis	None
	Finite
	Predicator
	finite_predicator

APÊNDICE E: Resultados da análise da qualidade dos dados

Tabela 1 - Duração Média das Fixações

Duração Média das Fixações	
Participante	DMF
P01	219,881
P02	197,601
P03	206,312
P04	199,46
P05	279,316
P06	280,482
P07	214,450
P08	190,295
P09	215,141
P10	214,546
P11	220,477
P12	189,922

Tabela 26 - Tempo do olhar na tela

Tempo do olhar na tela			
Participante	Tempo da tarefa	Soma das fixações	TOT
P01	644013	336199	52,20375986
P02	928936	656630	70,68624749
P03	1209919	873319	72,17995585
P04	353687	186296	52,67256077
P05	1807637	1419205	78,51161489
P06	853976	721961	84,54113465
P07	1011014	673588	66,62499233
P08	599724	335300	55,9090515
P09	1000542	648222	64,7870854
P10	529160	332332	62,80368887
P11	681487	448451	65,80477691
P12	731878	75283	10,28627722
Média (61,41759548) – DP (18,81586636)			42,60172912

Tabela 27 - Porcentagem das fixações na amostra do olhar

Porcentagem das fixações na amostra do olhar				
Participante	Fixações	Sacadas	Fix + Sac	PFO
P01	20302	3416	23718	85,59743655
P02	41639	10302	51941	80,16595753
P03	52965	11662	64627	81,95491049
P04	11591	4936	16527	70,13372058
P05	86075	13288	99363	86,6268128
P06	44458	5632	50090	88,75623877
P07	42386	12291	54677	77,52071255
P08	20898	10937	31835	65,64473064
P09	39886	13779	53665	74,32404733
P10	20452	4435	24887	82,17945112
P11	27717	8543	36260	76,43960287
P12	3173	973	4146	76,53159672
Média (78,82293483) – DP (6,811606927)				72,0113279

APÊNDICE F: Programa utilizado para a coleta de dados

O programa utilizado para a coleta de dados se chama “mestrado_parser” e foi desenvolvido utilizando linguagem Python. Ele foi dividido em três arquivos diferentes, com os seguintes objetivos:

- **mestrado_xlrd_functions.py**: definição de todas as funções matemáticas e de análise dos dados extraídos das planilhas dos participantes, geradas através do programa Tobii.
- **utilities.py**: definição de funções acessórias ao desenvolvimento, como por exemplo um impressor de dicionários python para melhor visualização de dados.
- **mestrado_parser.py**: script principal, responsável por invocar as funções descritas nos outros arquivos e imprimir os resultados.

Conteúdo do `mestrado_xlrd_functions.py`:

```
# this defines that we will use the "xlrd" class inside the Python packages
# this class is used to parse Excel files.
import xlrd
import re

def workbook_parse ( filename , sheetname ):
    "main Parser function of the excel workbook + spreadsheet"

    # in here we open the file as the variable "workbook":
    with xlrd.open_workbook(filename, encoding_override='cp1052') as workbook:

        # below, we just define that variable "sheetname" is the name of the tab
        # you are working with
        sheet = workbook.sheet_by_name(sheetname)

        # Initializing parsed_data list:
        parsed_data = []

        # Below here, we will create a list of dictionaries, where each dictionary
        # represents one row
        # of the excel table. The format of the dictionary is something like:
        # {u'GazePointIndex': 12.0, u'SegmentName': u'', u'ExternalEventIndex': u'', ... etc.

        # the keys of our dictionary are the first row of the table:
        keys = [sheet.cell(0, col_index).value for col_index in range(sheet.ncols)]

        # here we associate the key with its respect value:
        for row in range(1, sheet.nrows):
```

```

        d = {keys[col_index]: sheet.cell(row, col_index).value for col_index in
range(sheet.ncols)}

        # after creating the dictionary, I then append the dictionary to a list
        parsed_data.append(d)
    return parsed_data

def find_subareas (parsed_data, areas = []):
    "Infers how many micro-areas a list of areas has and return it as a list"

    # Initializing empty subareas_list
    subareas_list = []

    for area in areas:
        # using regular expression:
        subarea_regexp = re.compile('AOI\[(' + area + '_[a-zA-Z])\]Hit')
        for key in parsed_data[0]:
            matched_object = subarea_regexp.match(key)
            if matched_object:
                submatched = matched_object.group(1)
                # appending result to the subsareas list, but ascii encoded
                subareas_list.append(submatched.encode('ascii'))
    return subareas_list

def get_area_average ( area_time, area_count):
    "Get the average in the format of time / count. arguments are dictionaries"

    # initialize area_average
    area_average = {}
    for key, value in area_time.items():

        try:
            area_average[key] = area_time[key] / area_count[key]
        except:
            area_average[key] = 0

    return area_average

def get_transition_map ( parsed_data, areas, hp_filter = [] ) :
    """"

```

```

Returns the transition map from one area to other area. but if all areas are
0 in a given row, we need to skip. we skip those because it's when people
look at the keyboard, for example.
"""

# Initializing an empty transitions dictionary and target dictionary:
targetdict = {}
transitiondict = {}

# lets populate the target dictionary. This is a dictionary of dictionaries,
# to for the matrix of transitions
for area_target in areas :
    transitiondict = {}

    for area_source in areas :
        # there're no transitions from within itself:
        if area_target == area_source :
            continue
        else :
            transitiondict[area_source] = 0

    targetdict[area_target] = transitiondict

# creating empty state machine's variable:
previousstate = None

# go through the parsed data, row by row:
for i, row in enumerate(parsed_data):

    # clearing "now":
    now = None

    # if we're on the first row, lets skip:
    if i == 0:
        continue

    # iterate through the indexes we are interested
    for area in areas:

        # if in the row we find "1", it means that the person was looking at that place,

```



```

# so we mark the variable "now"

try:
    if int(row['AOI['+area+'Hit']) == 1:

        now = area
except:
    continue

if now != None :
    # it means that Now was caught from the previous try!
    if now != previousstate:
        # it means that we should increment the fucking transitions table
        try:
            targetdict[now][previousstate] += 1
        except:
            previousstate = now
            continue
        previousstate = now

return(targetdict)

def get_transition_count ( transitioncount ) :
    "Just count the quantity of transitions for each key of the dict of dicts"

    # Initialize empty dict with summarization:
    sumtransition = {}

    for area in transitioncount:
        sumtransition[area] = sum(transitioncount[area].values())
    return(sumtransition)

def get_generic_area_time ( parsed_data, areas, hp_filter = [] ) :
    """"
    total area time, between areas or sub areas. This function is generic.
    The third optional argument is a High Pass Filter, container is a tuple
    with the key index and the filter value (row[index] < filter_value)
    """"

    # The idea of this method is to go through every two rows and calculate the
    # delta between timestamps in microseconds. It also saves the area between rows

```

```

# Initializing a list "deltalist":
deltalist = []

# go through the parsed data, row by row:
for i, row in enumerate(parsed_data):

    # initializing an empty dict:
    deltadict = {}
    # clearing "now" and "past":
    now = None
    past = None

    # if we're on the first row, lets skip:
    if i == 0:
        previous_row = row
        continue

    # if a high pass filter is passed as argument, we also need to skip those rows:
    if hp_filter != []:
        if int(row[hp_filter[0]]) < int(hp_filter[1]):
            previous_row = row
            continue

    # if not, lets try to subtract one from the other:
    try:
        delta = row['EyeTrackerTimestamp'] - previous_row['EyeTrackerTimestamp']
    except:
        previous_row = row
        continue

    try:
        # iterate through the indexes we are interested
        for area in areas:

            # if in the row we find "1", it means that the person was looking
            # at that place,
            # so we mark the variable "now"
            if int(row['AOI['+area+']Hit']) == 1:
                now = area

            # and it's the same logic for the previous row,

```

```

        # but we mark the variable "past"
        if int(previous_row['AOI['+area+'Hit']]) == 1:
            past = area

    except:
        previous_row = row
        continue

    # ok, now we have all the info, lets try to create a dict and append to the deltalist:
    try:
        deltadict = {'delta': int(delta), 'now': now, 'past': past}
    except:
        previous_row = row
        continue
    deltalist.append(deltadict)

    # set the previous_row to row.
    previous_row = row

# initialize list "sum_aoi", where the sum will be saved for each area:
sum_aoi = {}

# Now we need to calculate the time on each area:
for key in areas:
    #sum_aoi[key] = sum(row['delta'] for row in deltalist if row['now'] == key and row['now']
    == row['past'])
    sum_aoi[key] = sum(row['delta'] for row in deltalist if row['now'] == key)

return(sum_aoi)

def get_generic_area_count (parsed_data, areas, gaze_event, hp_filter = []):
    "This function counts generically the count of areas"

    # Initializing a list "deltalist":
    gazelist = []

    # go through the parsed data, row by row:
    for i, row in enumerate(parsed_data):

        # initializing an empty dict:

```

```

gazedict = {}
# clearing "now" and "past":
now = None
past = None

# if we're on the first row, lets skip:
if i == 0:
    previous_row = row
    continue

# if a high pass filter is passed as argument, we also need to skip those rows:
if hp_filter != []:
    if int(row[hp_filter[0]]) < int(hp_filter[1]):
        previous_row = row
        continue

if row['GazeEventType'] != gaze_event:
    previous_row = row
    continue

try:
    # if the current gaze event index is different from the previous one, we register:
    if row[gaze_event+'Index'] != previous_row[gaze_event+'Index']:
        gaze_index = row[gaze_event+'Index']

        # we go through the areas:
        for area in areas:

            # if in the row we find "1", it means that the
            # person was looking at that place,
            # so we mark the variable "now"
            if int(row['AOI['+area+'Hit']) == 1:
                now = area

        # create the gazedict event
        gazedict = {'gaze_index': gaze_index, 'area': now}

except:
    previous_row = row
    continue

```

```

# append the gazedict to the gazelist
gazelist.append(gazedict)

# set the previous_row to row.
previous_row = row

# initialize list "sum_gaze_events":
sum_gaze_events = {}

# Now we need to calculate the time on each area:
for key in areas:
    sum_gaze_events[key] = sum(1 for row in gazelist if row['area'] == key)

return(sum_gaze_events)

```

Conteúdo do arquivo utilities.py:

```

import textwrap
import os
import sys

def get_folder():
    """ Print a numbered
    list of the subfolders in the working directory
    (i.e. the directory the
    script is run from),
    and returns the directory
    the user chooses.
    """
    print(textwrap.dedent(
    """
    Qual planilha do excel voce quer analisar?
    Lembre-se que e necessario deletar as colunas que contem
    elementos do tipo "AOI[Tx]Hit" vazios
    """))
)
)
files = [d for d in os.listdir('.') ] + ['EXIT']
file_dict = {ind: value for ind, value in enumerate(files)}
for key in file_dict:
    print('(' + str(key) + ') ' + file_dict[key])
print()
resp = int(input())
if file_dict[resp] == 'EXIT':
    sys.exit()

```

```
else:
    return file_dict[resp]
```

```
def pretty_print (dict) :
    for key, value in dict.items() : print (key, value)
```

Conteúdo do arquivo `mestrado_parser.py`:

```
import mestrado_xlrd_functions as parser
import utilities as util

# pre-defined variables
areas = ['TF', 'TA', 'T1', 'T2']
gaze_filter = ['GazeEventDuration', 100]
sheet_name = 'Data'

# file picked interactively
#picked_file = 'P01_small.xlsx'
picked_file = util.get_folder()

# Parse excel data
parsed_data = parser.workbook_parse(picked_file , sheet_name)
subareas = parser.find_subareas ( parsed_data, areas )

# Perform math stuff - we will save everything in local variables before printing:

# Transition count, area and microarea
total_transition_area = parser.get_transition_map (parsed_data, areas)
total_transition_microarea = parser.get_transition_map (parsed_data, subareas)

# Transition totals
total_transition_count_area = parser.get_transition_count(total_transition_area)
total_transition_count_microarea = parser.get_transition_count(total_transition_microarea)

# Total transition duration, area and microarea
total_duration_area = parser.get_generic_area_time ( parsed_data, areas )
total_visit_average_area = parser.get_area_average ( total_duration_area,
total_transition_count_area, )
total_duration_microarea = parser.get_generic_area_time ( parsed_data, subareas )
total_visit_average_microarea = parser.get_area_average ( total_duration_microarea,
```

```

total_transition_count_microarea, )

# Total filtered fixation count and time of area, average between both
total_filtered_fixation_count_area = parser.get_generic_area_count ( parsed_data, areas,
'Fixation', gaze_filter )
total_filtered_fixation_time_area = parser.get_generic_area_time ( parsed_data, areas, gaze_filter
)
total_filtered_fixation_average_area = parser.get_area_average(total_filtered_fixation_time_area,
total_filtered_fixation_count_area )

# Total filtered fixation count and time of micro-area, average between both
total_filtered_fixation_count_microarea = parser.get_generic_area_count ( parsed_data, subareas,
'Fixation', gaze_filter )
total_filtered_fixation_time_microarea = parser.get_generic_area_time ( parsed_data, subareas,
gaze_filter )
total_filtered_fixation_average_microarea =
parser.get_area_average(total_filtered_fixation_time_microarea,
total_filtered_fixation_count_microarea )

# Start printing results, based on previously calculated variables.
# We print in portuguese to make it easier for the brazilian student
# to visualize data.
print( '\n#### Tabela de transicoes entre as areas ####' )
util.pretty_print ( total_transition_area )

print ( '\n#### Contagem de transicoes entre as areas ####' )
util.pretty_print ( total_transition_count_area )

print( '\n#### Tabela de transicoes entre as micro-areas ####' )
util.pretty_print ( total_transition_microarea )

print( '\n#### Contagem de transicoes entre as micro-areas ####' )
util.pretty_print ( total_transition_count_microarea )

print( '\n#### Duracao total de cada visita em area (micro-segundos) ####' )
util.pretty_print ( total_duration_area )

print ( '\n#### Duracao media de cada visita em area (micro-segundos) (duracao_total /
contagem_transicoes) ####' )
util.pretty_print ( total_visit_average_area )

print ( '\n#### Duracao total de cada visita em micro-area (micro-segundos) ####' )
util.pretty_print ( total_duration_microarea )

print ( '\n#### Duracao media de cada visita em micro-area (micro-segundos) (duracao_total /
contagem_transicoes) ####' )

```

```

util.pretty_print ( total_visit_average_microarea )

print ( '\n#### Quantidade de fixacoes iguais ou maiores do que 100ms para cada area ####')
util.pretty_print ( total_filtered_fixation_count_area )

print ( '\n#### Duracao media das fixacoes filtradas por area (micro-segundos) ####')
util.pretty_print ( total_filtered_fixation_average_area )

print ( '\n#### Quantidade de fixacoes iguais ou maiores do que 100ms para cada micro-area ####')
util.pretty_print ( total_filtered_fixation_count_microarea )

print ( '\n#### Duracao media das fixacoes filtradas por micro-area (em micro-segundos) ####')
util.pretty_print ( total_filtered_fixation_average_microarea )

```

Exemplo de execução do programa utilizando o participante P11:

```
MacBook-Air-de-Luana:Arquivos Tobii Luana$ python mestrado_parser.py
```

```
Qual planilha do excel voce quer analisar?
Lembre-se que e necessario deletar as colunas que contem
elementos do tipo "AOI[Tx]Hit" vazios
```

- (0) .dropbox
- (1) .DS_Store
- (2) Icon
- (3) mestrado_parser.py
- (4) mestrado_parser.zip
- (5) mestrado_xlrd_functions.py
- (6) mestrado_xlrd_functions.pyc
- (7) Numero_de_visitas_por_participante_por_AOI.xlsx
- (8) P01.xlsx
- (9) P01_bla.xlsx
- (10) P01_duração visitas.xlsx
- (11) P01_fixacoes.xlsx
- (12) P01_for_python.csv
- (13) P01_no_extra.xlsx
- (14) P01_small.xlsx
- (15) P01_transicoes.xlsx
- (16) P02.xlsx
- (17) P02_fixacoes.xlsx
- (18) P02_no_extra.xlsx
- (19) P02_transicoes.xlsx
- (20) P03.xlsx
- (21) P03_no_extra.xlsx
- (22) P03_transicoes.xlsx

- (23) P04.xlsx
- (24) P04_no_extra.xlsx
- (25) P04_transicoes.xlsx
- (26) P05.xlsx
- (27) P05_no_extra.xlsx
- (28) P05_transicoes.xlsx
- (29) P06.xlsx
- (30) P06_no_extra.xlsx
- (31) P06_transicoes.xlsx
- (32) P07.xlsx
- (33) P07_no_extra.xlsx
- (34) P07_transicoes.xlsx
- (35) P08.xlsx
- (36) P08_no_extra.xlsx
- (37) P08_transicoes.xlsx
- (38) P09.xlsx
- (39) P09_no_extra.xlsx
- (40) P09_transicoes.xlsx
- (41) P10.xlsx
- (42) P10_no_extra.xlsx
- (43) P10_transicoes.xlsx
- (44) P11.xlsx
- (45) P11_no_extra.xlsx
- (46) P11_transicoes.pyc
- (47) specification
- (48) utilities.py
- (49) utilities.pyc
- (50) EXIT

()

45

Tabela de transicoes entre as areas

```
('TF', {'T1': 7, 'T2': 3, 'TA': 123})
('T1', {'TF': 11, 'T2': 13, 'TA': 22})
('T2', {'TF': 5, 'T1': 9, 'TA': 25})
('TA', {'TF': 117, 'T2': 23, 'T1': 29})
```

Contagem de transicoes entre as areas

```
('TF', 133)
('TA', 169)
('T2', 39)
('T1', 46)
```

Tabela de transicoes entre as micro-areas

```
('T1_a', {'T1_b': 2, 'T1_c': 0, 'T2_c': 0, 'TF_b': 0, 'TF_a': 0, 'TA_d': 0, 'T2_b': 0, 'T2_a': 2,
'TA_a': 0, 'TA_b': 1, 'TA_c': 0})
('T1_b', {'T1_a': 3, 'T1_c': 1, 'T2_c': 0, 'TF_b': 0, 'TF_a': 0, 'TA_d': 1, 'T2_b': 1, 'T2_a': 1,
'TA_a': 0, 'TA_b': 1, 'TA_c': 0})
('T1_c', {'T1_a': 0, 'T1_b': 0, 'T2_c': 0, 'TF_b': 0, 'TF_a': 1, 'TA_d': 0, 'T2_b': 1, 'T2_a': 0,
'TA_a': 0, 'TA_b': 0, 'TA_c': 0})
('T2_c', {'T1_a': 0, 'T1_b': 0, 'T1_c': 0, 'TF_b': 0, 'TF_a': 0, 'TA_d': 0, 'T2_b': 1, 'T2_a': 0,
'TA_a': 0, 'TA_b': 0, 'TA_c': 0})
('TF_b', {'T1_a': 0, 'T1_b': 0, 'T1_c': 1, 'T2_c': 0, 'TF_a': 2, 'TA_d': 0, 'T2_b': 0, 'T2_a': 0,
'TA_a': 0, 'TA_b': 1, 'TA_c': 1})
('TF_a', {'T1_a': 0, 'T1_b': 0, 'T1_c': 0, 'T2_c': 0, 'TF_b': 2, 'TA_d': 0, 'T2_b': 0, 'T2_a': 2,
'TA_a': 0, 'TA_b': 7, 'TA_c': 5})
```

```

('TA_d', {'T1_a': 0, 'T1_b': 1, 'T1_c': 0, 'TF_b': 0, 'TF_a': 2, 'T2_c': 0, 'T2_b': 0, 'T2_a': 0,
'TA_a': 0, 'TA_b': 0, 'TA_c': 4})
('T2_b', {'T1_a': 0, 'T1_b': 1, 'T1_c': 0, 'T2_c': 0, 'TF_b': 0, 'TF_a': 0, 'TA_d': 0, 'T2_a': 3,
'TA_a': 0, 'TA_b': 1, 'TA_c': 1})
('T2_a', {'T1_a': 2, 'T1_b': 1, 'T1_c': 0, 'T2_c': 0, 'TF_b': 1, 'TF_a': 0, 'TA_d': 0, 'T2_b': 1,
'TA_a': 0, 'TA_b': 4, 'TA_c': 1})
('TA_a', {'T1_a': 0, 'T1_b': 0, 'T1_c': 0, 'T2_c': 0, 'TF_b': 0, 'TF_a': 0, 'TA_d': 1, 'T2_b': 0,
'T2_a': 0, 'TA_b': 2, 'TA_c': 4})
('TA_b', {'T1_a': 0, 'T1_b': 1, 'T1_c': 0, 'T2_c': 0, 'TF_b': 1, 'TF_a': 10, 'TA_d': 3, 'T2_b': 1,
'T2_a': 2, 'TA_a': 3, 'TA_c': 9})
('TA_c', {'T1_a': 0, 'T1_b': 1, 'T1_c': 0, 'T2_c': 1, 'TF_b': 2, 'TF_a': 1, 'TA_d': 2, 'T2_b': 1,
'T2_a': 0, 'TA_a': 4, 'TA_b': 13})

#### Contagem de transicoes entre as micro-areas ####
('T1_a', 5)

('T1_b', 8)

('T1_c', 2)

('TA_d', 7)

('TF_b', 5)

('TF_a', 16)

('T2_c', 1)

('T2_b', 6)

('T2_a', 10)

('TA_a', 7)
('TA_b', 30)
('TA_c', 25)

#### Duracao total de cada visita em area (micro-segundos) ####
('TF', 138057895)
('T1', 30326184)
('T2', 57603890)
('TA', 201260697)

#### Duracao media de cada visita em area (micro-segundos) (duracao_total / contagem_transicoes)
####
('TF', 1038029)
('TA', 1190891)
('T2', 1477022)
('T1', 659264)

#### Duracao total de cada visita em micro-area (micro-segundos) ####
('T1_a', 632898)

('T1_b', 2497757)

('T1_c', 816079)

('T2_c', 1082460)

('TF_b', 2015057)

('TF_a', 16420130)

('TA_d', 2947060)

('T2_b', 4763003)

('T2_a', 3847007)

('TA_a', 1648616)
('TA_b', 12940901)
('TA_c', 9209686)

#### Duracao media de cada visita em micro-area (micro-segundos) (duracao_total /
contagem_transicoes) ####
('T1_a', 126579)

('T1_b', 312219)

('T1_c', 408039)

('TA_d', 421008)

('TF_b', 403011)

```

```
('TF_a', 1026258)
('T2_c', 1082460)
('T2_b', 793833)
('T2_a', 384700)
('TA_a', 235516)
('TA_b', 431363)
('TA_c', 368387)

#### Quantidade de fixacoes iguais ou maiores do que 100ms para cada area ####
('TF', 563)
('T1', 142)
('T2', 264)
('TA', 814)

#### Duracao media das fixacoes filtradas por area (micro-segundos) ####
('TF', 242673)
('TA', 237490)
('T2', 210625)
('T1', 200429)

#### Quantidade de fixacoes iguais ou maiores do que 100ms para cada micro-area ####
('T1_a', 3)
('T1_b', 12)
('T1_c', 5)
('T2_c', 4)
('TF_b', 9)
('TF_a', 65)
('TA_d', 14)
('T2_b', 21)
('T2_a', 22)
('TA_a', 7)
('TA_b', 63)
('TA_c', 37)

#### Duracao media das fixacoes filtradas por micro-area (em micro-segundos) ####
('T1_a', 133228)
('T1_b', 195658)
('T1_c', 163215)
('TA_d', 205745)
('TF_b', 223895)
('TF_a', 250311)
('T2_c', 270615)
('T2_b', 209360)
('T2_a', 167297)
('TA_a', 223609)
('TA_b', 196950)
('TA_c', 225050)
```